

MEDICINA·NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ·HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XX

nº13 NOVEMBRO 1999



CADERNOS DE CULTURA

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XX



CADERNOS DE CULTURA

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director

António Lourenço Marques

Editor

António Salvado

Nº13 - Novembro de 1999

Secretariado

Urb. Quinta Dr. Beirão

27 - 2º E

6000 Castelo Branco

Telef.: 272 342 042

Produção

ediraia

Publicações Periódicas, Lda.

Rua da Fonte Nova, L1 nº35 r/c esq.

tel. 272 325 478 fax 272 325 479

6000 Castelo Branco

Impressão

Gráfica do Tortosendo, Lda

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo, da
inteira responsabilidade dos respectivos autores.

A ÁGUA EM “DE MEDICA MATERIA” DIOSCÓRIDES, SEGUNDO AMATO LUSITANO E ANDRES LAGUNA Alfredo Rasteiro	4
A ÁGUA, MEDICINA UNIVERSAL, E AMATO LUSITANO (1511-1568) Fanny André Font Xavier da Cunha	9
A ÁGUA E A VIDA QUOTIDIANA À LUZ DAS IV E V CENTÚRIAS DE CURAS MEDICINAIS DE AMATO LUSITANO António Lourenço Marques	16
AS ÁGUAS SANTAS - DAS VELHAS CRENÇAS À VOZ DE AMATO LUSITANO Maria Adelaide Neto Salvado	20
A IRONIA EM AMATO LUSITANO José Morgado Pereira	27
...O ESPÍRITO DE DEUS SOBRE A SUPERFÍCIE DAS ÁGUAS Maria de Lurdes Gouveia da Costa	31
O SAGRADO DA ÁGUA EM CULTOS JUDAICOS BEIRÕES Maria Antonieta Garcia	38
A ÁGUA E A FONTE: EM BUSCA DA SEXUALIDADE ESQUECIDA António Maria Romeiro Carvalho	43
ÁGUAS E CURAS MILAGROSAS NA SERRA DA GARDUNHA - A FONTE DA SENHORA DA ORADA Albano Mendes de Matos	47
A ÁGUA NA MEDICINA POPULAR NO CONCELHO DE PROENÇA-A-NOVA Maria da Assunção Vilhena	52
EL AGUA Y LOS POETAS José Miguel Santolaya Silva	55
DROGA VERSUS MEDICAMENTOS - UMA NÓTULA HISTÓRICA Romero Gandra	57

Medicina e Pós-Modernidade

Porquê a ideia de confrontar a medicina com essa outra ideia da pós-modernidade?

Terá algum interesse olhar para o estado desta actividade humana essencial, desenvolvida numa sociedade em que dominam fenómenos definitivamente inovadores, marcados pela explosão da comunicação social (mass media) que penetra a vida das pessoas de uma forma quase total e permanente, mas com um sentido que, infelizmente, parece ambíguo, mais desintegrador que unificador? Será que a evolução da medicina reflecte esta realidade social, não propriamente no seu progresso intrínseco, isto é, como campo científico em crescimento acelerado, mas no que respeita à sua aplicação global, quanto aos resultados efectivamente alcançados junto das pessoas?

Sociedade de massas, por isso mais complexa, mais díspar, mais heterogénea, pelo conhecimento global que se universaliza. Só que este conhecimento, que poderia ser congregador, não funciona exactamente assim. A ideia de caos social surge frequentemente perante a diversidade do mundo, onde as pessoas vivem sozinhas, como estranhas, com carência de relações interpessoais satisfatórias. Uma das características deste tempo é a solidão, podendo dizer-se que as pessoas, embora vivendo entrelaçadas por cabos electrónicos de comunicação, percebem os outros de uma forma fria, sem diálogo e sem coração.

E a medicina como se comporta no meio de tudo isto? Não estão em causa, como dissemos, os seus avanços, quer nas ciências biomédicas, quer na medicina clínica. Pode hoje viver-se melhor, com mais saúde, devido à capacidade atingida em prevenir, detectar e tratar as doenças. Por exemplo, certas infecções, altamente mortíferas no passado, como a varíola e a poliomielite, foram erradicadas ou minimizadas. Outras doenças, antes incapacitantes, podem agora ser tratadas com sucesso, através dos modernos meios curativos e da reabilitação. Outras, porém, duram mais tempo e fragilizam progressivamente o indivíduo, tanto mais se o atingirem na velhice ou para aí o projectarem. E há aqui um senão, ou seja, existem algumas consequências que não têm sido enfrentadas com o devido realce. Pode viver-se com melhor saúde e mais tempo mas, infelizmente, pode também morrer-se pior. No limite da vida, a medicina tem titubeado, como que envergonhada perante esse acontecimento que devia ser tão natural e cuidado como o próprio nascimento. O quadro pode desenhar-se assim: exacerbação terapêutica nas malhas de uma tecnologia insinuante, onde o silêncio humano é a regra, ou então, simplesmente, o abandono, por ironia, num mundo febril em comunicação. Julgamos, pois, que nos encontramos perante uma analogia muito forte entre a medicina e os traços negativos da pós-modernidade, tudo isto a necessitar, como é óbvio, de superação. E como? Rigorosamente, não sabemos. Achemos, porém, que não será de todo inútil procurar no passado certas lições positivas, ou que tiveram algum futuro.

Aceite-se o exemplo de uma viagem ao encontro de formas mais primitivas de pensamento, que parece terem funcionado com algum equilíbrio. Referimo-nos aos quatro elementos, uma ideia feliz que a cultura grega, matriz da civilização ocidental, encontrou para explicar o mundo. O Sol, a Água, a Terra e o Ar eram as partes primárias da constituição das pessoas e das coisas, e reunidas, mesmo pelas formas mais caprichosas, pareciam explicar em abundância o “milagre” da existência. Amato Lusitano utilizou também esta arquitectura para nos falar, várias vezes, da realidade que observava e na sua influência sobre o Homem, quer na forma natural quer como terapêutica. Também na Medicina da nossa região encontramos o seu papel. Este é o tema principal das XI Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XX”.

O número 13º dos Cadernos de Cultura reúne, entretanto, vários trabalhos apresentados nas Jornadas anteriores subordinados a um dos elementos já contemplados: a Água, dentro do mesmo âmbito.

A direcção

A ÁGUA EM “DE MEDICA MATERIA”, DIOSCÓRIDES, SEGUNDO AMATO LUSITANO E ANDRES LAGUNA

por Alfredo Rasteiro*

Atribui-se a **Empédocles**, (490-435) de Agrigento, a criação da doutrina dos quatro elementos, - fogo, ar, água e terra.

Até ao último quartel do século XVIII a água teve estatuto de elemento simples.

Em 1774 Antoine Laurent de **Lavoisier** (1743-1794) verificou que o ar resultava de uma mistura de elementos e Joseph **Priestley** (1731-1810) observou que o aquecimento do óxido de mercúrio libertava um gás, identificado e designado Oxigénio por Lavoisier, em 1777. Seis anos depois, em 1783, Henry **Cavendish** (1731-1810) e James **Watt** (1736-1819) combinaram Oxigénio com Hidrogénio e obtiveram Água.

Não existe biocompatibilidade entre a Água quimicamente pura e as células dos organismos vivos, mas, sem água não existe Vida e o futuro da Humanidade está pendente da preservação da pureza da água. A boa água é a que não foi poluída. Possui alguns sais minerais e tem pH e osmolaridade biocompatíveis.

Os escritos àcerca da MATÉRIA MÉDICA, as PHARMACOPEAS e até mesmo as classificações dos medicamentos, actualmente em voga, esquecem o tema Água e antes se preocupam com inúmeras composições que, muitas vezes, a tornam imprópria. Já era assim no Capítulo XI, Livro V do Peri íles iatríces, o celebrado DE MATÉRIA MEDICA de Pedaneio **Dioscorides** (40-90), obra traduzida e comentada por diversos autores, desde o século primeiro até ao presente, que mereceu a atenção de Amato Lusitano e Andres Laguna no século XVI e, nos nossos dias, a homenagem do poeta de Oviedo, residente em Léon, António Gamoneda (1931-) no LIVRO DE LOS VENENOS, 1995.

A Farmacognosia antiga destacava «*medicinas, ervas, águas, azeites, laxativos, cordiais e outras coisas*», como as que em 1519 seguiram na botica de bordo da nau de Fernão de Magalhães, águas de borragem, almeirões, língua-de-boi, funcho, endívia e serralha, numa viagem recordada por um António de

Pigafetta (1491-1524) obrigado a beber água «*putrefacta e repugnante*», enquanto mastigava «*pedaços dos couros de boi com que estava revestido o mastro grande para impedir que as cordas roçassem na madeira*» e ingeria serradura de madeira e ratos, a meio ducado cada um, em três meses e vinte dias que demorou a travessia do Oceano Pacífico, de gengivas inchadas e dores por todo lado.

Até aos séculos XV e XVI a aprendizagem médica exigiu a leitura do CÂNTICO DA MEDICINA de **Avicena** (980-1037), tradução do URGUZA FI'T-TIBB de Al-Husayn ibn abd Allah **ibn Sina** realizada em Toledo no século XII, um resumo do saber médico hipocrático-galénico que a ACTA HISTÓRICO MÉDICA VALLISOLETANA, LI editou em 1997, acompanhada da versão castelhana POEMA DE LA MEDICINA, de Najaty Suliman Jabary e Pilar Salamanca Segoviano. Avicena definiu Medicina como a Arte de conservar a saúde e, eventualmente, curar doenças; dividiu-a em teórica e prática e considerou que a parte prática englobava a cirurgia, exercida com as mãos e a terapêutica, que utiliza as drogas e os regimens alimentares. Avicena seguia Hipócrates (460-377 a.C.) e, nas «*Reglas concernientes a la bebida: agua u otras*», aconselhou:

«174. *Las aguas dulces del rio conservan la humedad original.*

175. *Provocan la eliminación de residuos y llevan el alimento a los vasos.*

176. *La mejor (agua) es el agua de lluvia pues no contiene nada nocivo.*

177. *Hay algunas (aguas) que han perdido sus primitivas cualidades y han tomado las de la substancia que se ha mezclado con ellas.*

178. *El vino, (passas secas) maceradas en agua y la leche alimentar.*

179. *Hay algunas (aguas) que dan su temperamento al cuerpo, como el aguamiel cuando se asimila.»*

Para «La bebida», acrescenta:

«828. *Se quieres evitar la enfermedad, divide tu alimentación en ires pertes:*

829. *un tercio para la respiración, un tercio para la alimentación, el resto para el agua.*

830. *Un poco de agua fría apaga la sed mejor que una gran cantidad de agua templada.*

831. *Mucho hielo en la bebida es malo para los nervios,*

832 *que la tome solamente el hombre obeso, sangíneo, de tejidos firmes.*

833. *Cuidado, no bebas en la mesa salvo amenaza de ahogo*

834 *y tampoco después de la comida ni cuando se sale de un baño*

835 *ni después de un ejercicio violento, ni después de las relaciones sexuales, puede ser peligroso.*

836. *Si es necesario, si tienes poca paciencia, bebe com moderacion.*

837. *Cuando la digestión tiene lugar en la parte inferior del estómago,*

838 *toma entonces la cantidad de agua que apague tu sed y el vino que apetezcas,*

839 *pero después de haberte saciado de agua y de vino,*

840 *si vuelves a tener sed, no bebas más...*»

Pietro Andrea Mattioli (1501-1577), **Amato Lusitano** (1511?-1568), **Andres de Laguna** (1499-1563) e, em parte, **Garcia d'Orta** (1500-1568) situam-se entre os primeiros Autores que estudaram, traduziram e comentaram o que Dioscorides de Anazarba, Cilícia, escreveu à cerca de **MATÉRIA MÉDICA**, descrição de 600 plantas, 35 produtos de origem animal e 90 corpos minerais com interesse médico, impressa pela primeira vez em Cole, 1478 em versão latina, seguida da versão grega, Veneza, 1499.

Laguna e Amato conheceram-se na Universidade de Salamanca, eram amigos, foram médicos do Papa Júlio III (1500-1555) e durante o papado de Paulo IV (1555-1559) cada um teve que ir à sua vida, Andrés seguiu para Antuérpia ao serviço de Carlos V (1500-1558) e o Lusitano seguiu para Pesaro (1556), Ragusa (1557) e Salonica (1559), enquanto se esbatiam as ligações que mantinha com a Família dos Mendes, então presidida por Dona Beatriz de Luna Mendes Benveniste, Hanna Gracia Nasci (1510-1569).

Mattioli e Amato não se entendiam, discutiram prioridades, travaram-se de razões. Mattioli escrevera «*Discursos sobre os livros de Matéria Médica de Pedacio Dioscorides*», Brescia, 1544 e vivia na terra em que nascera. Em Itália, Amato era apercebido como um romeiro.

A Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra possui exemplares dos Comentários de Amato e Laguna à obra de Dioscórides, preciosas segundas edições herdadas da Biblioteca do Mosteiro de Santa Cruz dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que albergaram a Faculdade de Medicina de Coimbra entre 1540 e 1544 e cujo prior-mor manteve o cargo de Cancelário da Universidade até 1834.

Começo por Laguna: «**PEDACIO DIOSCORIDES ANAZARBEO: ACERCA DELA MATÉRIA MEDICINAL, Y DELOS VENENOS MORTIFEROS**, *traduzido de lengua griega, en la vulgar castelana, y ilustrado com claras y substanciales Annotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas y raras por el Doctor Andres de Laguna Medico de Julio III Pont. Max. Dino Philippo, Divi Caroli V Aug. filio haeredi*

Opt. Max. dedicat, Salamanca, MDLXXXVI (1586) que, entre muitas outras ilustrações, apresenta uma magnífica representação do elefante, paramentado com o escudo de armas de D.Manuel e seguido por um lacaios de vasculho às costas, pronto para o que caísse. A primeira edição desta obra surgiu em 1555, em Antuérpia. O exemplar que consultei foi estropiado por *Geronimo Garcia*, metucioso funcionario da inquisição, que assinou o nome, indicou funções e riscou até se faltar. A descrição da Água surge na página 512 e contém apenas o seguinte:

«*Del Agua - Cap. XI. Li. V de Diosc. - Difficil cosa es determinar algo vniversal-*

mente de todas as aguas por razon de las propiedades y particulares naturas de los lugares de donde manan, y de los ayres, y de otras cosas no pocas. Empero por la mayor parte, aquella es la mas excellente de todas, que sie(n)do dulce, pura y desnuda de qualquiera outra qualidad, no se detiene junto en la region alta del vientre, mas descende sin dar pesadumbre, ni hinchar las partes por donde passa, ni corromperse en ellas.»

Amato editou as suas «narrações» em Veneza, 1553. Em Coimbra dispomos de um exemplar do «**IN DIOSCORIDIS ANAZARBEI DE MEDICA MATÉRIA LIBROS QVINQVE, AMATI LVSITANI Doctoris Medici ac Philosophi Celeberrimi enarrationes eruditissimae**», Lyon, 1558. A descrição da água surge na página 748 e corresponde ao texto de Laguna:

«*Lib.V - De Aqua. Enarratio XI. Aqua fontana, vel*



fluuiatilis, pondere, vt bona fit, considerari non debet, vt recte admodum Plinius adnotat, quae vt corpus nostrum ingreditur, inter caeteras aquas primatum obtinet. Si vero vt elementum, ac frigida, & tenuis consideretur, pluuiialis precipua est: proinde multi quum aquam tanquam potum considerant eam fontanam vel fluuiatilem, fummis laudibus extollunt, pluuiatilem vituperantes, vt Plinius, & alij celebres viri, quum vero aquam tanquam elementum considerant, pluuialem maxime laudant, vt Hippocrates & Paulus. Caeterum, de aqua & eius facultatibus legito Galenum, li j. simp. cap. quarto, quinto, sexto & septimo.»

Segue-se, na mesma página 748:

«Aqua marina»: «De Aqua maris - Enarratio XII - Aqua marina, dulci gravior est, & ea de causa, naues in mari securius navigant, quam in fluuiis, vt Galenus, quoque adnotasse legimus libris de Facultatibus simplicium medicamentorum. Verum, aqua marina clysteri iniecta, aluum expurgat, & dolores coxendicos curat, ac serpentia vlcera remoratur. Sed in praesenti, vnum non praetereundum est, quod Dioscorides in fine huius capituli attingit, videlicet, quum dicat: Verum tamen post purgationem, gallinaceorum, pisciumne esculentum ius dandum est, ad infrigendam erosionis eius acrimoniam: quae verba intelligatis velim, ad Hippocratis & Galeni mentem lib. ij. de Ratione victus in morbis acutis: & libro, Quos purgare, qualibus medicamentis, & quando oporteat, vt illico post epotum pharmacum, ius gallinaceorum, vel piscium, ptisanamue, aeger absorbeat, vt eius pharmaci vis acrimoniae infrigatur debilitetur, & consequens oris ventriculi laesio ab eodem pharmaco conducit mox super sorbere cremorem ptosanae, vt qui id quod in transitu affixum, applicitumq; est, abstergere, & deorsum trahere, qualitatem vero medicamenti, particularis insidentem, temperare & inalterare possit. Est haec ratio O viri prudentissimi, propter quam prisci ille medici, tam fortia medicamenta dare aegrotantibus adebant, quia pharmaco ab aegrotante ebibito, illico cremorem ptisanae forbendum illi dabant, ob quem medicamentorum acredo, venenoitasue obtundebantur, & à membris superioribus & nobilibus, ad inferior descrudebant, non vero vt hodie incij putant, & conciliator monet, quia antiquitus aureo illo século, homines robustiores & maioribus viribus praediti quàm nunc sunt erant: quum idem nunc fit mundus qui autem erat, nec vllus immutatus stellarum ordo, vt meminit Galenus libello illo, Quod optimus medicus sit & philosophus. Sed hoc nostro tempore medici, nacti meliora & securiora medicamenta, tantum abest, vt illico post e pota illa, ptisanam aut ius aliquod ebibendum propinent, vt potius absoluta purgatione, ius simplex pulli gallinaei, aut ptisanam concedant, quod opus summopere laudamus, quia quum licebit comedere, licebit prius abluere, interim dum tamen pharmacum operatur, ptisanam vel aluum potum amplius nom dabimus, ne actio medicamenti exolvatur:

vt quoq; Avicenna subscribet dicens: Oportet vt potuiatus nō comedat vel bibat, donec medicamentum suam conficiat operationem.»

O estudo da «Matéria Médica» de Dioscórides durante o século XVI e as impressões, traduções e comentários que a tiveram como objecto, exemplificam o que são barreiras linguísticas e mostram como ultrapassá-las. Amato leu versões do original e comentou as observações de Matíolo. Laguna conheceu versões do original, leu o «discurso» de Matíolo e as «enarrações» de Amato.

Garcia d'Orta teve acesso a Dioscórides, Matíolo, Amato e Laguna e a sua obra, escrita em língua portuguesa, será divulgada, entre outros, por Christoual Acosta (1538-1594) em castelhano (1578), Carolo Clvsio (1526-1609) em latim (1567) e Jan Huygen van Linschoten (1563-1611) em holandez (1596).

No presente, na Grande Europa que não pode esquecer raízes comuns greco-latinas, enquanto os portugueses adoptam o mirandês como segunda língua, as «anotações» castelhanas de Laguna facilitam o acesso à Obra de Amato.

Sobre «água do mar» André Laguna anota, página 512:

«*Del Agua Marina . Cap. XII - El Agua marina es caliente, aguda, dañosa al estomago (visto que suele turbar el vie(n)tre) y purgativa de flema. La qual administrada caliente como fomentacion, trahe hazia fuera, y resuelve de mas de esto, es vtil a las passiones de nervios, y también a los favanones, antes que dessuellen. Mezclasse cō los emplastos que de harina de ceuada se hazen, y cō los que tienen facultad de molificar; y de resolver: Suelese echar tibia en clyster; para acuar el vie(n)tre, y cale(n)te para mitigar los dolores de tripas. Sirue d lauatorio excelle(n)te cōtra la sarna, cōtra la comezō, cōtra los empeynes, cōtra a las he(n)dres, y cōtra las tetas endurecidas, a causa de la leche abundāte. Tābié resuelve los cardenales administrada, y sirue cōtra las mordeduras de aquellas fieras empõçoñadas, que resfriam y haze temblar el cuerpo; y especial de los escorpiones, y de los Phalangios, y aspides; si el herido se mete en ella callie(n)te. Sirve assimesmo su baño a las malas disposiciones diuturnas de todo el cuerpo, y de los nervios. El vapor q de la hirviente se alça, es vtil a los hidropicos, a los subiectos a dolor de cabeça, y a los que oyen difficilmente. El agua marina pura, que la dulce no tiene mezcla, cō el tiempo, si la guardam, perdiera toda su malicia. Algunos la cuezem primero, y despues la guardan. Dase para purgar el cuerpo sola por si, o con vinagre aguado, o con vino; o con miel. Empero despues de la purgation suelen dar vn caldo de gallina, o de peces, para templar el agudeza de su mordicacion. El agua es vn muy necessario ellemento, ausi a la vida como a la generacion humana. Porque dado que inmediatamente, quiero dezir bevda, no dê algum mantenimiento a los*

cuerpos, sino solamente sirva como ad alid, de acompañar las viandas, guiando las y distribuyendo las por las venas, toda via por muchos medios repara, conserva y acrecie(n)ta toda nuestra substancia; visto que no comeríamos pan, ni biveríamos vivo sin ella. Por donde a mi ver tuuo razon grandíssima Socrates, quando dixo, que no deviam jamas habitar los hombres, a do ni se administrasse justicia, ni corriessen perpetuos arroyos de agua ... » e as anotações prosseguem, em mais duas páginas.

Além da água da fonte, da chuva, do tanque e do mar, os comentários de Amato à Obra de Dioscorides estendem-se, entre muitos outros assuntos, à preparação da «*água do pau do Guaiaco*», mēzinha americana muito desejada na Europa, desde o começo do século XV, para o tratamento da sífilis (Enarratio CXIX, Lib.I, p. 168), formulação de uma «*água para curar úlceras da verga*» a partir do «*verdete*» (Enarratio L, Lib. V, p. 760), possi-bilidades da «*aqua naphae*» (Enarratio CL, Lib. I, p. 211) e, a pro-pósito do «*Cedro*», registam o comporta-mento de diversas subs-tâncias em presença de óleo e em presença de água, «*aqua amantia quae*» (Enarratio XCV, Lib.I, «*De Cedro*», p. 130):

«... Non libet ab hoc loco prius discedere, quam resinarum, & gummi amicitias odiaq; recenseam, sunt enim nonnullae quae aquam, sprito olo veliut: sunt quae oleū contrā aqua reiecta; sunt quae neutrum, quae igitur oleum amant, & cum eo amicitiam habent haec sunt.»:

1. Substâncias miscíveis em óleo (*Oleum amantia*):
Mastix, Thus, Sandaracha inuiperi, Euforbium, Sty-rax calamita, Colophonia, Benzuinum, Resina Pini, Terebinthi resina, Camphora, Gummi elemi, Oppoponax, Sagapenum, Chalbanum, Assa foetida, Ladanum, Pix navalis

2. Substâncias miscíveis em água e não miscíveis em óleo (*Aquam et nom oleum*):

Gummi Arabicum, Lacca, Drachantum, Sanguis Draconis

3. Substâncias não miscíveis em óleo nem em água (*Nec oleum nec Aquam*):

Ammoniacum, Bedellium. Myrram

Amato preocupou-se com a pureza da água e a primeira memória do livro que escreveu acerca de SETECENTOS CASOS CLÍNICOS refere uma fonte salubérrima existente em Norcheria, arredores de Foligno, pátria de Gentile comentador de Avicena,

forma muito simpática de referir Gentile da Foligno (falecido em 1348) e Avicena. Não sei se a Academia das Ciências de Lisboa aprova o superlativo de salubre e lamento já não termos entre nós Firmino Crespo, para lhe dizer que a «*saluberrimus fons*» de Amato era certamente uma fonte maravilhosa, mas não era disso que se tratava. Lamento que se exijam dezoito valores a quem deseje entrar para uma Faculdade de Medicina sem se verificar se sabe escrever e ler correctamente alguma língua e desejaria que os latinistas tivessem alguma sensibilidade para «coisas médicas».

Longe de Castelo Branco, Amato viveu em cidades à beira-rio e, por vezes, junto ao mar. Recordou as águas alouradas do Tormes, que banha Salamanca e o Tejo aurífero, que torna o clima de Lisboa mais ameno e parecido com o de Roma, atravessada pelo Tibre. Em Itália, seguiu em direcção ao mar, na Marca lembrou-se da Mancha e de Ferrara foi para Ancona e

Pesauero. Conheceu Veneza e terminou os seus dias em Salonica, do outro lado do mar Ilírico, depois de ter vivido em Ragusa, hoje Dubrovnick. Em Lisboa, Roma, Ancona, Pesauero e em Viana do Castelo, Porto, Figueira da Foz, Nazaré ou Setúbal, se virarmos costas ao monte e ao casario, temos à frente o mar e à esquerda o rio. Não sei se é esta a regra para a implantação das cidades marítimas. Foi assim em Ancona e

Pesauero, costas voltadas às praias atlânticas de Portugal.

«*Água caída durante a noite sobre canas*», não sei se orvalho, se a água da chuva indicada por Avicena, foi «paradigma» da pureza exigida na preparação de um colírio (QUINTA CENTÚRIA, Memória LXXVII, Salonica, 1560).

Amato «*sabia que a água fria era capaz de ser proveitosa*» e com este remédio algumas vezes «*achou o segredo à saúde*» (PRIMEIRA CENTÚRIA, Memórias I e II, Ancona, 1549). Na terceira memória da PRIMEIRA CENTÚRIA sete versos latinos resumem o primeiro capítulo (*fen*) do quarto CÂNONE de Avicena e celebram as dezoito qualidades da boa água: características da fonte, informação disponível, profundidade, corrente, distância à origem, subtileza, liberdade, apta a ser bebida, abundante, clara, não liga com o vinho, inodora, insípida, afugenta a hipocondria, não é poluída, possui grande mobilidade, elimina-se facilmente e coze bem os legumes.



No final do século XX Alunas e Alunos de Farmacologia, tanto de Medicina como de Farmácia, reconhecem como formas líquidas de Medicamentos: «soluções aquosas» ou hidrolitos, formas extractivas e formas complementares. Macerados, digestos, infusos e cozimentos ou decoctos são formas extractivas; limonadas, mucilagens, sucos, tisanas, xaropes, melitos e poções, formas complementares. (João Rui Pita: FARMÁCIA E MEDICAMENTO. Noções gerais, Minerva, Coimbra, 1993).

Durante o século XVII o «Venimecum» de Pedro de Bari DE MEDENDIS HUMANI CORPORIS MALIS ENCHIRIDION, reeditado em Coimbra em 1689, resume as qualidades da água, página 604:

«*Aqua quae cito calesit, & cito infrigidatur, leuissima est, testibus Hipp. & Gal. de Bonitate aquae. Omnes aquae quae aestate sunt frigidissimae, hyeme vero calidae, optimae sunt. Aquae fontium, quae sunt super montes, meliores: pluuiiales vero leuissimae, vt supra. Bona aqua omnibus aetatibus conuenit. Hippocr. & Galenus de Bonitate aquae. Pueri non sunt omnino prohibendi à potu aquae frigidae, sed multoties bibant super cibum, & horis caldis. Galenus primo de Sanitate tuenda. His qui sunt valde calidae complexiones, potus aquae est cõuenientior potu vini. Gal. in libello de Vinis, & in lib. de Euchymia, & cacochymia. Aqua tribus sensibus cognoscitur, visu, vt sit clarissima: odoratu, vt omni careat odore: gusto, vt omni carear sapore.*»

O que Avicena escreveu a propósito da água, em seguimento de Hipocrates, Galeno e Dioscorides, continuou verdade com Laguna e Amato, atravessou o século XVII e chegou até hoje, sendo cada vez mais difícil encontrar fontes abundantes e bosques tranquilos. A Medicina Ocidental, fiel à tradição Hipocrática e à prática dos Asklepiadas, assistiu à substituição dos templos onde era praticada e ensinada, mas continuou a ter uma enorme ternura por todos quantos buscam *fons mirabilis*, desde a *fons Juventas* que ninguém encontrou, até à salubérrima fonte de Norcheria, que recebia mordidos por víboras, desde o banho purificador em Nossa Senhora de Lourdes, que levou Alexis Carrel (1873-1944) ao catolicismo, aos fontanários de Fátima, das águas da «fonte da moira» mais recôndita até à industrialização do Alardo.

São cada vez mais raras as fontes abundantes e os bosques tranquilos. Em Terena, da colina onde esteve a igreja de São Miguel da Mota, construída sobre a sapata do templo dedicado a Endovélico que, com os Romanos, se assemelhou a Asklépio, avista-se a

Serra de Ossa, que teve cinquenta fontes, que foram exauridas até à última gota de água, com a plantação desenfreada de eucaliptos.

Até ao século XVIII a água foi considerado um elemento simples.

A água quimicamente pura é incompatível com a Vida. Exigimos água bacteriologicamente pura, desperdiçamos água, poluímos água.

Diogo Pires (1517-1607), de Évora, admirador e companheiro de infortúnio de Amato Lusitano, celebrou a pureza e a necessidade da água nos versos que dedicou à «Água da Prata», o aqueduto reconstruído em 1536, em Évora, cidade sede de um Hospital Distrital onde sucumbiram, por excesso de Alumínio na água distribuída ao domicílio, vinte e dois hemodialisados, entre Setembro de 1990 e Março de 1993 (Revista da Ordem dos Médicos, 1994, Fevereiro, 33-37). Este assunto foi considerado tabú e excluído das celebrações do Quinto Centenário do Hospital do Espírito Santo de Évora, em 22 de Novembro de 1995 (ACTAS, Evora, 1996). Era uma época em que a democracia portuguesa lutava com restrições informativas em diversos domínios, desde a poluição das águas marítimas no litoral alentejano, após o afundamento, intencional, em 9 de Novembro de 1995, do Navio S. Miguel carregado de explosivos que continham Mercúrio, até ao nepotismo que permitiu a infecção de hemofílicos por vírus HIV, denunciada publicamente pelas respectivas associações em Dezembro de 1991 ou, igualmente gritante, o silenciamento das encefalopatias espongiformes, problema mal estudado e pior conduzido, desde a Portaria 702/94 B, de 2 de Setembro de 1994.

A Beira Interior vive o «problema água», desde sempre. As civilizações que deixaram vestígios em Foz Côa e em Fratel desenvolveram-se ao longo de rios que foram sendo conhecidos, regularizados, barrados, *exgotados* e esgotados.

A luta pela água é sem tempo e contra o tempo. Eucaliptos, túneis, muros, indústrias, lixos, lexívias, gasolinas, óleos, pilhas, lâmpadas, adubos, matadouros, porcos e galinhas, ... tudo destrói a água.

Somo joguetes nas sociedades de consumo. Fabricamos água e não preservamos a boa água.

Por vezes lembramo-nos de que apenas somos água, ou pouco mais.

E é da nossa Vida, do nosso Futuro, dos nossos Filhos, que se trata!

* Faculdade de Medicina de Coimbra

A ÁGUA, MEDICINA UNIVERSAL, E AMATO LUSITANO (1511 - 1568)

por Fanny André Font Xavier da Cunha*

“A água pode muito no governo do nosso corpo...”

in ANCHORA MEDICINAL
FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES

Em nota introdutória à tradução de um manuscrito de Ribeiro Sanches (1699-1783), por ocasião das 4^{as} Jornadas da Medicina na Beira Interior, procurámos fazer a apologia da hidroterapia na conservação da saúde, para o que recorremos a obras de dois notáveis médicos: Doutor Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731) e Doutor Francisco Tavares (n. em meados do séc.XVIII-1810). A obra deste último, distinto farmacólogo e hidrologista, intitulada “Instruções e cautelas práticas sobre a natureza, diferentes espécies, virtudes em geral, e legítimo uso das águas minerais com a notícia da aquelas que são mais conhecidas em cada uma das províncias do reino de Portugal.”, (1810), marca o início do estudo científico da hidrologia portuguesa. Note-se que só em 1892 surge a primeira lei sobre águas minerais portuguesas, apesar de todas as informações contidas na obra referida.

O Doutor Francisco Tavares escrevia em 1810: “Portugal he talvez o pays da Europa aonde, proporcionalmente à extensão do seu território ha maior quantidade de águas mineraes, particularmente de Caldas, e aonde he mais universalmente ignorada a sua legítima applicação, assim como são mui pouco sabidos os mesmos lugares, aonde muitas dellas nascem...”.

Recuemos ao século XVIII e à obra de Fonseca Henriques, intitulada Aquilégio Medicinal (1726), na qual o autor justifica a obra porque “aqui se achará noticias das muytas Caldas, que ha neste Reyno, e no dos Algarves; cujas virtudes se declarão, e manifestão, para que possão usar dellas os que as necessitam; porque tem sucedido, que por falta de noticia, se buscassem Caldas distantes, deyxando

outras vizinhas, igualmente effcaces. Assim também se achará nesta obra noticia das fontes, rios, e das mais ágoas, que tem virtude medicinal...”

Dos rios, por exemplo, diz: “Todos os rios de agoa doce são uteys na Medicina, tomando banhos nelles para os males que dependem de intemperanças quentes, que produzem effervescencias no sangue, estuação nos hipochondrios, espasmos, convulsões e crispaturas nas partes sólidas, prurigens, e comichoens na contextura da pelle; e outros mays danos se remedeão...”

A água, no seu estado puro foi utilizada por Amato Lusitano, quer como bebida, quer em banhos, em especial contra certas doenças febris. Seguia, na sua aplicação, os conselhos de Hipócrates e de Galeno.

A primeira referência que é feita ao uso da água na obra de Amato Lusitano surge na CURA I, 1^o Centúria-Feita em Portugal, em que se trata do curativo da mordedura de víbora, na qual diz que “há em Norquéria, a oito milhas da cidade de Foligno, pátria de Gentil, o grande comentador de AVICENA, uma fonte maravilhosa, com abundante água, muito fria. Se nela se mergulharem os mordidos por víbora ou serpente, e se deixarem estar durante uma hora, ficam sãos e salvos. Isto talvez seja resultante de a frialdade da água gélida quebrar o calor do veneno viperino, enfraquecendo-o e embotando-o”.

Porém, como a Cura foi realizada em Portugal, Amato tratou a doente mandando chamar um cirurgião para escarificar em volta da mordedura, e aplicar ventosas. Depois aplicou-lhe emplastros, deu-lhe poções, unguentos, etc. Deste «etc» constam parches aquecidos, contendo estérco de cabras dissolvido em vinho, com pó de nardos, de louro e de eufórbio! Quanto não seria preferível a água gelada!!! Mas a doente curou-se!

Ao longo das suas CURAS veremos como o uso da água fria, frigidíssima ou gélida foi utilizada por Amato tanto externamente como internamente, em bebida, pura ou contendo substâncias medicamentosas ou

aromáticas.

Todos sabemos que o nosso corpo contém cerca de 63% de água, quase 2/3 do seu peso, distribuída pela saliva, humor aquoso, linfa, rins, músculos, fígado, gordura e marfim dentário. Porém, o nosso corpo perde constantemente água, cuja perda é equilibrada não só pela água que se bebe, mas também pela que está contida nos alimentos que se ingerem: legumes e cereais, frutos, tubérculos, pão, leite, produtos lácteos e carne. Quase todos estes alimentos já foram tratados nas CURAS de Amato Lusitano, inclusive vimos que na alimentação dos seus doentes ele utilizava as mais diversas preparações cuja base é a água: tisanas, infusos, decoctos, caldos de aves e, não falando apenas na alimentação, utilizava a água em fumigações, banhos e clisteres. Evidentemente que todos estes preparados, feitos à base de água, continham substâncias medicamentosas, como as águas de diferentes essências: água de romãs, água de rosas, etc. Ainda nos nossos dias vêm citadas na Farmacopeia, águas de canela, de flores de laranjeira, de louro cereje, de hortelã pimenta, de tília, de erva-cidreira e de rosas, tão prescrita por Amato.

Muito embora viesse a seguir os conselhos de HIPÓCRATES e de GALENO quanto ao uso da água, na sua CURA II, 1ª Centúria, ainda parece duvidar um pouco da sua acção terapêutica, porque exclama: “Deus louvado”, ao verificar os efeitos benéficos da água.

Nesta CURA, realizada na Bélgica, em que se trata da dor de cólica, depois da aplicação de clisteres, fricções e sangrias, após extracção de sangue, a doente queixou-se novamente da dor e de muita sede. Finalmente Amato, sabendo que a água fria era capaz de ser proveitosa, concordou de boa vontade. E é o próprio Amato que diz: “Deus louvado, mal acabou de beber um copo, a dor abrandou subitamente, que pareceu aos circunstantes obra de encantamento. E o que foi maior admiração, a dor não voltou mais.”

Assim, na CURA III, da 1ª Centúria- Em que se trata duma febre terçã dupla, Amato diz-nos que “durante o paroxismo, debaixo daquela febre ardentíssima e atormentado por fortíssima sede, pede-me (o doente) que lhe dê água fria. Concedo-lha da melhor vontade e até à saciedade. Assim, no espaço de vinte dias foi restituído à saúde.” E justifica nos seus Comentários: “ora todos os médicos confessam que nas febres biliosas e sanguíneas convém água até à saciedade. Segui o maravilhoso pai da medicina, HIPÓCRATES, que no livro 3º De Ratione victus in morbis acutis, onde trata da água, reza assim: “Não tenho nenhuma outra função a conceder à água que se bebe nas doenças agudas, além do auxílio que leva aos febricitantes, bebida em grande quantidade...” E cita Galeno, o maior defensor da verdadeira medicina que, em casos de febres biliosas e sanguíneas, recomendou muitíssima água fria e indica as

qualidades exigidas a uma boa água: que seja boa e também pura, incolor, inodora e insípida.

E cita os autores Modernos, em cujos versos se descrevem os caracteres duma boa água: “Nascente, queda, leito, corrente distante da origem, fina, arejada (non tecta), leve, de sabor agradável, (pascibilis apte), abundante, cristalina, tolerando pouco o sabor do vinho e carecendo também de cheiro, limpando com força a hipocondria, não contendo coisas prejudiciais, descarregando os resíduos em pouco tempo, dissolvendo por si o que coze; eis os dezoito modos principais de conhecer a água”. Sendo a água pura e boa, é no uso da água que se bebe que se encontra o remédio para alguns achaques, mais que na virtude dos medicamentos que se aplicam. Foi o caso desta Cura, em que foram empregues primeiro evacuações, tanto por meio de extracção de sangue, como de purga, e finalmente água bebida até à saciedade. Porém, no caso da CURA VIII, 1ª Centúria, após muitos e variados medicamentos, só depois de ter bebido uma purga da bÍlis negra é que o doente ficou livre da crise. Mas nos seus Comentários, A. Lusitano diz que de começo os atacados de quartã devem ser tratados brandamente, não se lhes aplicando purgação ou clister, mas sim xaropes ou cozimentos, ou conservas de borragem, buglossa, douradinha e outras substâncias relativas à melancolia, bebendo-se águas que tenham acção sobre a mesma, como a água fervida com douradinha (ceterach). Na CURA XI- Duma terçã sanguínea, e da quantidade de xarope a dar, além do xarope mais ou menos diluído em água (oximel); “deve ser bebida tanta água fria quanto dela o doente puder haurir engolindo, mas dar-se-há pouco oximel e nunca mais de metade por cada oblação. A água que assim se bebe concorre para curar.”

Na CURA XXVIII, 1º Centúria- Duma febre contínua, acompanhada de dor em volta das falsas costelas e da propinação de vinho nas febres contínuas, é posta a dúvida entre o vinho e a água, porque o vinho que ele usava era branco e naturalmente frio, visto que comparado ao corpo humano é, sem dúvida, frio. E Amato explica: “De facto, com as suas propriedades logo torna frio e até esfria mais do que a água; pois a água esfria só porque é fria; o vinho, não só esfria pela sua frialdade, mas ainda por uma certa agrura do paladar, pelo que penetra mais facilmente do que a água”. Citando GALENO, no livro 8º do Methodus medendi, “A este vinho branco chamam os médicos aquoso porque é semelhante à água na cor como na substância; é evidente que, se parece esplêndido como a água, puro e ténue de substância, logo é semelhante à água pela propriedade natural, não provocando fraqueza de cabeça nem dos nervos, visto que não aquece manifestamente.” Por isso os médicos o davam aos febricitantes. Para Amato, e nas palavras de GALENO, se o vinho branco aquoso assim como é semelhante na aparência à água, igualmente no

vigor, e por isso produz urina, tanto águas como vinhos aquosos provocam a produção de urina, fica a dúvida se é o vinho que faz penetrar a água, ou se a água o vinho, que pela sua qualidade quente, faz penetrar a água, e a água, pela sua subtilidade, o vinho. E conclui: “Com efeito a água no conjunto é mais subtil que o vinho; o vinho, porém, em certo modo é mais subtil do que a água”.

Na CURA LVIII, 1ª Centúria- De dor nos intestinos proveniente de causa cálida, Amato verificou que os intestinos do doente estavam sobremaneira aquecidos, deu-lhe a beber muita água gelada, após o que a dor se desvaneceu tão rapidamente, que o doente gritava em voz alta estar curado. Quando a dor reapareceu, e para seu completo acabamento, mandou aplicar ao umbigo um pano embebido em água fria. Estes panos são nos nossos dias substituídos pelos sacos de gelo.

A ingestão de água gelada também é benéfica, segundo A. Lusitano, em certos casos, como o da CURA XLVI- 2ª Centúria- Da desinteria biliosa, curada pela ingestão de água gélida: “Um rapaz bilioso, durante o período do Verão começou a ser atacado de dejeções biliosas, a ponto de chegar a expelir aparas de intestinos. Sentia muita sede e sem conselhos dos médicos que o tratavam ousou beber água fria copiosamente, restringindo-se-lhe imediatamente o fluxo e ficando ele livre de tão cruel doença.”

Também na CURA XXXIX, 3ª Centúria- De febre expulsa apenas com purgante minorante em que a bebida era água fria dos Carmelitas, o doente se curou.

A mesma bebida - água da fonte - foi dada ao doente da CURA XIX, 5ª Centúria, De uma terçã dupla convertida em simples e curada brevemente; a água era misturada com julepo e a fonte seria de Ancona, onde Amato exercia. Se fosse em Portugal, poderia ter receitado água fria das fontes citadas por Fonseca Henriques, das quais existiam diversas - Agoas tão frias, que fazem o vinho vinagre.

A lista das Curas de Amato é bastante exaustiva quanto à propinação de água fria ou gelada. Assim, e continuando, no caso da CURA XLIII, 5ª Centúria- De terçã expulsa com beber água gélida, estando o doente atacado de uma grande e medonha febre, em estado gravíssimo e atormentado de grandes securas, não lhe dando água os seus médicos assistentes, Amato foi chamado para o ver. Vendo aquele doente tão oprimido e cheio de sede, com a língua também muito árida, permitiu-lhe beber água até se saciar...” Depois de ter bebido, o doente teve uma forte transpiração e

sentiu-se tão bem que ficou curado no dia do seguinte paroxismo. Para não haver reincidência, tomou uma purga de maná com ruibarbo diluído e sentiu-se como um príncipe”. Na CURA LVII, 5ª Centúria- De febre contínua que veio após outra maligna, depois de proceder à sangria, e de propinar um decocto, um cremor de tisana e de o ter tratado com ventosas, Amato verificou que o doente era atormentado por uma sede desmedida, pedindo com veemência água fria. De novo nos diz: “embora estivessemos no Inverno, permiti-lhe que bebesse até ficar satisfeito. Com isto ficou muito contente e transpirou muito. No dia a seguir sentiu-se melhor e o cremor de tisana nas refeições foi aumentado, e com uns decoctos e alimentação à base de frango cosido e de vinho vermelho, no 14º dia ficou totalmente curado.”

Um exemplo do uso da água externamente mas sem ser em banho é o da CURA I, 7ª Centúria, De um delíquo proveniente de grande pesar, em que a doente, porque sofrera um grande desgosto, teve um ataque de perda de sentidos, a ponto de todos pensarem que ela morrera. Amato, que entretanto fora chamado, começou por aplicar os ensinamentos de GALENO (tratando-a com substâncias aromáticas, contração de narinas, arrepelar dos cabelos, fricções, aplicação de ventosas, etc). Porém, foi ao seguir os conselhos de HIPÓCRATES, que mandava derramar algumas ânforas de água fria sobre o rosto e o peito, que a doente se reanimou e voltou a si.



Amato só põe em dúvida se a ânfora referida por HIPÓCRATES seria um vaso contendo oitenta libras, ou um mais vulgar e pequeno. Também utiliza a água no estado sólido (gelo) na CURA LXXIX, 7ª Centúria- De uma peripneumonia, contraída por defluxo da cabeça em que a doente não reagia à medicação, o que muito apoquentava Amato, e este perguntava a si próprio como a deveria tratar, e estando assim aflito, veio-lhe à ideia que ela se salvaria se mantivesse constantemente na boca gelo, que pouco a pouco derreteria e destilaria. Com este remédio a doente curou-se, sem necessidade de remédios tópicos ou locais.

O recurso de Amato às águas frias, como medicação, viria a ser justificado, já no século XVIII, por Fonseca Henriques, que dizia: “As agoas frias que tem virtude medicinal servem de remédio e de regalo. He grande felicidade achar agoa, que se beba com gosto, e que se use com commodo. He recrear a alma, e curar o corpo, sem experimentar do desgosto dos remedios pharmaceuticos, em que está

mais certo o enjoo que a utilidade. E muytas vezes succede, que depouys de largas, e inuteys curas, se recobre a saude com o uso ordinario de alguma agoa, com que se acomode bem o estomago, e se ponha em boa forma o governo do corpo, perturbado e pervertido com os achaques...; por isso aconselhamos sempre alguma agoa medicinal.”

No rol das Fontes Frias de Portugal cita fontes nitrosas, fontes salinas, fontes férreas, fontes sulfúreas e até ... uma fonte que faz fome!; indica poços, mercuriais, sulfúreos, desobstruentes; e ribeiras, de água férrea, sulfúreas e nitrosas; e rios cujas águas são medicinais.

De entre as fontes frigidíssimas cita uma da Covilhã: “Na cerca do Convento de S. Francisco da Villa de Covilham, ao pé de hum frondoso e copado Teyxto, arvore rarissima, nace Numa copiosa fonte; de agoa tão fria que não se pode aturar mão nella em quanto se reza hum Credo. Nesta fonte mandão os Religiosos esfriar o vinho no Verão, e se se descuydão delle, em pouco espaço o achão convertido em vinagre”!!!

Dos rios, escrevia Fonseca Henriques, a propósito do rio Tejo, rio célebre pelas suas águas e áreas de ouro: “ou porque o ouro lhe largue algumas virtudes, ou por rezaõ de alguns outros metais ou mineraes que no curso da sua corrente se lhe comuniquem, parece que tem as agoas do Tejo mays virtudes que as de qualquer outro rio ... Os banhos tomados neste rio são excelentes para intemperanças calidas, para affectos hipochondriacos, e escorbúticos, para dores ictericas, e nephriticas, etc, etc, doenças cutâneas como sarnas, enfim, panaceia universal. E, citando Frey Bernardo de Brito, na sua *Geographia Portuguesa*, diz “que as agoas do Tejo tem particular virtude para os achaques do baço; e que são excellentes para fazer mimoso o carão, para o que as usavão as Damas de Toledo, e as mandavão buscar as de Madrid”.

E quanto às águas do rio Mondego, diz Fonseca Henriques: “São de mayor utilidade os banhos tomados da quinta da Portella para cima, antes de encontrarem no rio a ribeyra de Seyra e a ribeyra de Duessa, com cujas agoas como que ficão sendo as do Mondego menos medicinais, e ao contrario das do Tejo, são nocivas para o rosto porque offendem o carão, cortando e encrespando-o, segundo escreve Frey Bernardo de Brito. Nascente térmica do Mondego, de grande valor terapêutico reconhecido nos nossos dias é a da Felgueira.

Dentre as fontes frias, e junto ao Mondego, como nota romântica e histórica, Fonseca Henriques refere a Fonte das Lágrimas, na quinta do mesmo nome, e a sua lenda: “Em huma Quinta que está perto de Coimbra, por cima do Convento velho de S^{ta} Clara, está a celebre fonte das lagrimas, muy frequentada dos Estudantes daquella Universidade; digna de toda a memória, não só pela grande copia e bondade de suas

cristalinas agoas, mas por ter ouvido os amores, e tomado o nome das lagrimas com que el Rey D. Pedro I chorou muyto tempo a saudade da fermosa Dona Inez de Castro, e depouys que a crueldade, tirando-a do mundo, lha roubou aos olhos”, in “Arquilegio Medicinal”, F. Fonseca Henriques, 1726.

Camões canta esta «Fonte dos Amores»:

«As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que inda dura,
«Dos Amores de Inês», que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome Amores!»

Os Lusíadas, Canto III, est. 135.

Também Amato faz referência ao rio Tejo e a Lisboa, e aos factores climatológicos com influência na saúde, como no caso da CURA XIII, 3^a Centúria-De alguns que vieram de Portugal a Roma e adoeceram, quase todos atormentados de várias febres. Contudo Amato diz que não adoeceram pela variação dos ares, pois os ares de Lisboa, onde embarcaram, não eram diferentes, em qualidade dos ares de Roma; atribui as febres, não pela diferença de ares, de céu ou de água, mas sim pelos sofrimentos contraídos no navio em que padeceram miseravelmente, como era costume acontecer.

Outrossim elogia Lisboa, o Tejo e o Clima; ao Tejo chama aurífero, e de Lisboa diz: “As suas praças são banhadas pelo Mar Oceano em que desagua o Tejo; não é dominada por ventos, nem corrompida por florestas ou pântanos, nem por águas estagnadas; tem nos arredores campos férteis, jardins agradabilíssimos, fontes de águas límpidas, ribeiros cristalinos, etc ... de tudo isto resultam ares salubérrimos, o mesmo sucedendo com Roma. “O Tibre, que banha Roma, era chamado Abbula, e a êle se refere Amato na CURA XCIV, 6^a Centúria.

Amato Lusitano não utilizava a água apenas como bebida. Na CURA XIV, 1^a Centúria-Da procidência do útero e sua cura, mandou que se desse à doente um banho feito com decocto de rosas vermelhas, de folhas de tanchagem, de coriola, mas a doente foi afastada de beber água pura, bebendo nos 1^{os} dias água de erva-moura.

Na CURA XV, 1^a Centúria- Da supressão de menstruação e de enxatemas que apareciam por todo o corpo, depois da administração de diversos preparados, mandou que a doente tomasse banho, um banho que aperta e comprime a matéria feita de água doce em que foram cozidas rosas vermelhas, cabeças de murta e de lentisco, flores de romã e absinto.

Além da água pura, A.L. usava a água calibeadada

(contendo ferro).

Na CURA XCV, 1ª Centúria- De dor nos pés, A.L. levou o doente, depois de uma sangria e de uma purga, a tomar um banho de água do mar para lavar as pernas e os pés e o doente curou-se completamente em 10 dias. Note-se que só em fins do século XVIII os banhos do mar e o clima marítimo começaram a ser aconselhados como terapêutica.

Amato Lusitano propinava banhos, mas na CURA LXXVII, 2ª Centúria, hesita no caso "De um doente com dupla terçã": se conviria ou não o banho feito de água potável, pensando tirar a total conclusão quando se oferecesse oportunidade. Esta oportunidade surge na CURA I, 3ª Centúria- De hética e, ao mesmo tempo, de apodrecimento ou tabes. Após o diagnóstico, procurando expulsar a febre por meio de medicações várias, e passadas duas horas sobre o último alimento tomado, conduziu-o a um banho moderadamente quente de água doce em que tinham sido fervidas:

malva, lactuca, violas, almeirão, chicória e semelhantes, em que o doente se demorava uma meia hora; de seguida era molhado com água fria, segundo conselho de GALENO, o qual dizia que os que têm febre hética nada aproveitam se a seguir não forem lançados em água fria.

A mesma oportunidade de confirmar a conveniência do banho surge na CURA XXVII, De febre sanguínea, terminada ao quarto dia (3ª Centúria) na qual, depois de bebidos 4 xaropes, passados oito dias a doente teve uma recaída, e a fim de que a febre aguda se não tornasse em febre fixa, e depois de tomado um purgante, a doente foi levada a um banho, seguido de uma fricção com linimento. Ficou curada.

Como já referimos, nem sempre os banhos eram de água pura, na CURA XCIX, 3ª Centúria- De uma febre diária, chamada efémera, contraída por causa de um forte golpe de sol, o banho era de rosas, folhas de videira, alfaces, ninfeia e semelhantes, e o doente deleitava-se com tal banho.

De água fria em tratamento externo, Amato dá-nos notícia na CURA C, 3ª Centúria- De um tumor antigo vulgarmente chamado natta, apanhando o alto da testa, extirpado e curado somente com água fria, não por ele, mas por uma espécie de cirurgião, que lho extirpou, conseguindo "curá-lo com emprego exclusivo de água fria, molhando parches e aplicando-os no espaço de oito dias, de tal modo como se nada lá tivesse tido. A ferida era tratada com água duas vezes por dia."

Amato Lusitano, reconhecendo o direito da água

ser considerada Medicina Universal, com mais razão reconhecia o préstimo das águas minerais. Assim, na CURA VII, 2ª Centúria, De paralisia ou relaxamento dos nervos e do espasmo ou convulsão e distorção da boca, refere o uso de águas termais, sulfúreas, aluminosas, saluginosas e semelhantes que conviriam àquela doença, mas não as aconselhou porque a doente estava a reagir bem ao tratamento com poções, unguentos, fricções, e aplicação de sanguessugas, gargarejos, etc, ficando curada ao fim de dois meses. Contudo a doente veio a morrer porque saiu de casa e comeu frutos verdes, pelo que recaiu na mesma doença!!!

O banho, como remédio, foi o uso mais antigo das águas termais. O seu uso em bebida foi muito posterior. Já foi dito, em trabalho anterior, que António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1763), escrevia: "Eu não desprezo todos os remédios tais como os purgantes, o ópio, o mercúrio, a quina, etc ... Mas penso que o

banho russo pode substituir metade dos remédios contidos na maior parte da pharmacopeia". Assim pensava Ribeiro Sanches, em pleno século XVIII. Lembremos porém que as terapêuticas termais já eram usadas pelos Romanos.

D. António da Costa, na sua obra "Três Mundos", lembra-nos que as termas (banhos públicos) eram a luxuosa voluptuosidade romana e nelas se admitiam todas as classes gratuitamente. O banho equivalia a um pretexto. Imperador que não construísse mais um palácio público de banhos, verdadeiro imperador não era. Ali se passava do banho quente para o banho frio, do frio para a estufa, nas estufas

as unções. Em Portugal a medicação hidro-termal existia já anteriormente ao domínio romano, como as águas de Vizela e de Cabeço de Vide. vd Ferreira de Mira, "História da Medicina Portuguesa".

Na hidroterapia portuguesa, o papel das Caldas é relevante. Caldas são os banhos de águas que nascem quentes, ou cálidas, daí, por corrupção, o seu nome. As suas virtudes medicinais derivam dos minerais por onde passam. Assim sucede com as águas de Penha Garcia-Monfortinho e muitas outras sulfúreas. Entre elas citaremos as Caldas de Gerez, "com grande virtude para curar os achaques frios de nervos, estômago, juntas, e útero, e para os mais achaques para que servem as caldas sulphureas, e nitrosas" in F.Fonseca Henriques.

Em trabalho anterior citámos - Caldas da Beira Interior, como Alpreada (sulfurosas) Freixialinho, Penamacor, Unhaes da Serra, Zebras, Rapoila de Côa, entre Idanha e Alpedrinha.



Como quer que seja a balneoterapia despertou tanto, nos séculos XVI, XVII e XVIII, o interesse de médicos notáveis, como R. Sanches, Zacuto e o nosso Amato Lusitano. Na CURA XLVIII, 3ª Centúria- De um tumor cirroso no fígado, aconselhou o doente “que fosse a banhos, de que toda a Itália está cheia”. E tão cheia que na CURA LXXXVI, 3ª Centúria - De Citta, isto é Pica, que os médicos chamam também Malakia (Moleza), só não mandou a doente a banhos para Pádua, visto pensar que as águas destas termas muito a ajudariam, porque os tratamentos aplicados, purgantes, pílulas e dieta, da qual constavam ossinhos queimados de frangos em vez da terra e dos carvões, foram suficientes para a cura. A sua fé na água termal de Pádua (Itália), confirma-se na CURA LIV De melancolia flatuosa, hipocondríaca precordial, que os árabes chamam “Myrachial”, em que depois da aplicação de clisteres, xaropes, apózemas (uma mistura dum decocto com xaropes), o doente melhorou, mas ... tratado por um indivíduo da «Ordem de Aos-pés -da-Cruz», que se intitulava médico, veio a morrer. Mas um jovem de Pádua foi atacado da mesma doença, e a conselho de Amato foi tomar os banhos (águas) de Pádua, bebendo a água durante vários dias, curando-se. Na CURA XI (4ª Centúria)- De pituita viscosa, acumulada na cavidade do estômago, como a doente era uma mulher rica, Amato receitava-lhe remédios caros e complicados, tendo até decidido, se não melhorasse com eles, enviá-la para umas águas termais, não especificando quais.

Noutra CURA, a XVI, 2ª Centúria, especifica as águas férreas frias de Luca e de Calderio, no campo de Verona: De um indivíduo que tendo sido curado de sarna com um linimento, veio a ser atacado duma afecção desfigurante da face e dos lábios, e da maneira de propinar água de leite, o qual, depois de tratado com xaropes, sangrias e água de leite, purgações e fricções, foi mandado em Agosto para os ditos banhos; em Setembro repetiu a purgação e propinação da água do leite, tendo sido restituído à saúde no espaço de dois anos.

Outra forma de banho, era o de lodo (lama), como o da CURA XI, 7ª Centúria- De convulsão a seguir a uma inanição das pernas e depois da ida de Amato para Salónica, o doente por ele assistido foi para umas termas não longe de Salónica, compostas de enxofre e betume onde se enlameou várias vezes com lodo, tantas vezes recomendado pelos gregos, mas sem qualquer resultado proveitoso.

Se Amato Lusitano propinasse em Portugal, não podendo deixar de saber “que entre a uberrima copia de tantas fontes, e de tantos rios, com que he banhada toda a Lusitania, havia muytas agoas medicinaes, de grande utilidade para duração da vida, ede igual efficacia para conservação de saúde”, teria certamente aconselhado o doente que fosse a banhos para as Caldas de Penagarcia, pois que dos minerais desta

fonte, os que se reconhecem, são ferro, de que há várias minas na dita serra, e enxofre, que logo no cheiro se reconhece, reconhecendo-se o ferro pelo sabor da água, que é ferreo, e, no «Discurso de Ribeiro Sanches sobre as Águas de Penha Garcia», 1725, é frigidíssima quando o sol, no meio dia tem chegado ao seu Zennith. Lembremos a descrição dada por Francisco da Fonseca Henriques, no Aquilégio Medicinal: «Na faldá da serra de Penha Garcia, que está no limite do lugar de Monfortinho, termo da Villa de Salvaterra do extremo, Comarca de Castello Branco, ha seys fontes com pouca distancia de humas a outras, todas de abundante agoa tepida, clara, salutifera, para beber, excellente. Destas à mays copiosa chamão a Fonte Santa; sem duvida que nella se experimentão; porque tem grande virtude para curar estupores, e paralisias, espurios, gottas arthéticas, ainda que sejão ciáticas, tolhimentos, e fraquezas de nervos, e de estomago; hydropesias, sesões, e febres lentas; affecções hypochondriacas; achaques internos do fígado, e baço; tumores, às vezes escrophulosos, ou de alporcas; achaques e accidentes do utero; faltas de menstruo, supressões de ourina, flatos melancolicos; todos os achaques mesentericos, e nephriticos; e assim tambem os achaques cutaneos, como são uzagres, impigens, gotta rosada, sarna, comichões, pustulas, fistulas, chagas, e lepra, e outros males, excepto Gallico, em que não aproveyta...». O próprio Ribeiro Sanches, diz-nos Fonseca Henriques, beneficiou desta água em relação a uma gota rosada e a uma hipocondria.

Amato não podia recorrer às águas termais portuguesas, e assim, na CURA XX, 1ª Centúria- De alguns gravíssimos sintomas causados por uma dor da boca do estômago, proveniente da Bili verde, condescendeu a que o doente tomasse as águas das termas de Aponi, perto de Pádua, o qual se recompôs de modo que a dor nunca mais voltou.

O apreço de Amato Lusitano pelas águas termais, não só em banhos, mas bebidas, afirma-se na CURA XLIV, 6ª Centúria- De uma chaga dos rins curada por ter bebido águas salgadas e nitrosas naturais, para a cura da qual tentou muitos remédios, que de nada lhe aproveitaram, acabando por mandar o doente para Tusla, uma aldeia na Baixa Mésia, a fim de lá tomar as águas naturais em cuja composição entra o enxofre, o nitro, com prevalência do sal. Depois de uma permanência de três meses, bebendo e usando as águas, ficou curado. Apesar da sua fé no poder terapêutico da água, o próprio Amato considerou o facto miraculoso, a ponto de causar a admiração de toda a gente. Nos seus Comentários descreve a origem e a natureza da água: “Tusla é uma aldeia, cerca de 150.000 passos distante do mar. Há lá um poço donde sai um cheiro nauseabundo e cuja água tem uma cor esbranquiçada, muito fria ao contacto e de sabor muito salgado.” Não sabemos onde fica

situada Tusla, mas talvez na fronteira com a Turquia, porque Amato diz-nos que o poço pagava um imposto diário até cinco peças de ouro ao Rei da Turquia. Comenta ainda que “desta água, porque é salgada, não pode beber-se em demasia, ...e que este turco ficou curado em 30 dias”.

Nos seus Comentários cita ARQUÍGENES, que ao tratar das chagas dos rins e da bexiga, citando por sua vez AÉCIO, se refere deste modo ao beber de águas (minerais) de Álbula: “Serão úteis, por isso, as águas minerais de Álbula, ou semelhantes, bebidas, se possível, no primeiro dia após um passeio matinal na quantidade medida de três héminas; depois deve-se ir até às cinco ou seis héminas. Além de limparem os intestinos, o ar fuliginoso delas embota a bexiga para apreender as sensações dolorosas e, postos de lado os humores, torna mais puro e mais claro o vapor do sangue. Além disso, as mesmas águas (?) fazem nova limpeza útil das chagas, penetrando inferiormente com agrado, de tal modo que se pode depreender que nada há mais eficaz para curar um doente...”. Eis o que disse ARQUÍGENES, homem de singular ciência, cujas obras oxalá ainda hoje existissem e talvez não desejassemos tanta coisa que os neotéricos julgam abandonada. Nas poucas linhas citadas ARQUÍGENES ensinou-nos o método de bebermos águas das termas, o qual sabemos ainda hoje ser observado em toda a Itália. Com ele concorda SAVARANOLA e outros doutos e competentes que escreveram sobre banhos. Uma tipografia de Veneza reuni-os a todos num só volume, aqui há anos, e publicou-o com o fim de ser útil à saúde humana.

Foi esse o critério que Francisco da Fonseca Henriques seguiu, ao escrever a sua obra Aquilégio Medicinal: “porque se veja, que não he negocio de pouca importancia o desta Hydrographia, que entramos a escrever, esperando que não seja inutil o nosso trabalho...”

* Investigadora.

Museu Nacional da Ciência e da Técnica.

Bibliografia

AMATO LUSITANO (João RODRIGUES de CASTELO BRANCO)-Centúrias de Curas Medicinais, Pref. e Trad. FIRMINO CRESPO, Univ. Nova de Lisboa, Fac. de C. Médicas (1549-1551)

ANACLETO, Pedro- Águas Minerais-Acção social

ALMEIDA, Amaro de - Inventário Hidrológico de Portugal, 1977.

BELEZA, António Martins- Método prático para se tomarem banhos, Porto, 1763.

CONTREIAS, Ascensão- Propriedades biológicas das águas medicinais. Com. Soc. Port. Hidrologia Médica, 18.01.58

CUNHA, Fanny A. Xavier da- Coimbra, o Rio e os Campos. Ciência, Poesia e Património, «Baixo Mondego, Região e Património» Coimbra, 1992. Actas do 1º Congresso do Baixo Mondego. Ed. GAAC, LACAN, ADPCNS, ADPCP, AF, ADRL, ADCRP, CCRC, 26 Maio-29 Julho 1990.

DIAS, José LOPES- Hidrologia médica do Distrito de Castelo Branco. Sep. da “Imprensa médica”, Lisboa, 1951.

GUIMARÃES, Feliciano Augusto da Cunha- Francisco Tavares, hidrologista, 1947.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca- Aquilégio Medicinal, Lisboa Ocidental, off. da Musica 1726 LEMOS, Maximiano de- História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições. Lisboa, Manuel Gomes, 1898.

LOPES, Alfredo Luís- Águas minero-medicinais de Portugal. Lisboa, 1892.

MAGALHÃES, João Jacinto de- Description of a glass apparatus for making Mineral Waters. London, 1772.

- Description d'un appareil en verre pour composer des eaux minerales artificielles, Londres, 1777. trad. em alemão em 1780 e reimpr. em 1783.

MIRA, Manuel Ferreira de- História da Medicina Portuguesa. Lisboa, Imprensa Nac. de Public., 1947.

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho- Banhos de Caldas e águas minerais, Lisboa, 1944.

PINA, Luís de- História da História da Medicina em Portugal, Imprensa Médica, Lisboa, 1956.

- A marca setecentista de Ribeiro Sanches na história da Higiene político-social portuguesa (1756-1956), Sep. de “O Médico”, 238, 1957.

SANCHES, António Nunes Ribeiro- Tratado da conservação da Saude dos Povos..., Lisboa, Off. Joseph Philippe, 1757.

- Mémoire ser les bains de vapeur de Russie, considerés pour la conservation de la santé et pour la guérison de plusieurs maladies (67 páginas não numerados, escritas em ambos os versos de cada folha seguidas de 5 páginas em branco) Ms.640.BPB-Trad. in «Cadernos da Cultura», pp 21-34 n°4, 1991.

- Discurso sobre as Águas de Penha Garcia, 1725.

TAVARES, Francisco- Instruções e Cautelas práticas sobre a natureza, diferentes espécies, virtudes em geral e uso legítimo das águas minerais com a notícia de aquelas que são mais conhecidas em cada uma das provincias do Reyno de Portugal e o methodo de preparar as aguas artificiaes. Coimbra, 1810.

VASCONCELLOS, José Leite de- Medicina dos Lusitanos, 1925.

A ÁGUA E A VIDA QUOTIDIANA À LUZ DAS IV E V CENTÚRIAS DE CURAS MEDICINAIS DE AMATO LUSITANO

Uma introdução

por António Lourenço Marques*

De vez em quando, há quem pergunte qual a razão especial da persistência do tema Amato Lusitano, em todas as Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior da pré-história ao séc. XX”, neste virar do século, pois quase parece uma teimosia gratuita ou até um estorvo, embora, naturalmente, muito modesto, aos tempos mais “límpidos” de hoje? Porquê insistir em Amato Lusitano, o célebre médico albicastrense, que nasceu há quase meio milénio, com a obra já analisada por vários investigadores, e que, portanto, se poderá presumir esgotada e já imprópria para objecto de novas análises?

Se por outras razões não fosse, acontece ainda o facto de só estar traduzida do Latim a sua obra monumental *As Sete Centúrias de Curas Medicinais*, o que tem dificultado o estudo dos restantes textos amatianos. E pugnar para a tradução dessas obras, já seria um bom motivo para trazer Amato Lusitano a todos estes encontros. E é caso para dizer que, uma vez que esmorece o conhecimento da língua do original, pois cada vez menos cultores a conhecem, seria bom encontrarmos alguém, por exemplo, a Universidade, a tomar em mãos a tradução desses textos importantes da nossa cultura. Tal tarefa não seria certamente inútil.

Mas para já, mesmo com esta limitação, é bastante claro, como se tem demonstrado pela quantidade de novos trabalhos produzidos sobre Amato Lusitano, que ainda não chegámos ao fim da empreitada.

Vejamos este caso. Quando se fica deslumbrado por um minúsculo desenho de talha de madeira adormecido num escaninho dum altar secular de uma igreja francesa, (com cinco centúrias), um tosco esboço de mulher no banho, e a partir daí, se clarificam múltiplos aspectos do viver do tempo do artífice, dando ensejo a várias páginas de texto esclarecedor, porque não olhamos também para essas descrições genuínas de Amato Lusitano, no correr das suas Centúrias, em que nos apresenta os personagens que ficaram numa pequena história porque adoeceram, narrando-nos

particularidades pessoais, das vidas e da própria época. Lendo a história das doenças de cada cura, estamos perante uma história do quotidiano, isto é da história da cultura material vista à luz do dia a dia de pessoas vulgares, na luta pela satisfação das suas necessidades físicas, desde a alimentação, à higiene, ao combate à doença, ou ainda encontrando respostas aos “temores e aspirações das suas mentes”.¹

Há uma luz, captável nessas narrações de Amato Lusitano, que nos ajuda a compreender o modo como então se vivia. E a água, porque é uma das mais familiares presenças de todos os dias de toda a gente, pode servir-nos de um bom guia na pesquisa dessa realidade ainda não completamente revelada.

Este trabalho, que deverá ser ampliado, é baseado em duas das Centúrias de Curas Medicinais, na IV, escrita em Ancona, em 1553 e na V, que também está ligada à estadia de Amato Lusitano na mesma cidade italiana e a Pesaro, para onde se transferiu posteriormente. Cito ainda uma única Cura da Sexta Centúria, toda ela escrita na cidade de Ragusa, e terminada já em 1558. Esta redução praticamente à cidade de Ancona, um burgo antigo e um dos mais importantes portos do Adriático, pode conferir alguma unidade ao espaço geográfico e à população envolvida.

A água, agente de doença

A dispersão pela água de algumas doenças infecciosas é um conhecimento muito antigo, particularmente no que se refere à transmissão das infecções intestinais. Já Alcmeon de Crotona (cerca de 500 anos antes de Cristo) associava certas doenças intestinais à natureza da água que se bebia. Também Hipócrates relacionou as “muitas disenterias, diarreias e febres quartãs de longa duração” à utilização de “águas pantanosas e estagnadas”.²

Ora a água foi quase sempre um bem pouco explorado. Ainda hoje, há problemas de abastecimento em muitos locais. Quanto às cidades europeias do

século XVI, poucas possuíam sistemas de abastecimento de água. Habitualmente, pouco mais havia para além dos fontanários públicos. As primeiras tentativas para utilização de tubuladuras de ferro fundido só foram feitas já no século XVII. Nas povoações mais pequenas e nas aldeias, os habitantes bebiam a água dos poços, mal protegidos das infiltrações dos estábulos e dos excrementos dos animais que habitavam por perto, e também dos cursos de água, muitas vezes contaminados. Não admira pois que as doenças intestinais fossem muito frequentes, como se prova pela enorme quantidade de casos de disenterias, enterites e diarreias referidas nas Centúrias. E parece que quem mais assim adoecia eram as pessoas que saíam da cidade ou que aí chegavam depois de longas viagens.

A água de qualidade, talvez não fosse pois muito frequente e os próprios hábitos estavam de acordo com este facto. Beber água suja não incomodava demasiado e quando a sede apertava valia a que houvesse à disposição. O caso da Cura 71 da VI Centúria³, portanto da Centúria Ragusina, parece-me traduzir bem este facto. Aí é referido um homem *ilustre* de Ragusa, Marino Gondulano, muito viajado, já tratado a uma sífilis por Amato Lusitano, quando regressara de Mênfis, caso descrito na Cura 22 desta mesma Centúria.⁴ Pois este cidadão conceituado, “quando se encontrava no campo bebeu muita água paludosa e suja”, pelo que adoeceu com febre e diarreia. O doente morreu. Amato Lusitano acusou as águas sujas e pantanosas, que o doente tinha bebido, como responsáveis pela doença e impressiona de facto, que um homem ilustre e viajado, portanto de classe elevada, bebesse água imunda, aparentemente com tanta facilidade. Seriam os hábitos e as carências da época.

Outro indivíduo que tinha negócios fora da cidade de Ancona, foi trazido a esta cidade com febre elevada e disenteria. Também um mercador veneziano, João Thomasi, durante uma viagem de Antuérpia para a cidade onde Amato Lusitano então vivia, adoeceu com febre elevada (Cura 43 da V Centúria)⁵. Uma justificação do aparecimento destas febres pode encontrar-se na precária qualidade das águas que nessas condições eram obrigados a beber.

À água podiam atribuir-se outros efeitos nocivos. As pessoas mais comuns viviam habitualmente em casas térreas, pouco confortáveis. A criança da Cura 10 da IV Centúria⁶, que morava num jardim, fora das muralhas da cidade de Ancona, adoeceu com o “ventre inchado e a retenção de urina”. Amato Lusitano considerou que esta doença se relacionava com o facto de a criança morar numa casa junto de um poço, e que a “água lhe humedecera os pés”. Por esta descrição sabe-se que a criança andava descalça e percorria em casa um piso sem resguardo, onde a própria água penetrava. Certamente que estas

condições, crianças sempre descalças e o tipo das casas, seriam comuns na época.

As queimaduras eram outros dos problemas causados pela água aquecida, e que se verificavam com alguma frequência. Uma rapariga queimou-se desta forma, com lesões relativamente profundas (do 1º e 2º grau pois houve flictenas e ulceração), chegando a perder a consciência. O tratamento local, com um unguento preparado com cal passada muitas vezes por água, foi eficaz.⁷

A água como princípio terapêutico

As febres eram o pão nosso de cada dia de muitos doentes. Teorias muito elaboradas procuravam explicar



a variedade destas situações que os médicos classificavam a partir da observação de algumas das suas regularidades. Nas Centúrias de Amato Lusitano há um rol extenso de curas sobre doentes com febre. Febres efémeras, contínuas, errantes, sanguíneas, biliosas, malignas ou mortais, podres ou pestilentas, terçãs e quartãs, etc. Ora a água aparece associada à terapêutica de muitos casos. Blanquino, que trabalhava numa hospedaria fora da cidade de Ancona, acometido de um grave estado febril, com a língua seca e enegrecida, implorava água, a arder cheio de sede. Amato Lusitano, de imediato, permitiu que o doente bebesse o precioso líquido até se saciar e curou-se. O doente estava desidratado, se tomarmos em conta o sinal da língua seca. Note-se que este é um elemento apontado, com frequência, quando prescreve a ingestão de água com liberalidade. Foi também o caso já citado do mercador veneziano, vindo de Antuérpia, que atormentado de sede e com a “língua também muito árida”, a quem Amato Lusitano permitiu “beber água até se saciar”. Depois de ter bebido sentiu-se bem e ficou curado.⁸

Outro mercador, natural da Turquia Asiática, quando esteve em Ancona, também adoeceu com febre,

classificada por Amato Lusitano como contínua. Assim, desde o início da doença bebia água gélida, misturada com julepo, a conselho do médico.

A água fazia ainda parte dos clisteres e as águas termais tinham uma importante aplicação terapêutica. É no século XVI que se verifica uma mudança significativa na utilização das águas termais, com fins medicinais, pois como diz Ricardo Jorge “A hidromedicina inaugura os seus riquíssimos anais, ao romper do século XVI, com o favor da Renascença e da vulgarização tipográfica. A bibliografia hidrológica inicia-se nos trabalhos médicos onde as águas minerais adquiriam direito de cidade no capítulo da terapêutica”. Nas duas centúrias em causa há várias referências a esta utilização: em particular, termas de banhos quentes⁹; os banhos de Pádua¹⁰; e as águas sulfurosas das termas de Monte Bódio (Ginecologia)¹¹.

A água e a higiene

Tomar banho não era, ao que parece, um hábito muito frequente nesse já longínquo século XVI. As pessoas andavam vestidas com o mesmo vestuário durante muito tempo e as crianças, durante toda a mesma estação, enfiavam uma farpela mais ou menos a condizer com o clima dominante, só sendo substituída ao fim de alguns meses, já sob a pressão das temperaturas da estação seguinte. O banho chegava a ser um acontecimento anual. As casas, mesmo as melhores e as mais ricas, exceptuando raros grandes palácios, só vieram a ter um espaço exclusivamente para o banho, ou seja a agora vulgar casa de banho, já nas proximidades do século XX. As banheiras também foram raras até ao século XIX¹². Usavam-se por exemplo tinhas de madeira, mas também não eram um objecto comum. Um mercador de Antuérpia, que sofria de febres no Inverno, foi persuadido a tomar banho de água doce numa cuba de madeira, que teve que ser preparada para o efeito. A água era fervida num caldeirão, com folhinhas de malva e de cevada e, depois de se lhe juntar água fria, deitava-se na tal cuba do tamanho da pessoa sentada, de modo a que a água lhe chegasse ao pescoço. Ora este negociante, foi observado pelo médico num “quarto muito amplo e bastante alto”, sinal de uma casa a condizer, ou seja uma casa rica. No entanto, se foi necessário construir a cuba, quando o dono esteve doente, pode-se presumir que não existia outra. E o homem parece mesmo ter tomado gosto ao banho. Inicialmente, para o primeiro banho, teve que ser convencido, mas depois, Amato Lusitano diz-nos que ele passou a entrar no banho com grande prazer, durante cerca de uma hora. E de tal forma gostou, que passou a tomar o banho com alguma frequência. Amato Lusitano não referiria isto, caso o tomar banho fosse uma prática habitual.

O mesmo podemos pensar do caso do hebreu

Azzarias, cuja doença e tratamento é objecto de uma longuíssima cura, e a quem Amato Lusitano recomendou tomar um banho com água do rio Pó. Este banho também não foi de água simples, mas constituído de água fervida com variadíssimas plantas. Neste caso, nada mais nada menos que seis vegetais: rosas, raízes de alteia, folículos de sene, camomila, erva cidreira e malva. Pois o hebreu “demorava-se no banho quase uma hora porque lhe dava muito prazer”. Parece-nos que esta referência tão citada ao gosto do banho depois de alguma resistência pode significar um hábito que não existia e que é facilitado pela recomendação médica. O abuso do banho, digamos assim, passava então a ser “desculpado”, socialmente.

Um homem, com a profissão de canteiro, infectado provavelmente por sífilis secundária, pois tinha erupções cutâneas no rosto e na região inferior do corpo, foi tratado com unguento de mercúrio. Curou-se. Mas no fim do tratamento que durou 15 dias, para limpar a sujidade do unguento teve de tomar banho de água do mar aquecida¹³. Não temos mais pormenores deste banho. De qualquer modo, parece tratar-se, mais uma vez, de um gesto raro como sugere também a Cura 38, em que o doente é convencido a tomar banho de água da fonte, com algumas ervas - endívias, lactucas e malvas. Tomou dois banhos em três dias e mais uma vez, Amato Lusitano refere o prazer que estes banhos produziram no doente, demorando-se também muito tempo.

A água e o quotidiano

Parece-nos pois que a água de má qualidade e de mau sabor era relativamente habitual, de modo que a bebida de água simples é em facto raro nas Centúrias de Amato Lusitano. O reverendo Pregador da Ordem dos Dominicanos da Cura 51 da V Centúria¹⁴, com febre no Outono, bebia vinho puro e evitava a água pura “como se fosse fogo”. O vinho era bebido com frequência, mesmo durante a doença e era aconselhado depois da doença para fortalecimento. Até em crianças, mesmo de idades muito jovens, como o filho de um comerciante de Bérgamo, de três anos de idade, que quando foi acometido de sintomas epiléticos, foi tratado com vinho.¹⁵ Quando se bebia água, habitualmente esta ou era de infusão ou era misturada com outros ingrediente: água misturada com julepo¹⁶ (xarope), água de endívia¹⁷, água de buglossa¹⁸, água de cevada misturada a um julepo¹⁹, água de cinamomo e água de mel²⁰, água calibeadada e férrea²¹, água de chicória²², etc.

A água era ainda um meio utilizado em utensílios rudimentares usados na medicina. Para certificar a morte, por exemplo, a paragem da respiração era confirmada pelo espelho e pelo fio de algodão aplicado ao nariz ou à boca, e ainda por uma escudela com

água, colocada sobre o peito. Se a água não oscilasse é porque não havia movimentos respiratórios. Também se utilizava a água quente para criar o efeito de ventosa, como no caso da Cura 31 da V Centúria²³, em que se utilizou um copo de vidro, que esteve cheio de água a ferver, sendo retirada imediatamente antes de aplicar o bordo ao mamilo, para extrair o leite das papilas.

E para terminar cito aquela curiosa referência à água, elemento feminino, transmutado em elemento masculino. Uma mulher grávida, mas que queria esconder a gravidez, podia desculpar-se com o banho. Bastava um homem ter-se banhado antes na mesma água e a mulher incauta receber o sémen que aí ficara depositado. Já Averrois, recordado por Amato Lusitano, referira casos assim. O médico humanista, João Rodrigues de Castelo Branco, julgaria então que era uma boa desculpa social, citando-a com a maior naturalidade.

* Médico

Notas

1 Pounds, N.G. *La vida Cotidiana: Historia de la Cultura Material*. Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

2 Hipócrates. Sobre los Aires, Aguas y Lugares. In: *Tratados Médicos*, p. 143. Barcelona: Planeta De Agostini, 1995.

3 Lusitano, Amato. *Centúrias de Curas Mediciniais* (tradução: Firmino Crespo), vol. IV, p. 110. Universidade Nova de Lisboa.

4 lb. p. 33.

5 lb. Vol. III, p. 231.

6 lb. Vol. III, p. 32.

7 lb. Vol. III, p. 69.

8 lb. Vol. III, p. 231.

9 lb. Vol. III, p. 75.

10 lb. Vol. III, p. 102.

11 lb. Vol. III, p. 223.

12 Pounds, N. G. *La Vida Quotidiana: História de la Cultura Material*. Barcelona: Editorial Crítica, 1992, p. 257.

13 lb. Vol. III, p. 206.

14 lb. Vol. III, p. 236.

15 lb. Vol. III, p. 54.

16 lb. Vol. III, p. 42.

17 lb. Vol. III, p. 43.

18 lb.

19 lb. Vol. III, p. 45.

20 lb. Vol. III, p. 54.

21 lb. Vol. III, p. 66.

22 lb. Vol. III, p. 151.

23 lb. Vol. III, p. 221.

AS ÁGUAS SANTAS - DAS VELHAS CRENÇAS À VOZ DE AMATO LUSITANO

por Maria Adelaide Neto Salvado

Reconhecer-se-à na substância da água, um tipo de intimidade, bem diferente das que sugerem as profundidades do fogo ou da água.

Gaston Bachelard, *A água e os sonhos*.

Elemento primordial do Universo na Grécia Antiga; fonte de toda a vida no velho Egipto nas palavras de Heródoto - "O Egipto é um dom das águas do Nilo"; imagem da Beleza e modelo de conduta entre os filósofos taoistas da China Antiga: "A bondade suprema é como a água / Que favorece todos e não rivaliza com ninguém./ E ocupando a posição desdenhada por todos/ Está próxima do Tao".¹ - escreveu Lao-Tseu, 300 anos a. C.; elemento purificador dos males da alma e do corpo nos países do Islão; fonte de morte e renascimento para a vida do espírito nas concepções judaico-cristãs; local de abrigo de divindades nos mitos celtas da velha Europa, na Roma Antiga e na religião xintoísta do longínquo Japão; a água, como uma matriz constante, percorre todas as culturas da Terra, com a duplicidade estranha e inquietante de ser fonte perene de Vida e libertação, mas também processo e meio de castigo e morte.

Em Amato Lusitano, esta duplicidade da água encontra-se admiravelmente expressa. Esclarecedora da segunda dimensão, é a Cura LXII da 2ª Centúria "De uns indivíduos que morreram por beber água fria",² onde Amato relata dois casos em que a morte ceifou a vida de dois jovens, depois de eles, suados, terem bebido água fria. Um deles, um jovem romano "de elegante e bela presença", como o descreveu Amato, morreu pela ingestão de água gélida depois de uma partida de pelota; o outro, um negociante "dos que andam pelos campos", morreu quando, ao regressar a casa, bebeu igualmente água fria.

Dois homens de diferentes condições sociais mas de igual destino na morte.

Se esta Cura ilustra a face da água como meio de morte, inúmeras são as Curas que a indicam como fonte de saúde e vida.

A duplicidade da água - fonte de vida e morte

A morte quotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com as suas flechas; a morte quotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, ela acaba sempre na sua morte horizontal.

Gaston Bachelard, *A água e os sonhos*

A estranha duplicidade da água e as particularidades físicas que lhe conferem um conjunto de propriedades insólitas e a tornam uma estranha substância, assim foram descritas por António Gedeão, no seu poema *Lição sobre a água*:

Este líquido é água.
Quando pura,
é inodora, insípida e incolor.
Reduzida a vapor,
sob tensão e a alta temperatura,
move os êmbolos das máquinas que, por isso,
se denominam máquinas a vapor.

É um bom dissolvente.
Embora com exceções, mas de um modo geral,
dissolve tudo bem, ácido, bases e sais.
Congela a zero graus centesimais
e ferve a 100, quando à pressão normal.

Foi neste líquido que numa noite cálida de verão
sob um luar gomoso e branco de camélia
apareceu a boiar o cadáver de Ofélia
com um nenúfar na mão.³

Ora, é a propriedade que António Gedeão sintetizou nos seguintes versos deste poema: "É um bom dissolvente, / Embora com exceções, mas de um modo geral,/ dissolve tudo bem, ácido, bases e sais.", que está na génese do poder curativo e quase mágico de algumas nascentes.

Conhecidos desde a mais alta Antiguidade, associados a divindades protectoras, os locais dessas

fontes cedo se tornaram pólos de atracção aonde afluíam doentes e peregrinos.

A cultura celta deixou marcas profundas nas crenças e no imaginário das gentes do continente europeu acerca do carácter divino das águas.

Na verdade, com o mar, as árvores, as rochas, era a água a força da Natureza mais amada e divinizada entre os celtas.

Vários locais do espaço geográfico europeu (que, pelo isolamento, como acontece na Irlanda, com maior relevância preservaram a herança celta) conservam na literatura oral a memória de curas milagrosas ocorridas em fontes e poços sagrados. De igual modo, na cultura romana essa aura de sacralidade em relação a certas fontes manteve-se num fio ininterrupto. Ninfas e deuses protegiam os locais onde, das entranhas da terra, brotavam águas puras e límpidas. Escreveu Sébillot⁴ a propósito da investigação levada a cabo em França e onde ressalta, mesmo admitindo a existência da dicotomia entre água *pura* e água *impura*, o marcado pendor da água para o lado da pureza e do bem:

“O diabo está raramente em relação com as fontes e muito poucas trazem o seu nome, quando um grande número é designado sob o de um santo, e muitas têm o de uma fada.”.

Aqui na Península Ibérica, nesta orla ocidental do mundo antigo e neste “lugar mais de destino do que de passagem”, como chamou Oliveira Martins a Portugal, a antiga cultura celta deixou também marcas indeléveis, no respeitante ao carácter sagrado de diversas fontes. Com o advento do Cristianismo, santos protectores ou Nossa Senhora, sob invocações variadas, tomaram o lugar das antigas divindades pagãs, nesse papel de protectoras das nascentes de água, capazes de minimizarem o sofrimento do Homem, trazendo-lhes alívio para as chagas do corpo e para os males que lhes afectavam a alma.

No entanto, embora os locais dessas nascentes tenham sido cristianizados, a perduração de antigos mitos rompeu séculos e permanece apesar dos novos ventos e dos novos valores do mundo.

Vários cânones dos primitivos concílios visigóticos testemunham a persistência de antigas práticas pagãs. Assim, no XVI Concílio de Toledo, no II cânone, implicitamente são referidos aqueles que se “convertem em adoradores de ídolos, veneradores de pedras, encendedores de tochas e rendem culto aos lugares sagrados das fontes e das árvores”.⁵

Ora, razões que se prendem com particularidades geológicas e geomorfológicas tornam o espaço geográfico do interior da Beira particularmente rico em águas de poder curativo. Aqui, o velho soco hercínico, erodido e fracturado pela destruição implacável da erosão e pelas convulsões telúricas que, no fluir dos tempos geológicos, se foram sucedendo, pontuara a região do interior da Beira de inúmeras nascentes

termais, onde as águas tépidas pela geotermia dissolveram e incorporaram na sua composição elementos químicos variados que estão na génese do seu poder curativo.

Testemunho da continuidade de culto a fontes de fundas raízes no tempo, me parece ter acontecido com uma nascente que existia em Monsanto da Beira. Conhecida entre os montaninhos por Fonte Santa,⁶ essa nascente, do nosso ponto de vista, constitui exemplo marcante de uma fonte cujas virtudes se inscrevem nesse longo fio do passado pagão. Os dados arqueológicos assim o provam.

Acontece que, entre as inscrições votivas encontradas em Monsanto da Beira, se salienta uma dedicada a uma divindade designada por *Mars Borus*. D. Fernando de Almeida, tentando interpretar esta invocação, levanta a hipótese de *Borus* ser um epíteto local para Marte ou uma divindade local “aparentada com as divindades veneradas junto das fontes medicinais”. Mas acrescenta:

“(…) não há na serra de Monsanto, que nós saibamos, águas com propriedades terapêuticas”.⁷ Esta conclusão de D. Fernando de Almeida, é inexacta, pois, a meia encosta do monte, um pouco abaixo do castelo, do lado do poente, existe uma nascente cujas propriedades curativas foram, durante séculos, amplamente comprovadas pelas gentes de Monsanto, e por estas denominadas de Fonte Santa. José d’Encarnação,⁸ relativamente à mesma inscrição estudada por D. Fernando de Almeida e baseado no facto, pouco comum, de os *tria nomina* do dedicante aparecerem em abreviatura, revela a originalidade de a inscrição se situar em época tardia. Facto que, como já o afirmámos noutro estudo, se por um lado corrobora o reconhecimento do espaço geográfico do cabeço de Monsanto da Beira como local repleto de uma sacralidade muito antiga, por outro materializa a continuidade através dos tempos do reconhecimento e divinização de uma fonte de águas curativas.

No caso de Amato Lusitano, o recurso a águas com virtudes terapêuticas surge admiravelmente expresso na Cura XCIV da VI Centúria:

- “*De uma chaga nos rins curada por ter bebido águas salgadas e nitrosas naturais* “-. É esta cura paradigma da atenção que mereceram a Amato as águas como meio terapêutico e como testemunho, na Europa do século XVI, da continuidade da crença no poder curativo da água.

Conta-se nesta Cura o caso de um homem de nome Imim que, sofrendo de uma chaga renal e depois de ter experimentado variados remédios sem resultado, foi, a conselho de Amato, para as termas de Tusla, assim designadas porque na composição das suas águas, além de enxofre e nitro, entrava predominantemente o sal (Tusla é palavra turca que significa *salina*). E escreveu Amato:

“Aí permaneceu um mês inteiro, ficando curado,

bebendo e usando as águas, facto que direi miraculoso, a ponto de causar a admiração de toda a gente.⁹

Mas são as águas de uma outra nascente termal, as águas de Pádua, que mereceram a Amato Lusitano referência em duas Curas.

Na Cura LIV da IV Centúria - "*De melancholia flatulosa, hipocondríaca ou precordial, que os árabes chamam Myrachial*"-,¹⁰ Amato descreve toda a sintomatologia desta doença sofrida por Manuel Arrio e refere o êxito conseguido no tratamento do filho do mercador Nicolau de Pádua que sofria desta mesma doença. E esclarece:

"Tratado levemente foi, a nosso conselho, tomar os banhos (águas) de Pádua, bebendo as águas durante vários dias. Curou-se e não mais voltou a cair nesta doença".

Na parte final da Cura LXXXVI da III Centúria - "*De citta, isto é doença Pica, que os médicos chamam também MalaKia (Moleza)*"-, Amato relata o caso de uma rapariguinha de 12 anos que comia os mais variados, absurdos e estranhos objectos. Depois de descrever toda a complexa terapia utilizada, escreveu:

"Com isto a rapariga se deu belamente que não foi necessário mandá-la a banhos. Era nossa intenção mandá-la para Pádua, visto pensarmos que as águas das termas muito a ajudariam (...)"¹¹

As nascentes termais do interior da Beira - o caso das Águas Radium

Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite.

Gaston Bachelard, *A Água e os Sonhos*

Como anteriormente afirmámos, no velho soco hercínico, que constitui uma grande parte do território da Beira Interior, um conjunto de condições naturais se conjugam para propiciar uma profunda variedade de nascentes termais de águas cheias de virtudes terapêuticas. Ora, é sobre uma dessas nascentes, a das Águas Radium localizada na proximidade de Caria, que vamos centrar a nossa atenção. Seguindo a onda e moda do tempo, que endeusava as águas ricas em Rádio, constituiu esta nascente termal, nos anos 20 e 30 do nosso século, referência importante como terapia para uma variada gama de doenças.

Na verdade, depois da descoberta do Rádio pelo casal Curie, em Dezembro de 1898, pouco tempo passou para que nos meios médicos do início do nosso século o Rádio surgisse como a panaceia que prometia a cura dos mais diversificados males. A sua aplicação no tratamento de várias doenças cutâneas, por exemplo, foi sistematicamente usada desde 1908 até à 2ª Guerra Mundial. Uma inúmera gama de produtos, uns para fins terapêuticos, sob a forma de pomadas e cataplasmas, outros destinados à cosmética,

incorporava na sua composição o Rádio como elemento privilegiado.

Esta onda de enaltecimento desse novo e recém descoberto elemento, que varreu a Europa dos anos 20, teve eco marcante nas revistas de especialidade e nos jornais que, na época, se publicavam. Diversos anúncios, prefigurando o marketing dos nossos dias, apelavam ao uso de produtos à base de Rádio, procurando demonstrar as virtudes desse elemento quase mágico que o divulgador das ciências Camille Flamarion assim enalteceu: "O rádio é quase a descoberta de um pedaço de Sol. Sol que brilha, Sol de ouro vermelho, Sol que queima, Sol que cria, Sol de sangue!"

Parece que M.r. M.e Curie, no fundo do seu laboratório de tábuas mal unidas, fizeram recuar as fronteiras do impossível!¹²

Inundando o mercado os produtos à base de Rádio, prometia-se a cura das doenças mais variadas que iam dos males cutâneos ao reumatismo, das simples dores de cabeça à temida tuberculose. Afirmando-se como um produto miraculoso, o Rádio rivaliza e disputa na França dos anos 20 o lugar da crença religiosa. Contra essa perda de primazia como fonte de cura milagrosa se insurge alguma imprensa católica. Paradigmática é a postura do jornal *Le Pelérin*, que, em 1921, publica uma gravura com esta curiosa legenda:

"A Ciência materialista coloca a sua confiança no rádio, mas é o Sagrado Coração de Jesus quem (...)



O poder do sagrado coração de Jesus na cura dos males do mundo

obterá as maiores maravilhas.”¹³

O simbolismo de cada um dos pormenores da gravura é emblemático, encimada por Jesus, de cujo coração partem raios que tocam um a um os males e as angústias que assolavam a Europa da época. Se a enfermeira apoiando um soldado de peito cravejado de medalhas, que figura em primeiro plano, ou o soldado agonizando num campo de batalha, são imagens pungentes de uma Europa destruída pela guerra; se a multidão de crianças rodeando uma freira ou o mendigo recebendo uma esmola traduzem a grave situação económica e social desses anos terríveis do pós-guerra, - já o grupo de índios sob as palmeiras, que sugere outros espaços geográficos, traz até nós imagens das realidades sociais vividas nas colónias europeias. Linguagem eloquente e persuasiva falava a gravura. De facto, para a cura e minimização dos males sociais ou para as dores humanas representadas, o Rádio era, na verdade, impotente.

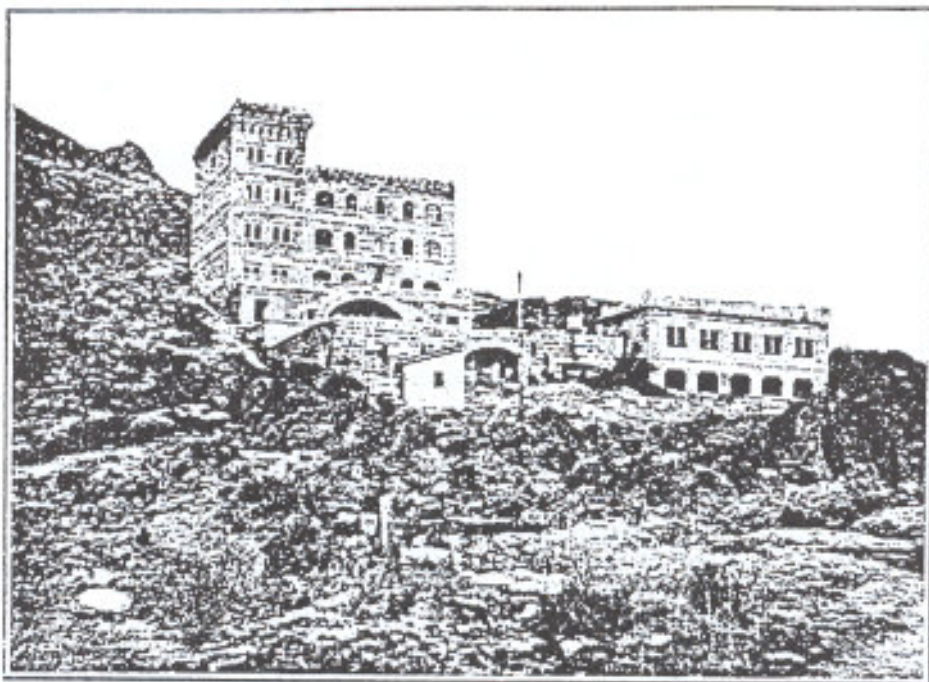
Ora, a partir de 1904, quando se descobre que a radioactividade é omnipresente na Natureza, Pierre Curie, em colaboração com Albert Labord, orienta o seu estudo para o gás Rádio que emana das águas minerais.

E, seguindo esta onda de interesse pela radioactividade, por toda a Europa surgem estudos sobre as águas de inúmeras nascentes termais, tentando provar-se que o seu poder curativo dependia da quantidade de Rádio que contivessem.

Neste contexto de quase endeuamento do Rádio, natural se nos afigura o relevo dado à descoberta, num local entre as povoações de Caria e Belmonte, de uma nascente cujas águas se revelavam possuidoras de fortes propriedades radioactivas. Na verdade, os resultados das análises químicas e de radioactividade, realizadas em Lisboa por Charles Le Pierre, indicaram serem elas possuidoras para além de uma elevadíssima “quantidade de emissão radiactiva - 9,48 miligramas minuto por 10 litros, a existência de sais de Radium em dissolução em quantidade muito superior a quaisquer águas conhecidas.”¹⁴

Esta última propriedade (a elevada quantidade de sais Radium em dissolução) conferia a estas águas

características singulares, pois permitia a conservação de elevada acção terapêutica por tempo prolongado, facto que possibilitava a sua utilização, com eficácia, longe do local da nascente. Em termos económicos, este facto permitia o engarrafamento das águas e a sua distribuição até lugares distantes.



Fonte Curie nº1 e residência de D. Enrique Gonzalves (1924)

Conhecidas de há longa data pelos habitantes da aldeia do Casteleiro, a comprovação científica das virtudes destas águas deveu-se, no entanto, a um acontecimento fortuito.

Um engenheiro de minas, de nacionalidade alemã, que realizava na região uma prospecção ao serviço de um rico proprietário espanhol, D. Enrique Gonzalves Fuentes, começou a utilizar as águas desta fonte por ser a mais próxima do seu local de residência. Sofrendo de há longa data de uma úlcera gástrica, constatou que as dores de que sofria se iam aos poucos desvanecendo. A análise que mandou realizar confirmou as virtudes terapêuticas da nascente.

Por posteriores diligências foi outorgada, ao abrigo da chamada *Lei das águas e mineração*, que então vigorava (Lei nº 5.707-F de 10 de Maio de 1919), a concessão da exploração das nascentes ao proprietário D. Enrique Gonzalves Fuentes, uma no sítio do chão da Pena, outra no do Favacal. À primeira nascente foi atribuído o nome de Curie nº 1.

Penso que a atribuição deste nome a uma fonte no interior da Beira, para lá da homenagem aos descobridores do Rádio, se enquadra na prática seguida pelos fabricantes de produtos farmacêuticos da França dos anos 30 que, para provarem a eficácia dos seus medicamentos, colocavam no rótulo o nome de Curie, facto que, por inúmeras vezes, levou Mada-

me Curie a protestar contra a utilização abusiva do seu nome. Em pequena notícia numa revista que então se publicava, a *Revista das Beiras*, subscrita por um articulista de nome Pires de Matos, desprendem-se as expectativas de desenvolvimento para a região, que, pela década de 20, foram criadas em torno da iniciativa do proprietário espanhol na valorização deste importante recurso endógeno da Beira.

O projecto era grandioso. Contemplava, entre outros equipamentos, dois hotéis, um de primeira categoria, outro de segunda, para duzentos hóspedes cada um, balneários, armazém, casas de engarrafamento, campos de ténis, de patinagem, de futebol, uma central eléctrica.

Para amenizar e tornar aprazível a área envolvente, foram plantados 10.500 eucaliptos, 1.600 árvores de fruto, 1000 videiras de uvas de mesa, além de tílias e cedros.

A uma cuidadosa minúcia e a rigorosos preceitos de higiene obedecia a captação da água.

Assim os descreve o articulista da *Revista das Beiras*:

“(…) é feita numa caixa aberta sobre a nascente na própria rocha granítica e coberta, na frente, por uma lâmina de cristal que permite ver emergir as águas do próprio *griffon*. Dali é conduzido por canalizações de vidro, e sem ter contacto com metal algum, uma parte ao depósito de engarrafamento e a restante à sala das emanações, à buvette e aos banhos”.¹⁵

Que impacto causaram em Castelo Branco as Águas Radium? Que aceitação tiveram elas nas terapias preceituadas pela classe médica da época?

Uma notícia publicada no jornal *Acção Regional*, de 20 de Maio de 1926, permitiu-nos encontrar algumas respostas a estas questões.

Trata-se de uma carta escrita em Castelo Branco a 15 de Maio desse ano de 1926 pelo Dr. António Trindade, e endereçada ao director e editor do jornal *Acção Regional*, em resposta a um pedido de opinião acerca do valor terapêutico das Águas Radium. Apesar da grande divulgação que as Águas Radium possuíam no estrangeiro (elas eram exportadas para Espanha e Américas), pouco conhecidas eram, no entanto, em Castelo Branco. Tinha sido o Dr. António Trindade o primeiro médico de Castelo Branco que prescrevera aos seus doentes tratamentos à base destas águas. António Trindade era figura destacada em Castelo Branco, como médico e como cidadão. Formado em medicina pela Universidade de Coimbra em 1907, foi médico municipal em Lavre, e em Penamacor em 1910. Professor efectivo da Escola Primária Superior de Castelo Branco da cadeira de Higiene e professor provisório do Liceu Central de Castelo Branco. Membro destacado do Partido Republicano de Reconstituição Nacional, exerceu, a partir de 1913, o cargo de Procurador à Junta Geral do Distrito e, em 1920, foi candidato pelo Círculo de Castelo Branco ao

Congresso da República. Foi, pois, este médico que, em 1920, exercia clínica no n.º 124 da rua Mousinho Magro (nome dado pelos republicanos à rua de Santa Maria), que nos deixou a sua abalizada opinião acerca das virtudes terapêuticas das Águas Radium.

Lamentando que o custo das águas não permitisse às classes menos favorecidas longos tratamentos e que a ausência de outros doentes para longe o impossibilitassem de observações e registos mais pormenorizados acerca da evolução das doenças tratadas com as *Agua Radium*, António Trindade deixou-nos um curioso testemunho de seis casos por ele acompanhados que demonstram, claramente, a eficácia da aplicação destas águas no tratamento de algumas doenças. Pelo seu valor documental transcrevemos estes casos:

“1º Caso - Doente portadora de infecção uterina, com abundante supuração e ulcerações do colo do útero e da parede vaginal, de aspecto canceroso. Tratamento prolongado, sem resultado, curou em 18 dias com simples irrigação de *Agua Radium*, aquecida a banho - Maria.

2º Caso - Doente sofrendo precisamente do mesmo mal, curou também com a aplicação das *Agua Radium*, depois de ter experimentado vários tratamentos sem resultado.

3º Caso - Doente arrasado dos rins, fígado e estomago, com albuminas nas urinas, côr icterica, estomago dilatado, mau estado geral. Fez tratamento pelas *Agua Radium* na propria origem, durante 8 ou 10 dias, nunca mais voltando a queixar-se dos seus antigos padecimentos.

4º Caso - Doente repassado de enter colite antiga, com crises de diarreia, dores, sem apetite, não podendo alimentar-se, fez uzo das *Agua Radium* durante 8 dias, tendo de suspender o tratamento por lhe causar muitas cólicas e diarreia.

O certo é que o doente há seis meses que tem passado melhor, sem dores e podendo já alimentar-se.

5º Caso - Doente suspeita de cancro do fígado, apresentando mau estado geral, forte anemia, grande repugnancia pela comida, sobretudo pela carne, vomitos biliosos e diarreia, cansando-se ao mais pequeno esforço, só começou a melhorar com as *Agua Radium*. Não se pode dizer que esteja curada, porque sendo pobre, não pôde continuar o tratamento, mas está consideravelmente melhor, podendo já andar e alimentar-se.

6º Caso - Doente que a seguir a um parto ficou a sofrer de enter-colite, com muitas cólicas, prisão de ventre, outras vezes diarreia, só podendo alimentar-se com leite.

Logo que começou fazendo uso das *Agua Radium* principiou a melhorar e hoje já pode comer, não tem dôres e está mais nutrida.”.¹⁶

Afirmando ser prematuro aquilo a que chama “o

segredo do metabolismo destas águas”, assunto que considera ainda muito obscuro remetendo para a Ciência o encargo de desvendar “esse mistério”, António Trindade, baseado em observações e experiências vividas com os seus doentes, sumaria em seis pontos as conclusões a que chegou.

De relevar as afirmações contidas no primeiro ponto dessas conclusões:

“Estas Águas não são absolutamente inocentes, e, por isso, devem ser tomadas com certa parcimônia, sobretudo no princípio do tratamento, para não provocarem logo de começo fortes irritações intestinaes, com dores e diarreia como sucedeu a um dos nossos doentes”.¹⁷

E, na parte final do seu parecer,

António Trindade recomenda o uso das *Agua Radium* para uma diversidade de situações: dermatoses, estados inflamatórios, doenças dos rins, estômago, fígado, ulcerações do útero e vagina. E até no tratamento daquilo que considera a típica doença dos beirões - a artrite (doença cuja incidência justifica pela associação de dois factos: por a Beira ser a região do bom vinho e da má cozinha - pelo “abuso de bebidas e das carnes de porco”, e pelas condições adversas do clima de marcadas amplitudes térmicas), a terapia à base das *Agua Radium* é aconselhada.

Por alguns anos, em Castelo Branco, se estendeu a utilização destas águas.

Um anúncio, publicado onze anos depois da carta de António Trindade, no jornal *A Beira Baixa* de 10 de Julho de 1937, é esclarecedor da continuidade em Castelo Branco dos tratamentos com Água Radium. Vendia-a a Farmácia Grave, sua depositária. Se as indicações relativas às águas como factor decisivo na cura de uma diversidade de doenças são esclarecedoras neste anúncio, a referência a algumas opiniões abalizadas no meio científico da época acerca da qualidade e singularidade do seu valor terapêutico dá-nos, como nos velhos mitos embora noutros moldes, a crença no poder curativo das águas santas

da Beira. A exploração das Águas Radium envolvia um sonho de desenvolvimento para a região de Caria e Belmonte. Acreditava-se, em 1915 e como se lê no final do artigo publicado na *Revista das Beiras*, que surgiria na proximidade da nascente “uma aldeia de palácios e chalets”.

E o artigo termina deste modo:

“É assim, utilizando tôdas as fontes de riqueza, que se prepara um futuro mais próspero que o presente, para as Terras das Beiras e por consequência de Portugal”.¹⁸

Um dia, partimos em busca dos testemunhos destes sonhos...

Vistos de longe, a casa e o antigo balneário, erguendo-se num imponente afloramento gra-

nítico de rocha nua e agreste, assemelham-se a um castelo saído de um conto de fadas, mas, à medida que nos aproximamos, a realidade é diferente. Do grande empreendimento termal do início do século nada resta, a não ser um conjunto de confrangedoras ruínas. Já não brotam as águas da nascente. Já não existe qualquer cristal de protecção, nem canalizações de vidro para conduzirem a água. Alguns salões não possuem teto e só o azul do céu e o verde da vegetação que invade as janelas colocam uma nota de vida, numa área onde uma bela lareira de granito permite imaginar o esplendor doutras épocas.

A água secou, mas o sonho de desenvolvimento deste local permanece vivo. Um projecto recente pretende recuperar as antigas infraestruturas termais e transformá-las numa unidade hoteleira de 5 estrelas com 106 quartos e diversas zonas de lazer. Lê-se no projecto de recuperação daquilo que será o futuro *Hotel de Sortelha*:

“A recuperação arquitectónica abrange a concepção de zonas recreativas no exterior, um campo de golfe (18 buracos), um campo de ténis e uma piscina coberta com solário panorâmico. (...) Fica assim transformada a antiga estância termal “*Águas Radium*” num complexo turístico inigualável no nosso país”.¹⁹

AGUA RADIUM

A mais Radio activa de Portugal
Uma das mais radioactivas do mundo

*Estas águas actuam quer junto das fontes, quer longe delas. (Pala-
 vras do Prof. Dr. Armando Narciso).*
 De efeito seguro na arterio-esclorose, dissolvendo a cal das artérias
 assim como nos edêmas nas doenças de coração e rins.
 Reguladora da pressão arterial, evitando o perigo das apoplexias.
 Aconselhada com êxito no atrilismo e em outros defeitos da nutrição.
 Nas diabetes, elimina o açúcar das urinas.
 Revigoradora do sistema glandular, desenvolvendo o seu funciona-
 mento, tonificando poderosamente o organismo debilitado.
 Um remédio eficaz contra reumatismo e gota.
 A grande superioridade da **AGUA RADIUM**, é conter,
 além da sua emanção de Rádio, Sais de Rádio em dissolução «vantagem
 que nenhuma outra possui». (Relatório da Prof. Karl von Noorden).
 Devido aos Sais de Rádio em dissolução que contém, conserva per-
 fectamente todo o seu valor. (XIV.º Congresso Internacional de Hidro-
 logia, Climatologia e Geologias Médicas—Toulouse (França) 1933).

AS TERMAS RADIUM em CARIA — Beira Baixa,
ESTÃO ABERTAS DE 1 DE JULHO A 15 DE OUTUBRO

Depositário: Farmácia Grave — Castelo Branco

Como dizia António Gedeão “O sonho é uma constante na vida”...

Se no início do século o poder curativo das águas que brotam dos cinzentos granitos lançou, neste local do interior da Beira, as bases de um desenvolvimento que se esvaiu no tempo, oxalá que, neste final de século, o novo sonho de desenvolvimento se torne realidade.

Notas

1 Lao-Tseu, *Tao To King*, Paris, Galimard, 1967, p. 67.

2 Amato Lusitano, *Centúria de Curas Medicinais*, vol. II, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, s. d., p. 120. Tradução de Firmino Crespo.

3 António Gedeão, *Poesias Completas*, Lisboa, Portugal, 1963, p.p. 245-246.

4 Sébillot, *Le Folk-Lore de France*, t. II, p. 186.

5 Jose Vives, *Concilios Visigóticos Y Hispano Romanos*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.

6 Vid. Maria Adelaide Neto Salvado, *O Espaço e o Sagrado de S. Pedro de Vir-a-Corça*, Edição da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 1993.

7 Fernando d'Almeida, «Aras inéditas, Igeditanas, dedicadas a Marte», in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, nº5, 1962.

8 Vid. José d'Encarnação, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, p. 24.

9 Amato Lusitano, *ob. cit.*, vol. IV, p.p. 153-154.

10 Amato Lusitano, vol. III, p.p. 98-102.

11 Amato Lusitano, *Centúria de Curas Medicinais*, vol. II, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, s. d., p. p. 305-308. Tradução de Firmino Crespo.

12 Camille Flamarion, vid. *Les Cahiers de Science et Vie*, Hors Serie, Dezembro 1994, p. 80.

13 *Le Pélerin*, 1921, vid. «Les annés folles du Radium», in *Les Cahiers de Science et Vie*, Hors Serie, Dezembro 1994, p. 68-74.

14 Vid. *Revista das Beiras*, 1915.

15 Pires de Matos, «Riqueza Hidrológica das Beiras Água Radiurn», in *Revista das Beiras*, nº15 (1924)

16 António Trindade, «As Aguas Radium», in *Acção Regional*. 20 de maio de 1926.

17 Ibidem.

18 Pires de Matos, *ob. cit.*

19 Vid. *Hotel de Sortelha* (prospecto de propaganda turística).

A IRONIA EM AMATO LUSITANO

por José Morgado Pereira*

O jogo da ironia é uma espécie de antífrase, figura de retórica que consiste em fazer ouvir o que se quer dizer mas dizendo precisamente o contrário, com uma intenção de escárnio ou reprovação.

Etimologicamente ironia significa interrogação. Para Kierkegaard, é lugar de passagem da estética à ética. E para Jankélévich, “pudor que serve para ocultar (‘disfarce’) um segredo cobrindo-o com um manto de gracejos”. Jogo de espírito portanto, não necessariamente cómico, distingue-o a sua “souplesse” (o asteísmo distingue-se da ironia bufa). Saint-Exupéry adverte, de forma terrível, que a ironia é “cancerígena”, tem o efeito invasivo do cancro. Poderíamos ainda citar, e em registos diferentes, Montaigne, Kafka, Boris Vian.

Máscara dissimuladora, é uma crítica, um processo das imperfeições, vingança, reprovação indirecta, por vezes sarcasmo.

Não é difícil encontrar o discurso irónico nas Centúrias de Curas Mediciniais, bem pelo contrário. É até a ironia crítica ou a crítica irónica característica frequente nas Curas nomeadamente nos comentários posteriores. Mas afinal, quais são os temas, em que aspectos incide a ironia de Amato?

Um 1º Grupo dirige-se contra os próprios médicos (crítica aos médicos) sendo aliás de longe o mais numeroso. Os exemplos são múltiplos, até é necessário seleccionar.

São criticados os médicos tagarelas, os dados a honrarias, os inexperientes e atrevidos, os ignorantes. Ou então critica atitudes incorrectas.

Um 2º Grupo é de crítica aos frades, sendo especialmente visados os que tratam doentes, fazendo de médicos, e também os interesseiros e os simuladores de doença.

Um 3º Grupo abrange crítica aos barbeiros e outros tratadores não médicos.

Um 4º Grupo agrupa críticas aos doentes, tendo seleccionado críticas ao comportamento sexual, e aos doentes que mentem ao médico.

Incluirei apenas mais alguns exemplos, já casos mais raros, mas comentários importantes, sempre repassados de ironia e que mostram um Amato interessado no que o rodeia, e capaz de comentar questões mais afastadas da Medicina e importantes como temas sociais, políticos ou religiosos. É o caso da crítica sobre as condições sócio-económicas dos doentes, crítica das interpretações demoníacas das doenças, o ironizar sobre a sua condição de perseguido e mesmo crítica à violência exercida sobre os cristãos novos.

1) - Crítica aos Médicos:

Da 1ª. Centúria - o caso de uma criança que nasceu com um corno na cabeça “em que foi mandado chamar um cirurgião mais audaz do que era preciso”.

Da 1ª. Centúria - “Os médicos imperitos que tudo curam com o mesmo remédio, como se todos houvessem de calçar-se pela mesma fôrma”.

Da 3ª. Centúria - “um nobre anconitano a quem alguns médicos deram uma purga tão violenta que só um elefante a podia suportar”.

Da 6ª. Centúria - “um médico que teimosamente pretendia que um doente não tinha ulceração nos pulmões, embora expelisse por tosse contínua, escarros fétidos ... Tal médico, pois, está necessitado de heléboro e é digno de ser relegado para Antícira, visto que ainda não conhece uma héctica constituída em terceira espécie, sobre a qual Galeno deixou escrito que era conhecida de barbeiros. E todos sabem que é assim”.

Da 6ª. Centúria - médico que desaconselhou ventosas aplicadas às costas, que Amato aconselhara. “Como ele ignora totalmente a arte médica, será melhor deixá-lo no anonimato do que refutar-lhe a opinião...” Este burro de Cumas, com albarda pela cabeça, palrou ignorando isto tudo”.

Da 7ª. Centúria - “Os médicos tratem de curar poucos doentes, e estes mesmos, talvez bem endinheirados, tenham-nos bem seguros”.

“... os erros e coisas semelhantes não devem ser atribuídas aos médicos mas à avareza dos doentes”.

“...Com acerto Damasceno aconselhava nos seus Aforismos os médicos a não terem muitos doentes para tratar, conselho a que hodiernamente todos os doentes subscrevem e aprovam”.

1) - Outras críticas aos médicos (presentes em todas as Centúrias):

- tagarelas (“Deixamos estas coisas escritas não para todos os médicos, mas somente para aqueles que exercem a medicina com grande discernimento. Aos outros, médicos comuns, verdadeiros flagelos dominados por desregrada ambição, pedimos-lhe encarecidamente que fujam desta operação, assim como aquela raça de homens mais faladora do que o bronze de Dodona, que quase nada sabem além de silogismos, sofismas, corolários, suposições e tricas.”

- Dados a honrarias - “É vasta a lista de remédios, não tendo isto em mente os médicos modernos que por causas mínimas chegaram a cair em dissídios, discórdias e até a vias de facto. Mas estes devem ser irradiados do convívio humano ou considerados entre os inimigos da humanidade uma vez que desejam mais olhar pelas honrarias e coisas caducas e pertinazes do que pela saúde dos homens. Portanto, procurai estar de acordo, porque, como sabeis, pela concórdia se faz o crescimento de coisas pequenas e pela discórdia as grandes vêm a desabar”.

- inexperiente e atrevidos - “Aos jovens sem nenhuma experiência não se lhe deve dar qualquer autoridade para escrever acerca de assuntos graves e que ameaçam perigo. Se, porém, lhes for concedida licença, como aos mais velhos e cheios de larga experiência na profissão médica, igual faculdade de escrever, afastai-vos dos seus ensinamentos porque para eles era suficiente e excessivo procurar conhecer as coisas elementares, mas não apresentar a sua opinião sobre assuntos difíceis, que levam a trabalhos”.

- ignorantes - “por causa de uns pachorrentos médicos que gritavam não terem nunca lido até agora, em autores reconhecidos, qualquer coisa sobre sangria nas veias do nariz”.

“A esses tais os deixamos com a sua ignorância e obstinação, e principalmente um deles que neste assunto deve ser considerado como um corvo branco. Pela brancura não pode conviver com os corvos, pelo tamanho não pode estar com os pombos. Desta sorte, só com os bárbaros que escrevem práticas bárbaras de cuja leitura é assíduo frequentador. Não merece o nome de médico, visto ignorar o que eles próprios mencionam e muito menos estar com Galeno por ignorar completamente os seus ensinamentos.

- crítica de atitudes - “Não tenho desejo de acusar Filipo de ingratidão nem ele negará isto, mas custa-me que junto de pessoas ilustres na arte médica e ainda

de Laguna, um outro Galeno na Hispânia, atribuisse a si todo este invento de tratamento, com impudência, por Hercules, e com ingratidão, para falar com franqueza ... Para não incorrer no mesmo defeito de Filipo, confesso que, ao trabalhar em Salamanca, ouvira este processo de tratamento da parte de Aldereto, médico ilustríssimo e meu mestre, muito sabedor, assim como muitas outras coisas que, por Hercules, eu tenho e considero grandes e do mais alto valor”.

- “Esses comentários (que Amato escrevera) perdemo-los em Ancona naquela pilhagem dos meus haveres juntamente com todo o recheio da minha casa, uma boa quantidade de dinheiro e uma biblioteca de não somenos valor. Esperamos, no entanto, que algum dia, recobradas as forças, possa reconstituir novamente esses comentários, editá-los e publicá-los para que toda a gente fique a saber que eles foram o fruto do meu trabalho e não daquele que aspira a enfeitar-se com as penas alheias”.

2) - crítica aos frades

Da 2ª. Centúria - “uma mulher com afecção dos nervos recorrentes do pescoço, foi para se curar consultar um certo frade que fazia de médico. Foi atacado pelo remédio o outro dos nervos recorrentes do peito que aclaram a voz. Foi-se tornando rouca e perdeu de todo a fala”.

Da 4ª. Centúria - “Tendo entrado a tratá-lo um indivíduo da Ordem de Aos - pés - da - Cruz (?) que se apresentava como médico e por amor de S. Francisco afirmava, na sua hipocrisia, curar todas as moléstias, em breve tempo o matou”.

- “Já anteriormente este frade apóstata tinha sido encerrado na cadeia de Ancona e era altamente protegido por outro cujo pai tinha feito três Messias em Portugal e na Itália. Por isso com razão foi condenado à fogueira e queimado. De facto este doente, seguindo os passos do pai, dava tanto crédito a este apóstata que pouco faltou para o chamar Messias”.

Da 4ª. Centúria - “Um frade que tinha vindo do Monte Santo para Ancona e desejava voltar de novo para a casa paterna, fingia estar doente e dizia que tinha dores de barriga. Eu, porém, calculando a astúcia do fradinho por verdadeiras conjecturas, ordenei que fosse açoutado e posto de cama”.

3) - Crítica aos Barbeiros e tratadores não médicos:

Da 5ª. Centúria - “Amato - Nunca te julguei tão letárgico e esquecediço, por Hércules...”

Até os palradores barbeiros, para não dizer os médicos sensatos, conhecem que o ar frio e húmido é útil aos hécticos”.

Da 2ª Centúria - “Um padeiro começou a ser atacado duma erisipela flegmonosa na mão esquerda..... Um destes sujeitos, dos que se gabam de curar tudo com

a quinta essência e com óleos obtidos por sublimação, convenceu-o de que fora mordido por um escorpião, procurando assim um meio de experimentar os seus óleos, mas não com a perda da vida do homem”.

“Vejam pois os doentes a que médicos se entregam para não virem apregoar que é aos carnicheiros”.

“Um guarda foi atacado da mesma doença... . O mesmo médico foi chamado para o ver, e tendo usado os habituais remédios, matou-o no período de sete dias”... “Estas e semelhantes coisas só acontecem pela inadvertência dos governadores e dirigentes que permitem cuidar da saúde humana indistintamente a todos os charlatães, pantomineiros e barbeiros”.

Da 7ª. Centúria - conta um caso “de uma excrescência carnosa, pendente da boca do estômago”, e em que, “como a arte médica está aberta a todos, não faltou um porqueiro que prometia uma falsa cura mesmo em oito dias”.

“O tratante começou o tratamento, preparando um tubo, de que adaptou uma parte à boca da doente, e com a outra extremidade o velhaco soprava com a sua boca, impelindo o vento de tal forma que encheu de vento a desgraçada, como se fora um odre”. E comenta depois que “nas doenças desesperadas do colo, Hipócrates mandava soprar por um fole, aplicado ao ânus nestes tratamentos, mas nunca li até agora que o sopro fosse pela boca”.

4) - Crítica aos Doentes:

Da 7ª. Centúria - sobre duvida apresentada pelos tessalonicenses, Amato considera que “se tivessem um sono prolongado e profundo, era-lhes suficiente compensação para a falta de pão e água”. “Por isso ao ficarem debilitados por alguns dias, adoecem, mas sobretudo ao regressar a casa, porque têm coito com as esposas e atafulham-se de várias iguarias”. Ora para “evitarem tão grande mal (a morte) é preciso que façam duas coisas: primeiro, que ponham de parte aquele pão betuminoso e comam pão fermentado; segundo, que durmam, ou não tenham vigília, como é seu costume”.

Da 7ª. Centúria - sobre uma mulher que ficou prenhe de outra, conta que “duas mulheres turcas contaminavam-se e poluíam-se, tendo o útero da viúva súcuba, sorvido não só o sémen da mulher incuba, mas ainda algum sémen viril deixado antes no útero dela. Em virtude deste sémen ficou prenhe”. E devemos dar-lhe crédito, visto ser-lhe menos ignominioso confessar ter concebido de um homem que de uma mulher, feito desta forma”.

Da 3ª. Centúria - sobre doentes que mentem e não obedecem, um que não cumpriu a dieta prescrita por Amato, sendo informado por um criado de quarto que levava a comida. “Convirá que o médico, antes de se aproximar do doente, interroque os criados e se informe do estado e disposição dele”. Depois de responder que nada de prejudicial comera, responde

após a insistência de Amato ter comido carne de capão, ovos fritos e mariscos”. Amato finaliza “Digo-lhe que isto era a resposta ao que prometera, e, pedindo licença, retirei-me para nunca mais lá voltar mesmo que me oferecesse de presente um ou dois dos seus castelos”.

5) - Crítica sobre a condição social dos Doentes:

Da 2ª. Centúria - Comentário em que diz “é conveniente que o médico atenda à opulência ou à pobreza do doente, dado que, consoante as posses dele, assim o médico mandará preparar medicamentos mais caros ou mais baratos”.

E “eu próprio sei bem que não só os pobres são médicos, mas até se tratam por si mesmos”; “a estes basta, quando estão doentes, usar uma espelta com água adocicada e um bocado de pão limpo, ou qualquer porção de farinha própria para uma cataplasma”. Ao que escreve, porém, um tratado de curar, convém lembrar-se de todos os assuntos, para que não só os ricos disponham de fortuna, para utilizarem a arte a seu favor, mas que os pobres possam escolher ao menos aquilo que cada um possui em abundância, consoante a ocasião”.

6) - Crítica a interpretações diabólicas das Doenças:

Da 7ª. Centúria - Tratamento a mulher quinquagenária, comentando “mas, como não faltam por toda a parte pessoas diabólicas, também não faltou alguém que pretendia ser esta mulher sido tocada ou ferida, durante a noite, pelo diabo. Imediatamente eu atirei e afugentei tal pessoa para os seus diabos malfazejos, e piores aves nocturnas”.

7) - Ironizar sobre a condição de perseguido:

Da 7ª. Centúria - Comenta sobre comentários escritos sobre Avicena, que terá perdido no saque de Ancona. E acrescenta “por causa da grande perda dos comentários pouco faltou acontecer-me o que sucedeu a dois médicos dos quais Galeno faz menção...”. “Estes médicos, um por causa da perda e ruína dos seus escritos, veio a morrer por definhamento. O outro, desesperado, por causa de coisa semelhante, desistiu do exercício da medicina.

8) - Sobre a violência sobre os Cristãos - novos:

Da 2ª. Centúria - Comentário a propósito de uns negros debilitados de marasmo, “estes negros são escravos comprados a dinheiro, trazidos de Portugal, na península hispânica, por neófitos vindos para a Itália, por causa das inquisições que lá se fizeram. Servindo-me do termo de S. Paulo, chamo aqui neófitos aos levados, contra vontade, do judaísmo para a religião de Cristo”.

9) - Finalmente, não posso deixar de citar um exemplo excepcional de crítica e ironia sarcástica aos

frades interesseiros.

Da 4.ª Centúria - Amato conta a história de um físico em Salamanca, a quem comunicam que um seu doente morrera depois de ter prognosticado boa recuperação. "Como médico nobre e magnânimo e que tinha em pouca consideração os ardis dos inquisidores, não duvida ir junto do doente considerado morto. Viu-o, à primeira vista, coberto de pano e revestido do hábito franciscano, além de estar rodeado por vários frades. Então com toda a gravidade e serenidade.... fê-lo voltar a si com aplicação de processos idóneos, tendo o homem vivido ainda muitos anos".

Segue-se o seguinte diálogo:

Armél - "Se bem me lembro e reconstituo, os filhos do doente, a esposa e os criados murmuravam contra os reverendos frades, a quem ele se tinha confiado, porque, talvez excitados pela avareza, com desprezo do temor de Deus, se propunham enterrar vivo o homem, pois ele deixava grande quantidade de dinheiro a S. Francisco e vários outros bens a S. Domingos.

Amato - "Isso pode ter acontecido mais por ignorância do que por maldade, visto que na sua maior parte os frades que assistem os doentes, são incultos e profundamente ignorantes desta matéria".

Armél - "Seja como for, o certo é que os reverendos frades retiraram-se tristes, ameaçadores e assombrados".

Amato - "Tal devia ser o caso, porque tinham permanecido vários dias e noites sem dormir, à roda do doente".

O que se pode concluir desta digressão pelas Curas do nosso Amato Lusitano?

Jankélévitch afirmou que a ironia é mortal para as ilusões e mortal para os pedantes, vaidosos e grotescos. Com Amato e pelos exemplos dados, confirma-se que a ironia seria uma estratégia da inteligência crítica para pôr (tudo) em questão.

Através de perguntas indiscretas ou afirmações

incômodas, esta forma de consciência crítica ridiculariza, caricatura o ponto de vista adverso, questiona, provoca desconforto, enfrenta arbitrariedades e falsas consolações, denuncia ilusões e tiranias, mesmo que algumas se apresentem com nomes solenes: ciência, poder, autoridade, dinheiro, sabedoria ou santidade.

Forma intelectual de distanciação (do mundo, dos outros, de si próprio) e de desacordo com esse mundo, representa talvez afinal a supremacia do espírito e do sujeito (uma atitude ética para Kierkegaard). Ou, para citar um outro autor tão diferente e tão distante, Proudhon - "A ironia foi sempre característica do génio filosófico e liberal, marca do espírito humano, instrumento irresistível do progresso".

* Médico Psiquiatra. Membro da *European Association for the History of Psychiatry*. Investigador Associado do *Centro de Estudos Sociais*.

Bibliografia

-
- Cornu, Michel, *Existence et separation*. Ed. L'Age d'homme. 1981
- Dintzer, Lucien, *Le Jeu d'adolescence*. PUF. 1961
- Jankélévitch, Vladimir, *L'ironie*. Ed. Flammarion
- Kierkegaard, Sóren, *Post-Scriptum aux miettes philosophiques*. Gallimard
- Kierkegaard, Sóren, *Le concept d'Ironie*. Gallimard.
- Lacroix, Jean, *El Sentido del dialogo*. Ed. Fontanelle
- Lusitano, Amato, *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tradução Firmino Crespo Univ.Nova de Lisboa, (4 Vol.) 1980

... O ESPÍRITO DE DEUS SOBRE A SUPERFÍCIE DAS ÁGUAS

por Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

ÁRVORES DO ALENTEJO

Horas mortas... Curvada aos pés do Monte
A planície é um brasido... e, torturadas,
As árvores sangrentas, revoltadas,
Gritam a Deus a bênção de uma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte
A oiro a giesta, a arder, pelas estradas,
Esfíngicas, recortam desgrenhadas
Os trágicos perfis no horizonte!

Árvores! Corações, almas que choram,
Almas iguais à minha, almas que imploram
Em vão remédio para tanta mágoa!

Árvores! Não choreis! Olhai e vede:
- Também ando a gritar, morta de sede,
Pedindo a Deus a minha gota de água!

Florbela Espanca, *Charneca em Flor*.

Eis no poema de Florbela a água. Água: para desalterar a Natureza; água no pranto das árvores e do sujeito poético; água, fonte de vida e, por isso, metaforicamente utilizada no dessedentar da alma.

A água é Mãe porque ligada a origem, uma origem divina, como parece imputar-se-lhe no início do Génesis: «*No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era informe e vazia. As trevas cobriam o abismo, e o Espírito de Deus movia-Se sobre a superfície das águas*». Não admira assim que haja um simbolismo tríplice ligado a água - origem da vida, meio de purificação, centro de regenerescência - com ambivalência na destruição e na morte, congregando uma dualidade que abrange a euforia e a disforia. Também o Corão revela essa origem divina, no versículo: «*O Trono de Deus estava sobre a água*». Daí que o rei Hassan II tivesse desejado a sua Mesquita de Casablanca com uma parte construída sobre as águas.

António Gedeão sintetiza as duas aceções, a vida e a morte:

LIÇÃO SOBRE A ÁGUA

Este líquido é água.
Quando pura
é inodora, insípida e incolor.
Reduzida a vapor,
sob tensão e a alta temperatura,
move os êmbolos das máquinas que, por isso,
se denominam máquinas de vapor.

É um bom dissolvente.
Embora com exceções mas de um modo geral,
dissolve tudo bem, ácidos, bases e sais.
congela a zero graus centesimais
e ferve a 100, quando à pressão normal.

Foi neste líquido que numa noite cálida de Verão,
sob um luar gomoso e branco de camélia,
apareceu a boiar o cadáver de Ofélia
com um nenúfar na mão.

António Gedeão, *Poesias Completas*

Água, morte e amor. O amor triste de Ofélia, o amor alegre que se concretizava nas fontes onde as raparigas casadoiras namoravam, que os trovadores retiveram nas *cantigas de amigo*:

Se oi' o meu amigo
soubess', hyria migo:
eu al rio me uou banhar.

Se oi' el este dia
soubesse, migu' iria:
eu al rio me uou banhar.

Quen lhi dissess' atanto,
cá já filhey o manto:
eu al rio me uou banhar.
(Esteuan Coelho, n.º 322 C.V.)

[Levou-ss' a louçana],
levou-ss' a uelida,

uay lauar cabelos
na fontana fria:
leda dos amores,
dos amores leda.

(...)

(Pero Meogo, n.º 793 C.V.)

«Digades, filha, mha filha uelida,
por que tardastes na fontana fria:
os amores ei.

(...)

(Pero Meogo, n.º 797 C.V.)

A mesma linha se concretizou ao longo do tempo:

RÚSTICA

Reza de longe o cântico das fontes
De perdido nas músicas da aragem;
E entre o culto das seivas que reagem
Há noivados nas águas e nos montes.

As paisagens orquestram partituras
Duma saudade-amor que nos encanta;
E a Terra em redondilhas se levanta
Num grande canto aos astros das Alturas.

Soam preces de mágoa nos ribeiros...
Fervilha gente pobre nos trabalhos
Das eiras e dos campos; por outeiros

Falam zagais e gados... Vai depois
- Lá como voz perdida por atalhos -
Uma arenga na encosta: Eh! Gente! Eh! Bois...

Afonso Duarte, *Obra Poética*

Na fonte consubstancia-se a sacralização da «água viva» ou «água virgem», já prometida à Samaritana que dessedentou Jesus. Nas fontes se bebeu a própria criação, como em Hipocrene e em Castália, está ligada também ao amor, porque a Nífa do mesmo nome se afogou para fugir à paixão de Apolo. Eis o Princípio e o Fim na fonte e na água:

FONTES

Na fonte, a terra
dá-se à terra.
A água é um abraço
que se dá a beber
e que nos cerra.

Pedro Tamen, *Princípio de Sol*

A ideia de vida e morte é convocada pelos versos:
«abraço / que se dá a beber / e que nos cerra». Mas o

sentido de origem ligado à criação sintetiza-o Sophia de Mello Breyner em quatro versos: «**Com voz nascente a fonte nos convida / A renascermos incessantemente / na luz do antigo sol nu e recente / E no sussurro da noite primitiva (A Fonte).**

O carácter materno, de Princípio de tudo, vem igualmente na palavra poética como exemplo:

Afundo-me na terra-mãe.
Em pedra carne águas e luz
feito e desfeito
mil anos viverei. Na cúpula
interior do silêncio. Deitado
na frágil fonte sem nome
que me revela todos os nomes
milénios viverei.

Casimiro de Brito, *Ode & Ceia (Poesia 1955-1984)*

Num outro texto do mesmo autor, reitera-se ainda a ideia de origem, apresentando-se as duas estâncias num díptico de vida e morte:

Beijo em tuas águas
a pétala seca o azul imóvel
do ventre materno.

Ascendo à terra vegetal
como quem bebe e bebo
o fulgor da morte.

Casimiro de Brito, *Ode & Ceia (Poesia 1955-1984)*

Dá-se a identificação com o próprio corpo humano, como se uma matéria cósmica tivesse réplica num microcosmos. São inúmeros os exemplos dos poetas, de que retemos alguns:

«EM QUANTAS PRAIAS...»

«Em quantas praias louras alongadas
quanta desgraça o fado me serviu
até chegar aqui despedaçado
na procura incessante do meu dia

Error após error olhos queimados
a lonjura refeita em desafio
o naufrago nas ondas naufragado
em destino sem fim na dor retido

Meu corpo de água sal e tempestade
continuamente modelando o sulco
por onde caminhar em remoinho

Sonho de barco em areal deitado
os pés banhados pela débil espuma

e um sol queimando lá ao longe fixo.»

António Salvado, *Obra II (Nausícaa)*

ÁGUA DE ALMA

Meu corpo de água,
como te desato
em êxtases de neve colorida!
Em flores de chuva azul,
sobre o regato
infinito da vida!

Meu corpo de água
lento e caminheiro!
Adoço em nuvens
o teu sopro fino -
teu sopro nevoeiro,
ligeiro, silvo e sino.

Quebro-me em longes
de cascata e espuma.
À morte dos oceanos
me vou dando.
Paro em deltas de bruma.
Sonho lagos, passando...

Água de azul, de branco,
água de verde, água castanha
e negra, estremecida
em altos céus
de charcos sonolentos.
Luzem astros nas águas esvaídas.
Paro em charcos. Viajo pó e ventos.
Pago à Morte com água a minha vida.
Estou clara, nos seus claros movimentos.
Água de alma - me encontro resumida.

Som de fonte, de chuva, som de praia,
nunca de humana vida.

Natércia Freire, *Poemas*

O reconhecimento da paridade anteriormente referida (corpo/água) intensifica-se num poema de Torga, em que a simbiose cosmos-microcosmos se estende a toda a Natureza:

Desta terra sou feito.
Fragas são os meus ossos,
Húmus a minha carne.
Tenho rugas na alma
E correm-me nas veias
Rios impetuosos.
Dou poemas agrestes,
E fico também longe
No mapa da nação.

Longe e fora de mão...

Identificação, Diário XV (17-Set-1987)

O rio segue a esteira do percurso da Vida, tornando-se metáfora da vivência humana:

RIMANCE DO RIO

Em mim corre vivaz um rio
e sobre as águas o luar:
estrelas velozes caídas
pra dentro dele se banharem.
De muito longe anunciando
cruza e afugenta granitos,
acama lâminas de xisto
e talha e modela os seus vales.
Absorto e meno como quem
calca receios de seguir,
fechar portas portas abrir
foi seu destino de corrente.
Fazem-lhe adeus as oliveiras
humildemente nas encostas
e - surpresa das suas voltas -
alivia a sede aos salgueiros.
Como berços, pequenos barcos
esse lento ondulado sulcam
ou repousam nas suas margens
sob um céu coberto de azul.
Nada mais soube desse rio
que por mim corre tão vivaz
quando os dois partimos um dis
na ânsia de chegar ao mar.

António Salvado

Da fluidez de formas inerente ao simbolismo de rio, faz-se uma amplificação que vai também da vida (nascente/fonte/princípio) à morte: o ajuntamento das águas na descida para o oceano provoca um retorno à indiferenciação, acedendo metaforicamente ao Nirvana e ao sono eterno. Magistralmente no-lo transmite António Salvado em:

RIO VELOZ

Rio veloz do meu entardecer
onde me levam as tuas águas mudas?
a que mar correm no agraz murmúrio
do leito que abre fendas a cederem?

porque se calam estes lábios dúcteis
esta boca moída que pregueja
contra a cor transparente da tristeza
contra a luz frouxa que reluz inútil?

Os ramos secos tombam nos lameiros

da friagem nascente... Rio rio
do meu entardecer - foz de receio-
sinuoso caudal sem harmonia,

onde me levam tuas águas turvas?
a que mar correm por neblinas nuvens?

António Salvado

E esses rios dos Infernos que dão que fazer à
medicina e perturbam os humanos? Aqueronte carrega
as dores, Flegetonte as queimaduras, Cocito as
lamentações, Estige os mais indescutíveis horrores...
E ninguém quer beber de Letes, esse cruel rio do
esquecimento... porque tudo esquecer é perder a
identidade, é chegar à loucura...

Apresenta-se-nos assim a água numa perspectiva
de destruição oposta a criação, ratificando a dualidade
que o símbolo quase sempre aglutina.

A água está também ligada ao tempo pelas imagens
de **rio** associadas a fluir, correr, nascer e morrer,
imiscuindo-se a mudança e a efemeridade, como disse
Heraclito no século V a.C. e Platão reduziu à forma:
«ninguém se banha duas vezes na água do mesmo
rio». Os poemas de Pedro Tamen e de António
Salvado, constatarem-no bem:

O tempo,
o longo, belo, seco, forte tempo,
o tempo sem memória,
nossos olhos voando.

A luz,
a luz inevitável, consagrada, branca,
a presença estendida,
altos ares respirados.

Lágrimas,
iguais à chuva, ao mar, à grande sombra,

rios de alegria sem sentido,
certos pássaros.

Pedro Tamen, *Princípio de Sol*

LÁGRIMA

Uma lágrima vem do cume da montanha
à procura dos olhos que a verteu:
pequena pérola tamanha
azulada de terra e de cinzento céu.

Um soluço, talvez uma alegria:
minúscula grandeza,
confluência de noite e dia -
ponto de embate sem (calor) beleza.

A lágrima do tempo: a eternidade
nos sulcos da memória -
de todas as idades sem idade,
de todos os lugares mas sem história.

António Salvado, *OBRALL (Estranha Condição)*

A intemporalidade subtilmente sugerida nos últimos
versos, oferecendo genericamente a dimensão da
vida, inscreve-se também num poema de Natália
Correia:

Águas caindo, caindo
No caminho dos meus passos
E nos meus passos abrindo
Rios turvos, rios baços.

Noites brancas envolvendo
Os dias mal começados
Já na aurora anoitecendo.
Dias correndo e morrendo
Nos rios nunca parados.

Vento do sul desfolhando
Lírios brancos, brancos lírios
E uma pétala afogando-se
Na água turva dos rios.

Natália Correia,
O Sol nas Noites e o Luar nos Dias I

Para mais um exemplo, citemos ainda de Luis
Osório, as cinco últimas estâncias de um longo
poema intitulado Chora!, que transpõe a lágrima para
companheira de vida do homem:

(...)
Quando a criança nasce é que o porvir se inflora
No sacrário das mães, aonde o amor transpira,
Mas pressentindo já que o mundo é só-mentira!
O desgraçado, filho, o pequenino... chora!

Quando ao velho cansado o alento se desprende
No gasto labutar da vida mentirosa,
Uma lágrima vem, solene e vagarosa,
Que do intimo surge e à flor do rosto impende:

Testemunha solene à hora derradeira,
Esse fogo, sulcando a lividez do morto,
Significa talvez... (supremo desconforto!)
Um tremendo protesto à nossa vida inteira!...

Que de lutas cruéis sob o cerúleo manto!
Desde a água ferida à pomba gemedora,
Do contorcido arbusto ao cedro - tudo chora!
Tudo lamenta a vida e se desata em pranto!

Chora tudo o que alcança a minha vista em roda...

Chora o céu, chora a flor, a secular floresta,
Soluça o vasto mar que a mão de deus atesta
Bem vês... chora contigo a Natureza toda!

Luís Osório, *Neblinas*

Água e lágrima, como a famosa Lágrima de Preta
de António Gedeão, que se transforma em torrente
contra o racismo.

LÁGRIMA DE PRETA

Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para analisar.

Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.

Mande vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.

Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
deu-me o que é costume:

nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.

António Gedeão

A lágrima, testemunho concreto de água, além de
símbolo de dor e de intercessão, é intermediária de
purificação: chorar canaliza energias, dá alívio e será
eterna e manifesta emoção humana.

Uma Totalidade de Mundo e Homem imprime-se no
poema de Fernando Namora, convocando, para
designar vida e maternidade, a água, expressa em
rios e orvalho:

AS COISAS

Os rios têm nome
como a gente

um a um têm nome
e nome têm os mares as terras
nas coisas estamos como o som
está nos búzios
o orvalho na nuvem
a criança no ventre
as coisas estão na gente como a pele
está no corpo
fazem parte de nós as coisas
as terras os mares os astros
os rios os rios azuis verdes barrentos
como os olhos da gente
os mares têm nome têm nome os rios
têm nome as coisas
são gente
a outra parte
da gente

Fernando Namora, *Marketing*

Regressando a uma *medida* mais exacta, a
essencialidade da água é expressa pelos homens
montanhese do sul do Vietname: «*a água do céu
faz o arrozal*». No sentido oposto, a falta de água, a
seca, sempre afligiu os homens. Danças e rituais
mágicos inovadores de chuva foram sempre súplicas
pela própria vida. A seca faz tremer economicamente
países, não falta exemplo em Portugal. Num momento
de discussão do problema, deixou Natália Correia o
riso satírico numa longa discussão:

NO DECURSO DE UM SECANTE DEBATE SOBRE A SECA

Na seca da discussão
Da famigerada seca,
Esta interpelação,
Por ser ao governo, peca.

Interpelem com coragem
O divino criador
Que da fatal estiagem
Tem os direitos de autor.

É que nada tem de lógico
Os governantes culpar
Do capricho meteorológico
De Deus que a seca quis dar.

Mas se a Deus, a oposição
Socialista não se curva,
Invoque, numa sessão,
Os espíritos da chuva;

Pois nada tem de falsário,
Antes será rigorista
Revelar que este plenário

É uma assembleia espiritista.

Natália Correia, *O Sol nos Dias
e o Luar nas Noites II*

Também as águas dos oceanos se relacionam com a dinâmica vital e uma isotopia de mar constrói Torga no poema *Viagem*, percurso de vida, sempre com a vizinhança da morte, mas teimando na demanda de um sonho:

VIAGEM

Aparelhei o barco da ilusão
E reforcei a fé de marinheiro.
Era longe o meu sonho, e traiçoeiro
O mar...
(Só nos é concedida
Esta vida
Que temos;
E é nela que é preciso
Procurar
O velho paraíso
Que perdemos).

Prestes, larguei a vela
E disse adeus ao cais, à paz tolhida.
Desmedida,
A revolta imensidão
Transforma dia a dia a embarcação
Numa errante e alada sepultura...
Mas corto as ondas sem desanimar.
Em qualquer aventura,
O que importa partir, não é chegar.

Miguel Torga, *Câmara Ardente*

Neste mar de águas tempestuosas teimam o sonho e a luta humanas. Mar é abismo feminino e materno, frequentemente associado a descida e retorno. Não admira que Afrodite (Vénus), a *Mulher-nascida-das-Ondas* ou *nascida do esperma de Zeus* emergisse da espuma do mar, concretizando uma hylogenia. Reforça-se a ideia de *fons et origo* ligada a água. Uma das referências ao mito encontramos-la em António Feijó:

ANADIÓMENE

Das marinhas espumas engendrada,
essa que vai nas águas cristalinas
sobre a concha de nácar, embalada
pelo coro das horas vespertinas,

- da onda que a gerou, ao sol doirada,
no seio ostenta as curvas peregrinas;
(leu-lhe a sereia a voz enamorada,

veste-a de encanto a graça das Ondinas...

Ao clarão que em seus olhos amanhece,
a Natureza alvoraçada acorda
e de prazer e júbilo estremece,
porque do Amor a misteriosa essência
de seus peitos, já túmidos, transborda
como o supremo encanto da existência.

António Feijó

Não será o amor o supremo encanto da existência? São de amor estes versos de Gonçalo Salvado: «**Este beijo que nos lábios finge ser água / em que rios se vingou da indiferença do mar?**» (Leito, Quando)

Sendo elemento essencial, compreende-se que a água penetre no próprio falar quotidiano e nas expressões que guardam a sábia experiência popular: «**isso traz água no bico**»; «**deitar água na fervura**»; «**fervor em pouca água**», «**fazer a cabeça em água**». E todas «estas águas» que arrastam emoções fortes, danificam a saúde...

Contudo, temos vozes da experiência guardadas em provérbios sobre a água:

Água corrente esterco não consente
Água corrente não mata a gente
Água corrida não faz mal à barriga
Água fervida alimenta a vida
Mas água fria e pão quente
nunca fizeram bom ventre
Água fria lava e cria
Água fria tem mão na vida
Água quente saúde para o ventre

Todavia, paradoxalmente, fixa-se outro provérbio:

Água fria sarna cria;
água quente nem a são nem a doente.

Seria interessante fazer o levantamento em que têm razão as palavras contraditórias, mas não cabe no contexto desta reflexão.

A propósito, apenas referirei ainda um pequeno incidente: há uns anos, ao passar em Proença-a-Velha parei junto de uma fonte à beira do caminho de passagem para beber água. Uma mulher enchia o cântaro e a conversa, enquanto esperava a minha vez, fluiu à volta de águas. Foi-me então explicado que havia uma fonte férrea que era para os ricos. Os pobres iam à outra: é que beber daquela água abria muito o apetite e não era conveniente para quem tem pouco...

A água foi sempre utilizada na medicina. Se muitos acreditam que **ir a águas** (ou para termas) ajuda a curar, muitos outros dirão que, **ir a banhos** é inútil — mesmo que banhos de águas minerais. Podem também ser os banhos do dia a dia ou de *uma vez*

por festa, como narra Fernando Namora:

«*Todo o doente que entrasse no hospital era obrigado a um banho prévio, em corpo inteiro, com o auxílio da esponja e dos músculos dos criados. Era uma medida providente contra a invasão de parasitas. Certa vez chegou ali um homem rude, dos seus cinquenta anos, com as rugas da nuca e da face preenchidas por décadas de sujidade. Enquanto o observava, distraía-me a seguir os desvios e cruzamentos de porcaria estratificada. Dei-lhe uma palmada nas costas, para o dispor bem, e disse:*

- *Pode ficar internado, sim senhor. Vai tomar um banho, despir esse fato e fica já hoje na enfermaria.* -

- *Banho, senhor doutor?*

- *Banho, pois... É o costume.*

O homem levou as mãos às costas, coçou-as, indeciso e agastado.

- *Banho...* - *repetiu ele em palavras lentas.* - *Banho, senhor doutor é que não consinto. Não vejo de que me sirva para a minha doença.*

- *Pois isso nada tem que ver com a sua doença, é verdade. Mas é do regulamento; é uma lei para si e para todos. O banho e a mudança de roupa. Temos cá em baixo uma casa para guardar o fato dos doentes.*

Pode estar descansado que fica seguro.

O homem deu um passo para a saída e pegou no chapéu. Interpeleu-o ainda:

- *Então o senhor não toma banho em sua casa?*

- *Tomei, sim senhor, antes das sortes e antes do meu casamento. A gente não vai chapinhar na água toda a vez que se lembre. Está um homem sujeito a apanhar um catarral ou um resfriamento.*

- *Qual resfriamento! Deixe-se disso e espere aí pelo criado.*

Ele acabou por conceder.

Dois dias depois coube-me a vez de prestar serviço na enfermaria dos homens. Numa das camas, o doente tinha a roupa arripiada para a cabeça, como se tivesse frio. Peguei no dossier e perguntei ao enfermeiro:

- *Quem é este homem?*

As mãos do doente afastaram os lençóis com brusquidão. E, de olhos injectados, vermelhos de febre e rancor, disse com uma voz roquejada, mal se percebendo as palavras:

- *Sou eu, senhor doutor! Tenho um catarral e é por sua culpa. Eu bem lhe disse que não se brinca com a água!*

O homem teve realmente uma pneumonia.»

História duma Pneumonia,

Retalhos da Vida dum Médico

O banho tem efeitos terapêuticos e congrega também importantes significados, seja no campo do sagrado, seja no campo do profano. A imersão é banho de calma, é uma espécie de regressão uterina, mas

é também novo nascimento pela purificação: lembremos os baptismos no Rio Jordão. Também a fertilidade era invocada quando as mulheres estéreis imergiam em lagos e fontes sagradas e a notícia de tais actos vem dos mais remotos tempos, desde o Mediterrâneo ao Extremo oriente.

Se há conhecimento dos banhos públicos da Idade Média, lembremos também as considerações da Igreja sobre o atentado à castidade através do banho. Porém, a frio era considerado mortificação.

No momento em que se concretiza a fertilidade, na altura do nascimento, *rebenta a bolsa das águas* e é com água que vem a vida, mais uma vez.

Nas *Centúrias de Curas Médicas* de Amato Lusitano abundam as soluções e decocções recomendadas, que fazem deduzir como a água é imprescindível. No final da Terceira Centúria a Cura C reza assim:

«De um temor antigo, vulgarmente chamado «NATTA», apanhando o alto da testa, extirpado e curado somente com água fria.».

A dor do homem levou o homem a procurar o modo de anulá-la. Nesta reflexão breve, apenas se seleccionaram fios que necessitavam de entretimento. Apenas se bebeu um gole de água, com a crença, porém, de que a relação com a medicina foi pertinente, ou não estivesse esta ligada à vida, tentando tornar a vida melhor e ligada à morte, tentando retardá-la o mais possível. É ainda com um poema quase voz de hino que se consagra a água:

Raiz da vida esperança castidade
Raiz da vida esperança castidade
água bebida num além do tempo
quando o verdor surgir mais clareado
mais cristalino esmaecido e quente

Água espiral do ser perenidade
do retorno contínuo da manhã
recôndito calor a despertada
fluidez do arado pela terra

E em teu anseio a deusa adormecida
ou mais estremecida quando acorda
cálce concha ó linda esguia bilha
d'Água sem mácula a perfeita forma.

António Salvado

A sacralização da água está nessa raiz da vida. «**Com água e sol, Deus é o criador**».

No terceiro dia, Deus fez aparecer a terra seca e chamou-lhe terra e às águas juntas chamou mar e encheu a terra seca de verdura (*Livro da Sabedoria, Juízo Final*). Mas depois do sétimo dia, em que descansou, o seu descanso foi e será interrompido quando a Natureza e os humanos implorarem ao céu a sua gota de água.

Será esse o Juízo Final? Não haver água?

O SAGRADO DA ÁGUA EM CULTOS JUDAICOS BEIRÕES

por Maria Antonieta Garcia*

“Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anónima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes”.

**Gaston Bachelard, A água e os sonhos,
São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 9.**

A água abre as portas à imaginação, ao sonho, ao devaneio... Domínio do imaginário, de poderes racionalmente incontroláveis corre livre, e solta sentidos e afectos. Razões de sobra para que as Constituições Sinodais do Bispado da Guarda (texto editado em 1621, 1686 e 1725 sem a introdução de quaisquer alterações, elaborado de acordo com os cânones tridentinos) titulassem assim o Cap. XII, do Livro III: *“Que os Clérigos nam tenham Offícios em casa de pessoas seculares, nem acompanhem mulheres, nem as ensinam, nem vão aos rios e fontes”*.¹ As penas para os prevaricadores são várias e estão registadas. Depois alertam: *“... defendemos a qualquer dos Clerigos, que não vá aos rios, nem às fontes, nem a outros lugares, aonde costumão concorrer mulheres, para fallar com ellas ou as acompanhar; nem se detenha nos ditos lugares (...)”*.² Diabolizados pela errância da imaginação, pelo culto de amores, são espaços condenados, a evitar. Dos diferentes matizes da simbologia da água, aos Teólogos suscitou preocupação o que se prende com o que o Poeta admiravelmente definiu: *“É um suspiro a água - / ergue-se/ como os lentíssimos lábios do amor/ descem pelas espáduas”*.³ Lugares **maledictus**, de cultos pagãos, valeu-lhes, em alguns casos, a cristianização (Fonte Santa, Fonte da Senhora..., banhos santos, águas santas...) motivando outros pensares, outros sentires, outros fazeres... Porque a canção da água é sedutora e *“... A fonte é um nascimento irresistível, um nascimento contínuo”*.⁴

Essencialmente é enquanto fonte de vida, meio de

purificação de renovação corporal e espiritual que a água participa do mundo do sagrado, o universo, segundo Roger Caillois, de que *“... o crente espera todo o socorro, todo o êxito”*.⁵ Nesse sentido, interessa saber e poder agir relativamente a uma força que provoca terror e confiança, temor e esperança e que se situa de fora, e para além da razão. Face a poderes incontornáveis, o homem constrói ritos e interditos reguladores das relações que devem estabelecer-se entre o sagrado e o profano, entre o puro e o impuro. Da observância das regras resultará o sucesso; da transgressão o fracasso. Afinal a fuga ao caos, a manutenção da ordem, a sobrevivência e bem-estar de comunidades justificam sacrifícios, promessas, ascetismos, oferendas, ou seja, a prática de rituais que purifiquem e permitam o acesso, sem perigo, ao mundo do sagrado. Atitude de muitos tempos, sem dúvida, porque *“As restrições que preparam o homem para afrontar o divino e que o tornam puro existem com o mesmo valor para o neófito australiano que se apronta para as provas de iniciação, para o magistrado antigo que vai sacrificar em nome da cidade, para o cristão moderno que se ajoelha em frente da mesa sagrada”*.⁶

Entre as práticas que precedem o contacto com o divino sem riscos, o banho ritual, purificador aparece em múltiplas culturas, religiões. A purificação pode ter uma dimensão colectiva ou individual. A Bíblia, por exemplo, regista, no Génesis: *“E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicava sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos do seu*

coração era só má e continuamente”; (Gen. 6: 5); “Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em seu coração” (Geri. 6:6). Declara, por isso: “Destruirei de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até ao animal, até ao réptil e até às aves do céu: porque me arrependo de os haver feito” (Gen. 6: 7). É o prelúdio do anúncio do dilúvio: “- Eu trago o dilúvio de águas sobre a terra” (Gen. 6: 17). Aconteceu: “No ano seiscentos da vida de Noé, no mês segundo, aos dezassete dias do mês, naquele mesmo dia,



Uma rua da antiga judiaria de Belmonte

se romperam todas as fontes do grande abismo, e as janelas dos céus se abriram, houve chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites” (Gen. 7: 11; 12). Purificada do mal a Terra foi recriada. Valeu a Arca do justo Noé, o pacto com Deus que, na Terra nascida de novo, ordenou aos sobreviventes escolhidos: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra” (Gen. 9: 11). Retemperada pelas águas foi a ressurreição: recomeçou o ciclo das estações, os animais e plantas multiplicaram-se.

A referência à água na literatura veterotestamentária é frequente: é associada ao renascimento, à fertilidade, à sabedoria, à pureza, à graça, à virtude. Origem da criação, mãe e matriz é divina. Apaga as faltas, as máculas, purifica, cura.

Ciclo Vital

O banho ritual integra muitos ritos do ciclo vital. É bem conhecido o significado da água baptismal: com o “**apagar**” do pecado original, o indivíduo alcança um novo nascimento. É uma água que tem poderes transcendentais, divinos, que obriga a um banho prévio da criança, antes da cerimónia religiosa, a fim de evitar que o corpo fique “cheio de feridas”, como temem. É água benta, a do baptismo. Na raiz deste culto está, por certo, o banho obrigatório na **mikve**, aquando da conversão ao Judaísmo. Em hebraico, **mikve**, significa “reunião”, “coleção”, “ajuntamento”; materialmente é uma piscina, um tanque que deve conter água natural, proveniente da chuva, duma nascente; pode acrescentar-se-lhe água canalizada.

Espaço de remoção de todas as impurezas, a **mikve** está apetrechada com casa de banho com duche. Na verdade, antes da imersão no tanque, o judeu/ a judia devem cumprir um processo de preparação (jafifá) minucioso. Meia hora (no mínimo, aconselham) antes

da imersão, o banho cuidadoso deve incluir: duche, lavagem minuciosa da boca, dentes, nariz, ouvidos, unhas; atentar em espinhas, cáries... Lavar o cabelo, penteá-lo; tirar cabelos e pêlos soltos; retirar o verniz, a maquilhagem, as jóias, lentes de contacto, dentes postiços; suavizar a pele áspera ... são regras a

não descurar. Ou seja, toda a sujidade e substâncias estranhas devem ser removidas, procedendo-se a uma total revisão do corpo. Deste modo, o objectivo do banho na **mikve** será alcançado; ignorar ou descurar qualquer operação retirará a função da imersão na **mikve**. Ora, um banho que exige estas precauções não tem a ver com higiene física. Escreve Tehilla Abramov: “*Ir a la mikve es esencialmente un proceso de transición espiritual hacia un estado de pureza ritual! (...) Se trata de impureza espiritual y no de suciedad lo que lavamos en nuestra inmersión*”. Requerido pela Torá, a sua função é a de “... facilitar la transición hacia un nuevo estado espiritual y sensibilizar nuestro cuerpo hacia un nivel superior de santidad”.⁸

Banho exigido a todos os que se convertem ao judaísmo, como dissemos, é usado em tempos diferentes por homens e por mulheres. Se os primeiros devem purificar-se obrigatoriamente antes do jejum de **Iom Kippur** (o dia da Expição dos Pecados), para apagarem as faltas, e rezarem em estado de pureza, as mulheres usam a **mikve** mais frequentemente. Antes do dia do casamento, sempre; depois de casadas, após a menstruação ou qualquer perda sanguínea uterina, antes de recomeçarem as relações sexuais o banho na **mikve** é a forma de cumprir fielmente as leis de pureza conjugal. Para judeus ortodoxos esta imersão integra os mandamentos divinos, constitui uma prática inerente ao crescimento pessoal e à felicidade. São muitas as histórias que se contam sobre os sacrifícios a que as mulheres se submetem para aceder à **mikve**: mensalmente “impuras”, quando as comunidades não dispõem deste

equipamento, ou o tempo é de ocultação, de perseguição, judias viajam centenas de quilómetros, ou como diz Tehilla Abramov, a Sra Gold, uma vez por mês “... *se encamina hacia la playa, preparada para soportar las aguas heladas mientras cumple con las leyes especiales para utilizar el mar como mikve*”.⁹ Na Beira, os judeus belmontenses construíram a **mikve**, no edifício da Sinagoga; a vinda e estada na localidade de rabinos israelitas, a “conversão” de membros da comunidade há séculos distanciada do judaísmo ortodoxo, impôs a construção deste equipamento com carácter de urgência. Funcionou desde 1991 ao lado da Sinagoga que se situava na Rua do Areal; desde Dezembro de 1996 é utilizado a **mikve** instalado na Sinagoga **Bet Eliahou**, um edifício construído de raiz.

É uma água purificadora como a que o profeta Ezequiel refere: “*Então espalharei água pura sobre vós e ficareis purificados: de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei*” (Ezequiel 36:25).

É água sagrada, com uma função terapêutica. O ritual da lavagem das mãos, antes da oração, antes de comer pão, antes de visitar um cemitério, quando a água é vertida dum recipiente, tem também fins purificatórios.

O mesmo acontece com utensílios de cozinha novos que se submergem, se adquiridos a um *gentio*.



Salomon Anzley no lançamento da primeira pedra da Sinagoga Bet Eliahou, em Belmonte - Jureiro

Pessah

Em Belmonte, na Beira, foi durante a **Pessah** (Páscoa), o evento seminal do povo judeu, que sobreviveu nítido o desejo/ necessidade de purificação dos lares. A memória não conservara a cerimónia de procura dos fermentos e leveduras, cuja posse é interdita nos lares judaicos, durante os dias em que comemoram a libertação dos hebreus. O contacto com a doutrina católica, não apagou, porém, todas as práticas criptojudais; algumas delas estão mesmo na origem de cerimónias neotestamentárias. Assim, a meticulosa limpeza da casa sobrevivera. Antes da Santa Festa lavavam (**desintrefegavam**, como dizem) os lares, os utensílios domésticos, ainda que estivessem limpos. **Desintrefegar** é um vocábulo composto por **treifá** (impuro, em hebraico), a que juntaram o prefixo **des** (negação) e adequaram à fonologia e morfologia portuguesas. **Desintrefegar**

significa “*tornar puro*”; ouvimos em textos de orações do fabrico do pão ázimo: “*O Senhor nos mandou que desintrefegássemos as “fogareiras” (fogões onde coziam o pão), estas telhas, as bacias, este copo, esta sala, com águas correntes e fogos ardentes*”.

Na última década, quando assumiram a identidade judaica, deslocam-se ao Parque de Campismo de Valhelhas, onde corre o Rio Zêzere, e ali submergem os utensílios domésticos, ali os purificam, os **kasherizam** (outro vocábulo que entrou no discurso dos judeus belmontenses, afeiçoado à morfologia portuguesa), para poderem ser usados de novo.

A limpeza minuciosa, na época da Páscoa é visível em terras da Beira, nos lares cristãos. A casa é limpa, dizem, para receber Nosso Senhor, um ritual que, por certo, tem uma raiz judaica.¹⁰

Outras Águas...

• Água sagrada, milagrosa foi também a que permitiu aos hebreus passar o Mar Vermelho, salvarem-se, enquanto os exércitos faraónicos se afogavam. E era

com o ritual “*cortar as águas*” que os judeus belmontenses, lembravam a passagem do Mar Vermelho; realizado junto a um rio, a uma ribeira, repetiam o gesto sagrado, agradeciam a salvação, o cumprimento do Pacto que Deus realizara com o “*povo eleito*”.

• E não foi um alimento milagroso, o **maná**, em forma de orvalho que veio como

“pão do céu” (Êxodo 16: 4) saciar os hebreus durante o Êxodo? Segundo Alan Unterman “*O maná foi criado no crepúsculo do sexto dia da Criação e é o alimento dos justos e dos anjos do céu*”.¹¹

• Durante esta longa travessia do deserto “... *grande e terrível...*”, o povo estava desesperado, cansado, sedento e murmurava contra Moisés, o líder. Questionavam: “*Por que nos fizeste subir do Egipto, para nos matares de sede, a nós e aos nossos filhos, e ao nosso gado?*” (Êxodo 17: 3). A resposta milagrosa recebe-a Moisés, de Deus: “... *sobe a rocha em Horeb, tu ferirás a rocha e dela sairão águas, e o povo beberá*” (Êxodo 17: 6). Assim aplacou iras e cumpria a Aliança.

A Ambivalência do Sagrado

Mas toda a força do sagrado tende a dissociar-se e “... *a sua primeira ambiguidade resolve-se em*

elementos antagónicos e complementares aos quais se refere, respectivamente os sentimentos de respeito e de aversão, do desejo e do pavor. ...”¹² A ambivalência sobrevoa o carácter do sagrado: há os bons e os maus espíritos, Deus e o Diabo...

O fiel diante do divino é invadido, ao mesmo tempo, pelo *tremendum* e pelo *fascinans*, como escreve Rudolf Otto.¹³

O sagrado da água participa desta oposição. Se é energia vivificante, pode tornar-se força de morte. A fonte de vida pode transformar-se em fonte de morte. As cerimónias fúnebres criptojudaicas (e judaicas) iniciavam-se com a lavagem dos defuntos, sempre que possível, com águas correntes. Dizia a prece: “*Lavai Senhor esta alma, com água de salvação, limpai-a dos pecados, deitai-lhe a Vossa poderosa e divina benção*”. Era um banho purificador para poder aceder ao Além. Mas vemos referir em processos inquisitoriais de beirões bem como nas denúncias registadas no Caderno de Culpas do Bispado da Guarda, do seu distrito e das Visitações (1607/ 1625), práticas que evidenciam o poder nefasto da água. Por exemplo, António de Proença, numa Visitação de 1609, garante que “... *em aquellas partes da beira (...) quando morre algum vizinho botão a aguoa fora (..)*”; também Isabel Roiz sabe ser este um hábito dos judeus, porque vira, quando de noite, falecera uma criança numa casa onde dormira, que “... *as talhas quando se deitou tinham água e as despejaram de noite*”.¹⁴

A entrada do Anjo da Morte que mergulhara a espada, ou deixara cair um pouco de veneno na água que tinham em casa, tornava-a interdita ao consumo, maléfica, impura, fonte de perigos.

Às vezes, tem poderes divinatórios. A esposa suspeita de adultério devia submeter-se a uma prova que incluía beber “*água amarga*” para aferir de sua culpa ou da sua inocência. O rabino recolhia pó do templo, deitava-o na água; dissolvia-lhe depois um texto que amaldiçoava a **sotá**, “*a mulher que se desencaminhou*”. Lemos: “*E havendo-lhe dado a beber aquela água, será que, se ela se tiver contaminado, e contra seu marido tiver prevaricado, a água amaldiçoante entrara nela para a amargura, e o seu ventre se inchará, e a sua coxa descairá; e aquela*

mulher será por maldição no meio do seu povo (...)” (Num. 3: 2: 1)... *mas se estiver limpa, então será livre e conceberá semente*” (Num. 5: 28).

Em Suma...

Escreveu Mircea Eliade que “*As águas simbolizam a soma universal das virtualidades; elas são fons e origo, o reservatório de todas as possibilidades de existência, elas precedem toda a forma e suportam toda a criação*”.¹⁵

A água fonte de vida, as águas primordiais são fundamento de variadíssimas cosmogonias: delas nascem os mundos, todas as formas, foram o princípio, a criação. Não é diferente para o judaísmo, para o criptojudaísmo praticado na Beira. A imersão na água simboliza um novo nascimento, uma regeneração; cura magicamente. “*As águas, em verdade, curam, elas expulsam e curam todas as doenças!*”.¹⁶ A purificação pela água, apaga pecados, permite começar uma vida nova, limpa. As variadas abluções antes de cerimónias religiosas são purificadoras: preparam o judeu/a judia para o acesso ao sagrado. Como as águas do dilúvio que introduzem uma nova era, uma nova humanidade, regenerada.

São numerosos os cultos em torno das fontes, das nascentes, rios e ribeiras, as águas benfazejas ao amor. Ali a água corre, é “*viva*”, agita-se.... Cristianizadas fontes, águas santas, revelam ainda

o sagrado que lhe é próprio...

O simbolismo da fecundidade, da fertilidade, da criação, fá-las participar do devir universal: implicam tanto a morte como a renascença. Todavia, a morte é aparente porque terapêutica, portadora de vida nova, alcançada pelo sagrado da água.



A Sinagoga Bet Eliahu, em Belmonte

* Investigadora. Doutora em Cultura Portuguesa

Notas

1 *Constituições Sinodais do Bispado da Guarda*, Lisboa, Officina de M. Deslandes, 1686, p. 196.

2 Idem.

3 Eugénio de Andrade, *Poesia e Prosa II*, II Vol., Lisboa, Círculo de Leitores, 1987, p. 11.

4 Gaston Bachelard, op. cit., p. 15.

5 Roger Caillóis, *O homem e o sagrado*, Lisboa, Ed. 70, 1988, p. 22.

6 Roger Caillóis, op. cit., p. 39.

7 Leite Vasconcelos anotou esta crença no livro *“Tradições populares de Portugal”*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. 106.

8 Tehilla Abramov, *La feminidad judía*, Bilbao, Editorial Española Declée de Brouwer, S.A., 1991, pp. 154 e 155.

9 Tehilla Abramov, op. cit., p. 42.

10 De resto, é possível desvelar outras semelhanças entre as duas religiões, nos cultos pascais. A desobriga obrigatória durante a Quaresma, com a comunhão da hóstia, não tem a ver com o consumo do pão ázimo? Na última Ceia, Cristo não consumiu o pão ázimo?

11 Alan Unterman, *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992, p. 163.

12 Roger Caillóis, op. cit., p. 37.

13 Rudoff Otto, *O Sagrado*, Lisboa, Ed. 70, 1987.

14 *Caderno de Culpas do Bispado da Guarda, do seu distrito e das Visitações* (1607/ 1625), A.N.T.T., Inq. De Lisboa, Liv. 36.

15 Mircea Eliade, *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d, p. 140.

16 Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, ASA, 1992, p. 243.

A ÁGUA E A FONTE: EM BUSCA DA SEXUALIDADE ESQUECIDA

por António Maria Romeiro Carvalho*

As grandes fontes de Ladoeiro, Alcains e Idanha-a-Nova, séculos XVI e XVII, são exemplos visíveis da antiga sexualidade. São locais de hierogamia, a cópula entre os dois deuses, a Terra e o Céu. Com o passar do tempo; de sublimação em sublimação, estilizam-se os falos e sublimam-se representações materiais sexuais. Simultaneamente, passa-se de uma abóbada rectangular ou quadrada para a sua redução e de cinco pilares se passa a três. Das três grandes fontes que referenciámos, se passa às fontes do Rossio e Santo António de São Miguel de Acha e à Fonte da Bica de Monforte da Beira e, mais tarde, se passa aos chafarizes dos séculos XVIII, XIX e XX, que apenas possuem muro e três pilares.

1. As Águas

As águas são uma massa indiferenciada e representam a infinidade dos possíveis. São, em simultâneo e em contraste, o virtual e a ameaça de reabsorção. A partir daqui, os significados da água agrupam-se em três grandes temas: a água como fonte de vida, como meio de purificação e a água como meio de regenerescência.

Da água brota a vida, seja no aspecto simbólico, seja no aspecto científico-biológico. A água é a matéria-prima da vida e sobre ela pairou o espírito criador de Deus, na Bíblia e não só: «e o espírito de Deus pairava sobre as águas» (Gen 1,3). A noção de oceano ou águas primordiais é praticamente universal. Parece natural que os povos do Médio Oriente tenham considerado a água, em primeiro lugar, como símbolo da vida e é como senhor da água viva que Cristo se manifesta à samaritana. (Jo 4,10)

A água possui, por si própria, a transparência, a simplicidade, a pureza. Daqui possuir a virtude

purificadora e, também por esta razão, ser considerada sagrada. A água tem virtude purificadora e também um poder de salvação. Imergir na água é limpar-se, é morrer e ressuscitar. É morrer o velho e nascer o novo homem. As águas precedem a criação, logo, estão presentes nesta recriação do homem que é também a recriação do mundo. O Dilúvio, que é uma tradição universal, não é mais que um baptismo no tamanho do mundo. Na língua sumérica, diz Eliade, a significava água, mas igualmente significava esperma, geração, concepção. A água é a «substância primordial de que nascem todas as formas e para a qual voltam por regressão ou cataclismo».¹

Mas água tem significado contraditório, como foi dito: é vida e é morte. A grande dicotomia nas águas é a separação entre as águas superiores e as águas inferiores. As águas superiores são doces, feminino; as águas inferiores são salgadas, masculino. Águas superiores são os rios, os ribeiros e as fontes. As águas inferiores são os oceanos. O rio aproxima, o mar separa. O rio é positivo, é bom; o mar é negativo, é mau. O mar não ocupa espaço nos contos populares portugueses. Pelo contrário, rios e fontes dominam este espaço.

Dizem que Portugal é um país de marinheiros, que os portugueses são homens do mar. Nada mais falso. Manuel G. Martins, navegador solitário, percorre os oceanos desde 1989 e não tem dúvidas: «as pessoas gostam é de ter o barco parado ao pé das docas do rio. Não há regatas aos Açores e à Madeira. Se as coisas aconteceram há 500 anos atrás, foi porque existiu um D. João II (...) D. Manuel continuou. Acabaram eles, acabou a navegação (...) O mar não tem poesia. Quem disse que o mar tem poesia? Só na televisão. Na costa, quando não faz mal às populações. Num pôr do Sol».² Nos finais do século

passado, Leite Vasconcelos pensava o contrário, mas via o mesmo: «apesar de Portugal ser um país de navegadores, não tenho recolhido nem muitas nem muito extraordinárias tradições do mar. O que há é abundância de cantigas marítimas».³

2. As Fontes

Na tradição e na cultura mediterrânica, seja judaica ou portuguesa, as fontes e os poços são locais onde se realizam encontros essenciais. É junto das fontes e da água que o amor nasce e os casamentos se iniciam. É junto das nascentes que se concentram os cultos. Todo o santuário tem uma fonte. Tinham uma fonte os santuários orientais, tem uma fonte a Senhora do Almortão. Têm uma fonte ou chafariz ou ribeiro todas as ermidas de Portugal.

A sagração das fontes é um acto universal, pois a fonte é a boca da água viva ou da água virgem. A água que brota da fonte é a água das chuvas, é o sêmen divino, é a maternidade. Por isso é que as mouras estão encantadas nas fontes e beber nelas é conhecer. Beber água nestas fontes é ficar encantado. Por isso é que se costuma dizer, a propósito do rapaz que casa noutra terra que não a sua: bebeu água da fonte... e ficou por cá.

As fontes, em Portugal, têm moiras encantadas. No dizer de C. Pedroso, as moiras portuguesas são «génios femininos das águas», irmãs das germânicas nixen, das inglesas lac-ladies, das russas rusalki, das sérvias vilas, das escandinavas elfen e das gregas naiadas.⁴ Diríamos que são irmãs menos conhecidas da Lady of de Lake dos Cavaleiros da Távola Redonda. Seguindo o mesmo autor, as moiras aparecem como génios maléficos que perseguem o homem, como fiandeiras e construtoras de monumentos e como guardadoras de tesouros encantados; mas a sua maior função e razão de serem conhecidas é de serem génios femininos das águas. Não há fonte portuguesa que não tenha uma moira que ora tem a forma de serpente e exerce feitiço sobre os viandantes, ora tem a forma de uma linda donzela que promete riqueza e felicidade a quem colocar fim ao seu encantamento.⁵ O dia e a hora primordial de aparecimento é a Noite de São João, à Meia-Noite. Nesta noite, a serpente, a moira, a grande mãe, que são uma e a mesma coisa, liberta-se da autoridade do pai, diz M.E. Santo. Liberta-se e acontece a noite de maior sensualidade e sexualidade de todo o calendário agro religioso rural.

Sobre a água e a fonte e as suas relações com as moiras, gostaríamos de citar um pequeno texto que tem por base uma visão de Maria Armida, curandeira do Pego. Diz ela, «eu passava por um ribeiro que se chamava Vale do Gato. Chegava ao ribeiro onde estava uma rocha, que ainda existe, onde a água corria, e às vezes bebia pelas mãos. Foi aí que me apareceu uma moira. Essa moira ainda lá vive encantada» A água

brotando da rocha é regeneração e é conhecimento. Brota das entranhas da terra mãe onde vive a moira, que é ela própria. «A água é um produto maternal», diz M.E. Santo.⁶ Quanto aos mouros, são os primeiros habitantes da terra. São auctótones, isto é, diz P. Cabral,⁷ terão «emergido literalmente da terra». A moira e a deusa mãe preferem crianças e mulheres para se manifestarem, seja na antiguidade, seja na actualidade recente de Lourdes ou Fátima.

3. O Falo

Viajemos até à Pré-História. O Paleolítico é dominado pelas Grandes Deusas detentoras da fecundidade universal. Nos VI e V milénios A.C. aumentam as comunidades de agricultores e, a partir daqui, é espantoso o domínio da Deusa Mãe. Isto porque há uma profunda coerência entre fecundidade e fertilidade. Mas a bipolaridade sexual continua ainda fortemente acentuada, o que está na origem das representações fálicas.⁸

Representações fálicas e festas orgiásticas eram coisa muito comum na Antiguidade e até bem recentemente, ainda que sempre com a oposição do Cristianismo/Catolicismo. O Cristianismo não conseguiu abolir o carácter orgiástico, mas bem no tentou. Um dos aspectos desta guerra é a batalha travada por Cristo, com ou sem Orfeu, contra Dionísio. Dionísio era o deus a quem eram consagrados falos e se faziam clamores ruidosos e orgiásticos. Era o deus da fecundidade humana e animal e era-lhe feita a procissão dos *phalos*. Dentro da função de recriação a partir do caos que têm a festa e a orgia, Dionísio simbolizava as forças da «regressão em direcção às forças caóticas e primordiais da vida, que provocam as orgias». Ao contrário, Orfeu era visto, e assim foi utilizado pelos primeiros cristãos, como vencedor das forças brutas da natureza, isto é, Dionísio. Depois de vencido (?) Dionísio, os cristãos voltam-se para Orfeu. Entre Orfeu e Cristo há uma grande diferença. Cristo venceu Satã, mas Orfeu, ao contrário de Cristo que foi até às últimas consequências, teve falta de força espiritual, já que nunca se *libertou* de sua mulher Eurídice, que arrancara dos infernos. Assim, a partir do século IV Orfeu é atacado pelo Cristianismo: porque não conseguiu ir até às últimas consequências e porque o Orfeísmo é uma religião do nocturno e do ctónico, ao contrário do Cristianismo, uma religião do céu e da luz.⁹

Mas o falo e os seus significados passaram no tempo e chegaram até nós na sua mais profunda significação, a da fertilidade nos homens, animais e produtos. Assim se podem interpretar os pequenos bétilos fálicos colocados nos portões e nas casas, de Idanha-a-Nova a Carnide, como já o fez M.E. Santo.¹⁰ Assim se podem interpretar os pequenos bétilos fálicos colocados em fontes, numa relação



sexual com a água. Mesmo os bétilos colocados sobre os grandes chafarizes, e que não possuem já a semelhança clara a um falo, como os outros, que até chegam a ter o buraco fálico, poderão ser vistos como talos estilizados/sublimados. O falo é um princípio activo e a sua representação é feita pelo polegar, pé, coluna, pedra erguida... As nossas fontes mostram bem o poder de resistência e a permanência *ad aeternum* do arquétipo dos dois princípios vitais: masculino-feminino, pai-mãe, falo-água, isto é, a hierogamia.

4. As Grandes Fontes, Locais da Hierogamia



Para análise e estudo comparativo e comprovativo do que afirmamos, escolhemos três fontes: Fonte Grande, Ladoeiro; Fonte das Laranjeiras, Idanha-a-Nova e Fonte Romana, Alcains. Fontes de transição para os chafarizes, encontrámos as duas fontes de São Miguel de Acha, as duas de Oledo e as duas de Monforte da Beira.

As três grandes fontes são muito semelhantes na sua arquitectura. É provável que as três datem do século XVI, visto que a Fonte Grande, a única com a data inscrita, é de 1571.

São fontes com abóbada e sobre ela uma interessante ocupação espacial. Quatro pequenos bétilos marcam os quatro cantos do quadrilátero. Ao centro,



FOTOS E LEGENDA:

- 1- Fonte Grande, Ladoeiro
- 2- Fonte das Laranjeiras, Idanha-a-Nova
- 3- Fonte Romana, Alcains

As grandes fontes têm a totalidade espacial: norte, sul, este e oeste são os pequenos bétilos; centro é o bétilo maior, que é também o alto; o baixo está sob a abóbada, que é a profundidade da grande mãe, a água. São os sete pontos cardeais, que, na geografia mítica, abrangem todo o espaço nos três níveis: Céu, Terra e Subsolo. As grandes fontes são locais de Hierogamia, a cópula entre dois deuses, a Terra e o Céu.

um bétilo maior assenta numa elevação provocada pelo levantamento contínuo dos quatro lados do quadrilátero, desde as bordas ao centro. A natureza fálica deste bétilo é nítida. O da Fonte Grande tem mesmo o buraco do falo. As outras duas fontes têm uma cruz, prova provada da cristianização de um símbolo e de um culto. Os quatro pequenos bétilos da Fonte das Laranjeiras eram pontiagudos, antes de terem roubado a parte superior deles. O bétilo central fálico da Fonte Grande está para a cruz das outras duas fontes como os antigos cultos orgiásticos estão para o Cristianismo, como Dionísio está para Cristo, como a prostituição sagrada está para a castidade do claustro, como o derramamento de esperma mítico está para o derramamento de sangue no Calvário, ambos salvíficos, recriadores. As grandes fontes têm o falo e água bem materializados, são locais de sensualidade e sexualidade, Mas as grandes fontes são algo mais. Elas são a totalidade. Vejamos a geografia das fontes.

Na geografia mítica, o oriente é fonte de luz e origem da vida, o ocidente é morte, o norte é inverno e frio, o sul é verão e calor. Quanto pontos cardeais, estes são sete: nascente e poente, norte e sul, alto e baixo e centro. O sete é o fim, um ciclo completo, um total. As grandes fontes têm esta totalidade espacial: norte, sul, este e oeste são os pequenos bétilos; centro é o bétilo maior, que é também o alto; o baixo está sob a abóbada, que é a profundidade da grande mãe, a água. São os sete pontos cardeais.

As grandes fontes são um centro: polo de atracção-concentração, lugar de manifestação do sagrado e lugar onde a Terra e o Céu se ligam, se tocam, se juntam, copulam. Não admira que haja tantas fontes «dos namorados», se namore nas fontes, se vão ver as moças à fonte e até o próprio Cristo tenha ido à fonte e ficado. Uma linda cena que veio dar num lindo fado de Coimbra. Coimbra que tem muitas fontes e encantos tem...

Com o tempo, sublimam-se actos, cultos e representações: os falos estilizam-se e as cúpulas desaparecem. Mas para quem quizer lembrar antigos cultos e representações as grandes fontes lá estão.

* Investigador do IEDS - Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica da U.N.L. Professor de História

Notas

- 1 Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, p. 243
- 2 «Portugal não Tem Tradição de Mar», *24 Horas*, 20-9-98
- 3 Carlos de Oliveira, *Contos Populares Portugueses*, 4, 1020
- 4 Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, p. 217
- 5 Consiglieri Pedroso, *Opus Cit*, pp. 218-219
- 6 Moisés Espírito Santo, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, p. 12
- 7 João Pina Cabral, *Filhos de Adão, Filhas de Eva*, p. 280
- 8 São também opiniões de Pierre Lévêque, *Animais, Deuses e Homens*, pp. 35,43-45
- 9 Destas lutas e símbolos falam, Moisés Espírito Santo, *Origens do Cristianismo Português*, pp. 39, passim, Jean Chevalier e Outro, *Dicionário dos Símbolos* e José Maria Blazquez e Outros, *Historia de las Religiones Antiguas*, pp. 339-347.
- 10 Moisés Espírito Santo, *As Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, pp. e fotos.

Bibliografia

- BLAZQUEZ, José Maria e Outros, *Historia de las Religiones Antiquas: Oriente, Grecia y Roma*, Madrid, Catedra, 1993
- CARVALHO, António Maria Romeiro, «Bruxa e Mulher de Virtude na Aldeia», *Forum Sociológico*, nº4, UNL, 1994, pp. 73-89
- CAZENAVE, Michel, *Encyclopedie des Symboles*, Paris, Le Livre de Poche, 1996 (1989)
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Editorial Teorema, 1994 (1982)
- ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Porto, Edições ASA, 1992 (1949)
- LEVEQUE, Pierre, *Deuses, Animais e Homens*, Lisboa, Edições 70, 1996 (1985)
- MARTINS, Manuel Gomes, «Portugal não Tem Tradição de Mar», *24 Horas*, 20-9-98
- OLIVEIRA, Carlos de, Org., *Contos Populares Portugueses*, Vol. 4, Porto, Livraria Figueirinhas, 1977
- PEDROSO, Consiglieri, *Contribuições para uma Mitologia Popular Portuguesa*, Lisboa, P. D. Quixote, 1988
- SANTO, Moisés Espírito, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990 (1984), 2ª Edição
- Idem, *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988

Águas e Curas Milagrosas na Serra da Gardunha

A FONTE DA SENHORA DA ORADA

por Albano Mendes de Matos*

“A história cristã escreve-se sobre as águas e simboliza-se nelas.”⁽¹⁾

1- Lugares Sagrados, Água e Ritos

Esta comunicação aborda um aspecto particular da religiosidade que envolve o espaço sagrado da Nossa Senhora da Orada, em São Vicente da Beira, na zona ocidental da Serra da Gardunha: as águas “santas” ou milagrosas.

Os espaços sagrados ou sacralizados contêm lugares carregados de sentido, segundo as mentalidades e as crenças.

No espaço sagrado da Nossa Senhora da Orada, onde se desenvolve a festa, no quarto domingo do mês de Maio, encontram-se três lugares de relevo, ligados à crença religiosa e à fé: a capela, a cruz, no lugar da aparição da Senhora e a fonte.

Para além deste espaço, de convergência da sacralidade, há os lugares profanos, como a feira, onde são vendidos diversos objectos, comidas e bebidas, o parque para automóveis e os locais indiferenciados, nos arredores, onde as pessoas tomam as refeições ou descansam.

Os estudiosos da religião evidenciam o carácter particular da prática católica, em que os praticantes, especialmente no mundo rural, a exercem ao seu modo. A partir de práticas ou gestos individuais, formam-se sistemas de representação e de crenças colectivas que fundamentam muitos aspectos da religião popular, que se acomodam e se moldam à religião oficial.

O lugar histórico-religioso da Senhora da Orada está carregado de sentido. É esse sentido interior que leva o peregrino a percorrer o itinerário para atingir o lugar da sua crença, com maior ou menor sacrifício. São a

crença e a fé dos peregrinos que transformam esse espaço em lugares antropológicos, de grande intensidade mística e social, muitas vezes na procura de alívio para uma doença ou de lenitivo para as dificuldades da vida.

Normalmente, os espaços humanizados, com alguma sociabilidade, permanente ou cíclica, situam-se junto de nascentes, porque a água é um elemento indispensável. Assim acontece em quase todos os espaços ligados ao religioso, como na Senhora da Serra, Castelo Novo, na Senhora do Fastio, Enxames, Senhora do Souto, Donas, no Anjo da Guarda, Alpedrinha, e na Senhora da Orada.

Estas nascentes podem correr desde há tempos imemoriais, mas as suas águas apenas serem tomadas como possuindo virtudes, quando um facto sobrenatural, como as aparições, acontece, nas suas imediações. Banhar um verseto do Alcorão na água é torná-la medicinal para os muçulmanos. Benzer a água, por um sacerdote, é torná-la virtuosa para os cristãos.

O espaço da Senhora da Orada é um “espaço existencial”⁽²⁾, lugar onde ocorrem experiências de relação com o mundo natural, o mundo físico, e, também, de relação com o sobrenatural, orientado para a Senhora, que salva e cura, por ter poderes milagrosos. Mas também é um espaço de lazer, centro de convívio e de sociabilidade, onde as pessoas se encontram e se relacionam.

A identidade das pessoas com os lugares sacralizados e a relação das mesmas com o sobrenatural, com os entes divinos ou sagrados, nos quais acreditam, levam essas pessoas a procurar esses lugares, ciclicamente, no calendário festivo, à procura de protecção, ou em momentos difíceis, como nas doenças e outras perturbações da vida.

Interessa, no desenvolvimento desta comunicação,

apenas a fonte, como lugar de sacralização popular, a fonte de águas milagrosas, das águas com virtudes referida por Frei Agostinho de Santa Maria, nos princípios do século XVIII⁽³⁾.

2- Águas, Símbolos e Virtudes

Pode afirmar-se que a água contém e simboliza todas as virtualidades. Como princípio, origem e fonte da vida, as águas são consideradas germinativas. O contacto com a água, no mito, no ritual ou na cosmogonia, simboliza a regeneração. A aspersão com água sobre o corpo de um adulto ou de uma criança, no ritual cristão, a imersão na água de um rapaz africano ou de um iniciado indiano, são actos simbólicos que significam um novo nascimento, uma passagem de um estado a outro, na hierarquia social, ou a reintegração numa sociedade ou numa comunidade.

O contacto com a água confere, através de um ritual propiciatório, um novo nascimento, como pode curar enfermidades, por um ritual religioso ou mágico.

Em diversas cosmogonias aquáticas, históricas ou contemporâneas, todos os mundos e todas as formas de vida tiveram origem nas águas primordiais⁽⁴⁾.

Símbolo nas cosmogonias, contendo gérmens vitais, a água pode transformar-se numa substância mágica e curativa, realidade metafísica e religiosa. Águas medicinais encontram-se espalhadas por todo o País. As “fontes santas”, com águas milagrosas, mantêm-se com evidente actualidade. Rituais mítico-profanos, do paganismo rural, foram imbricados com rituais cristãos ou cristianizados.

As simbologias aquáticas e os rituais mágico-religiosos têm actualidade, quer nas manifestações profanas, como as aspersões em três fontes e apanhar o orvalho, nas madrugadas de São João, para se ter sorte e as doenças não entrarem no corpo e ser-se formoso, em alguns locais da Gardunha, e os três mergulhos, nas águas do mar, a que são submetidas as crianças, para afugentar os demónios

ou curar males da cabeça, como em algumas praias do Minho.

Alguns actos propiciatórios às curas, mágicos ou da religiosidade, que apresentam a água como elemento principal, repetem a cosmogonia, porque remetem para os tempos míticos da criação dos mundos. A água cura, porque provoca a regeneração do doente, pelo contacto com a substância primordial, que se pensa absorver o mal.

À multivalência mágica ou religiosa da água

correspondem numerosos cultos, crenças e ritos, envolvendo nascentes, rios e ribeiros. Crenças que se devem tanto ao valor sagrado da água, como elemento criador de vida, como as epifanias locais, em que as fontes se ligam a factos sacralizados.

A crença popular nas “águas santas”, especialmente as curativas, foi tolerada e mesmo fomentada pelo catolicismo, como, por exemplo, as águas de Fátima, que os peregrinos levavam para casa, e as da Senhora da Orada, que os emigrantes, ainda hoje, levam para os países onde trabalham.

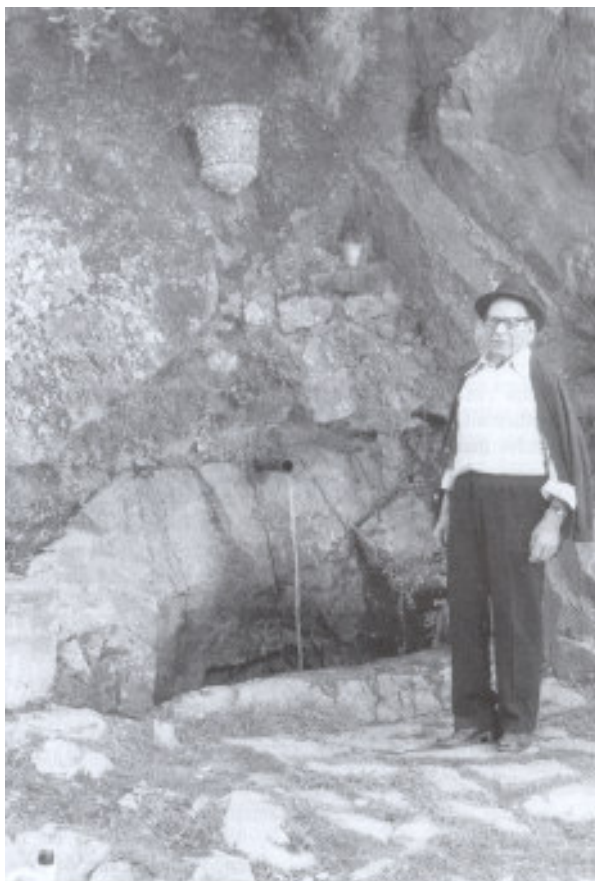
A continuidade cultural deste fenómeno prolongou-se da antiguidade até aos nossos dias, mesmo com o evoluir das novas mentalidades. As fontes milagrosas têm acompanhado a criação e a

manutenção dos lugares de culto dos Santos, das Senhoras e dos Senhores.

As crenças nas águas milagrosas não são pesquisadas e divulgadas apenas para descrever linearmente o que diz o povo, mas para demonstrar o que o povo faz e pensa, no sentido de serem revelados alguns aspectos da cultura e das mentalidades.

É interessante analisar os aspectos das crenças locais e comparar com comportamentos idênticos ou similares de outros povos, quaisquer que sejam as culturas ou estados civilizacionais.

Um estudo sistemático e comparativo dos ritos religiosos e das práticas mágicas populares revelam-nos que existe uma unificação, em certos aspectos, das crenças e dos cultos relativos aos diversos elementos e estados da Natureza, como a



Fonte da Senhora da Orada - São Vicente da Beira

água, os astros e as montanhas, numa abrangência que pode dizer-se universalista.

Algumas manifestações, que se englobam ou englobaram numa estrutura lógica do pensamento, parecem hoje comportamentos residuais ou traços arcaicos de mentalidades originais, como evidência de sistemas culturais, de mudança lenta, assentando numa estrutura de longa duração, como a religião popular ou religiosidade, como prefere a Igreja Católica.

A cristianização foi complacente, ajudando ou favorecendo a manutenção de algumas práticas da religiosidade camponesa ou pagã, moldando-as aos ideais da sacralidade cristã. Assim se compreende, actualmente, que se verifiquem, numa visualização dualista ou sincrética, práticas da confissão católica em paralelo com comportamentos ditos da sacralidade arcaica, pagã ou primitiva.

As virtudes das “águas santas”, as que curam, salvo as que têm propriedades medicinais, são simbólicas ou participam das virtualidades inerentes aos entes santificados aos quais estão agregadas.

3- As Águas da Senhora da Orada e os Factos Milagrosos

A serra da Gardunha é uma serra de muitas águas. Dela brotam muitas nascentes, cujas águas se escoam por regueiras, riachos e ribeiras. Nesta serra tem origem o rio Ocreza, a ribeira de Alpreade, a ribeira da Gardunha, a ribeira da Pouca Farinha, entre outras.

Os povos classificam as diversas águas pelo sabor, pela temperatura, pela leveza ou pela dureza, associando-as ao modo como o corpo as tolera ou as sente, proporcionando bem-estar ou incomodação, desde as águas “pesadas”, na fonte das Lages, no Alcaide, as águas “doces” ou “chocas”, da fonte do Lugar, no Alcaide (antiga fonte de mergulho), as águas “frias e puras”, da nascente da Senhora da Serra, as águas “leves”, da fonte do Vale, no Alcaide, entre muitas outras, que fazem bem o organismo e dão saúde, até às águas minerais do Alardo, em Castelo Novo, e as águas do Ribeiro Frio, no termo de São Vicente da Beira.

As águas da Fonte da Nossa Senhora da Orada, saindo puras do ventre da serra, possuem virtudes milagrosas, como testemunham diversas curas, por contactos com a água, consideradas milagres, pelos povos.

Da nascente da Senhora da Orada, brotam “águas vivas”, jorrando do ventre da terra, primordiais e sagradas, com propriedades curativas.

Uma fonte, tida como milagrosa, é um local de paragem ou de visita, para um banho, para uma aspersão ou para encher uma garrafa, para usos posteriores.

A fonte da Senhora da Orada é visitada todo o ano.

Ali chegam pessoas de diversas localidades, procurando água, sejam de prática católica ou não. Ali passam grupos e pessoas isoladas para um banho purificador, ou procurando uma cura, na sua maior parte mulheres, que se despem e colocam sob a bica, para serem banhadas pelas “águas vivas”, purificadas e purificadoras, enquanto outros as cercam, para protecção de observação estranha.

Estes banhos santos, além do simbolismo de purificação, podem exercer um efeito terapêutico real sobre os doentes, crença que se projecta nas diversas curas verificadas ao longo dos tempos, talvez por “eficácia mágica”.⁽⁵⁾

Os ritos de purificação, de evitação ou de expulsão de doenças pela água, devem ser apreendidos no contexto das explicações oferecidas pelas pessoas intervenientes, possuídas de fortes crenças, mais importantes do que as acções, e fé extrema. Pela crença e pela fé nos poderes sobrenaturais, muitas pessoas recorrem, em paralelo, à medicina oficial, aos entes divinos, às “águas santas” e mesmo às bruxas e benzilhões.

Encontrar um sentido para a vida é um grande desafio que tem sido colocado ao homem ao longo dos séculos. De onde veio o homem, para onde vai, o desvendar do desconhecido, as doenças e a morte, têm sido enigmas e preocupações que as mentalidades sempre tentaram explicar.

Vejamos algumas curas milagrosas, devidas, segundo testemunhos de pessoas, às águas santas da Nossa Senhora da Orada, em conjunto com novenas⁽⁶⁾, pedidos e promessas.

Um rapaz de Pera do Moço, em Escalos de Cima, nos finais do século passado, não podia comer. Ao querer engolir, engasgava-se e o caldo saía-lhe até pelo nariz. Como a Nossa Senhora da Orada tinha sido muito nomeada por aqueles sítios, a mãe levou-o num burro até à capela da Senhora, onde rezaram. O rapaz banhou-se nas águas correntes da fonte, as “águas vivas”, e bebeu água, de vez em quando. Passados uns dias, o rapaz começou a comer de tudo e bem⁽⁷⁾.

Nos inícios deste século, um homem do Casal da Serra, trabalhador da Câmara de Castelo Branco, sentiu uma grande dor nos olhos. Foi para casa e quando ali chegou já via mal. Tinha a vista turva, enevoadada. Foi ao médico de São Vicente da Beira, que o mandou para o Fundão, a outro médico. A caminho do Fundão, passou pela Senhora da Orada, onde rezou, à porta da capela, para que a Senhora o curasse. Sempre acompanhado por um familiar, foi à fonte da Senhora da Orada, pôs a cabeça debaixo da bica, com a água a cair sobre a vista, durante um pedaço de tempo. A dor foi abrandando. Ao levantar a cabeça, limpou os olhos e recomeçou a ver e a dor desapareceu. Já não foi ao Fundão e contam o facto como um milagre da Nossa Senhora da Orada.⁽⁸⁾

Nos anos vinte deste século, uma rapariga do campo encontrava-se paralítica há sete anos. Todos os anos ia com a família à Senhora da Orada pedir a cura. De lá, levavam água da fonte para banhar as pernas. Já desanimados, num ano passava-se o dia da festa e não foram à Senhora. Na hora do almoço, uma filha disse à mãe:

- Comemos primeiro, ou vou levar a comida à doente?

- Comemos primeiro e depois vamos fazer-lhe companhia, enquanto ela come!- respondeu a mãe. Quando comiam, o homem disse para a mulher:

- Fizemos mal não irmos à Senhora da Orada! É que tenho cá uma fé!

Quando o pai acabou de falar, a rapariga apareceu, na cozinha, curada. O pai gripou:

- Milagre da Senhora da Orada!⁽⁹⁾

Nos anos trinta deste século, um homem de nome António, do Juncal do Campo, encontrou-se surdo e pediu à Nossa Senhora da Orada para o curar.

Prometeu ir, a pé, do Juncal até à Senhora da Orada, durante nove domingos seguidos, uma novena aos domingos; ir de São Vicente e voltar, sem falar, somente, rezar, fazer o caminho, de joelhos, pelas pedras e pelo mato, desde a capela até à cruz, onde apareceu a Senhora, e da cruz até à fonte, onde acabava a reza e a penitência e se banhava.

No último domingo da novena, chegou à fonte e ficou, de joelhos a rezar. Pôs a cabeça debaixo da bica, deixou a água correr sobre os ouvidos e começou a ouvir.

Todos os anos, até morrer, foi em romaria, no dia da festa, agradecer à Senhora da Orada, que milagrosamente o curou.⁽¹⁰⁾

Uma mulher do campo, chamada Joana, estava despedida dos médicos, por causa de uma grave doença, corriam os anos trinta deste século.

O seu homem, que era pastor, ouviu falar dos milagres da Senhora da Orada e disse-lhe:

- Ó mulher, tu não tens fé na Senhora da Orada?

- Tenho. Mas, se calhar, ela não gosta de mim!

- Vamos lá, que ela é nossa Mãe e tem poderes.

A senhora Joana foi com o homem, acompanhados por outra mulher, até à capela, para pedirem à Senhora uma cura. Depois de rezarem e da mulher tomar banhos na fonte, queriam ir embora, porque o homem tinha que guardar o gado. A mulher do ermitão disse-lhes que era melhor a senhora Joana ficar para uma novena. Ficou na casa do ermitão e o homem voltou a trazer-lhe comida.

A senhora Joana fez as rezas e tomou banhos na fonte santa. A princípio, piorou, mas, depois, começou a melhorar e foi-se embora para a terra. Bebeu água da fonte, muitas vezes ao dia.

No ano seguinte, no dia da festa, a senhora Joana veio, numa carroça, com mais pessoas, a agradecer à Senhora da Orada o milagre que lhe fez, pois, estava

despedida dos médicos.⁽¹¹⁾

Joaquina Mendes, do Casal da Serra, teve, nos anos trinta, um eczema, numa mão, sempre em ferida, por alguns meses. Os médicos não a curaram. Pegou-se com a Nossa Senhora da Orada. Foi à porta da capela, ajoelhou-se e pediu à Senhora que lhe curasse a mão. Fez uma novena de graças à Senhora. Durante nove dias, à porta da capela, rezou nove Glórias, nove Padre-nossos, nove Ave-marias e nove Santa-Marias, lavando a mão nas “águas santas”, da fonte, indo a pé do Casal da Serra.

Ao fim de nove dias o eczema estava sarado. Esperou mais meia-dúzia de dias e, como o eczema não “rebentasse”, fez outra novena, de agradecimento à Senhora, indo, a pé, rezar à porta da capela, de joelhos. Em casa tem sempre água da fonte da Senhora da Orada para qualquer necessidade que surja.⁽¹²⁾

Nos anos trinta, deste século, Joaquina Mendes, do Casal da Serra, andava com muitas dores no peito, não podia trabalhar e mal podia respirar.

Foi à Senhora da Orada buscar “água santa”, para beber e para se molhar, para se curar, prometendo à Senhora uma novena.

Começou a novena, bebeu água da bica e banhou-se até ao quarto dia. No dia seguinte, sentiu-se mal das pernas, não podendo andar até à capela da Senhora. Falou com o Vigário de São Vicente da Beira e este mudou-lhe a promessa, o cumprimento do resto da novena, da porta da capela da Senhora da Orada para a porta da capela do Casal da Serra, continuando a beber e a banhar-se da água que trouxera da fonte da Senhora, numa lata. Dias depois da novena e dos banhos, sentiu-se curada, o que diz ser milagre.⁽¹³⁾

José Barroso, do Casal da Serra, nos anos trinta, deixou de ver e foi ao médico a São Vicente da Beira, dizendo-lhe este que nada podia fazer mais do que pôr-lhe umas gotas nos olhos. Com as gotas na vista, regressou a casa, continuando na mesma. Lembrou-se das “águas santas” da Senhora da Orada, que curavam muitas doenças. Foi com a mulher junto da fonte, lavou a cara e deixou cair água da bica sobre os olhos. Foram rezar à porta da capela e logo se sentiu curado, começando a ver.⁽¹⁴⁾

Nos anos quarenta, uma mulher de nome Júlia, dos Escalos de Cima, tinha o corpo morto. Espetavam-lhe alfinetes e não sentia. Foi para a Senhora da Orada, para tomar banhos, na fonte, ficando alojada na casa do ermitão. Depois de uma semana de banhos, começou a sentir as picadas dos alfinetes por todo o corpo. Pedia às pessoas para a picarem. Considerou milagre a sua cura.

Até poder, todos os anos ia à festa da Senhora, a pé, descalça, em romagem de agradecimento. Pelo caminho, vendia pinhões.⁽¹⁵⁾

Um rapaz de São Vicente, criado do senhor Paulino, nos anos quarenta, dormia numa casa da serra. Um

dia, tolheu-se de todo. Foi preciso levá-lo numa padiola, para a casa do ermitão da Senhora da Orada, por uma vereda, onde passou o Natal. Depois de quinze dias de banhos, com a água da fonte da Senhora da Orada, começou a andar.⁽¹⁶⁾

Nos meados do século, Francisco Moreira, de São Vicente da Beira, trabalhava numa serralharia da Covilhã. Um dia, saltou-lhe líquido da soldadura para a vista, deixando de ver. Foi a médicos, mas continuava sem melhoras.

A mãe, ao saber, foi vê-lo e levou uma garrafa com água da fonte da Senhora da Orada. A mãe começou a chorar, junto do filho. Este disse à mãe que não chorasse, mas que pedisse à Senhora da Orada. A mãe rezou e banhou os olhos do filho com “água santa” da Senhora da Orada, que logo começou a ver.

Este milagre foi publicado no Jornal “O Pelourinho”, de São Vicente da Beira.⁽¹⁶⁾

Uma mulher do Souto da Casa, de nome Maria de Jesus, tinha um cancro num peito. Foi ao hospital de Palhavã e mandaram-na para casa, sem cura.

Maria de Jesus tinha uma comadre, a “comadre das castanhas”, porque arrendavam juntas um souto, para apanharem as castanhas, que lhe disse que havia uma mulher em Chaves que curava as doenças ruins. Foi com a comadre a Chaves, levando uma “chapa” (radiografia) tirada no Fundão.

A mulher curandeira retalhou-lhe o peito em quatro, fez os curativos e disse que voltassem lá. Maria de Jesus pegou-se com a Senhora da Orada. Rezou, pedindo que a curasse, que lhe daria o cordão do ouro e que todos os anos lhe iria agradecer. Depois de quinze dias, de tratamento apenas com as “águas santas” da fonte da Senhora, o peito apareceu curado.

Maria de Jesus foi oferecer o cordão à Nossa Senhora da Orada, devendo pertencer-lhe perpetuamente, não podendo ser vendido.⁽¹⁷⁾

No ano de 1968, uma mulher da aldeia de Pera do Moço, Escalos de Cima, bateu à porta do ermitão da Senhora da Orada, pedindo-lhe um favor. Queria apanhar banhos, na fonte da Senhora, para ver se se curava, porque andava “inflamada” por dentro e os médicos nada lhe faziam. Ficou hospedada na casa do ermitão.

Durante três semanas, tomou banhos, na fonte, e foram-lhe ministrados clisteres com água da mesma fonte. Curou-se por milagre. Passou a ir à festa, todos os anos, com peregrinos da sua região, levando garrações das “águas santas” da Senhora da Orada, para distribuir pelas pessoas.⁽¹⁸⁾

Concluindo, podemos dizer que a água, nas religiões, nos mitos e nas cosmogonias, é um elemento de regeneração e de criação. É fonte de purificação, na simbólica cristã, e é germen de vida, na crença de certos povos, como fecundadora das mulheres das ilhas do Pacífico, na Polinésia, que concebem ao passarem sobre as águas de certos

charcos⁽¹⁹⁾, como as mulheres índias Pima, no Novo México, que são fecundadas por gotas de água caídas das nuvens.⁽²⁰⁾

Na crença das religiosidades populares, a água é, também, um elemento curativo, contendo virtudes sagradas, relacionadas com entes divinos ou santificados, produzindo factos ditos milagrosos, como na Nossa Senhora da Orada, cuja fonte é lembrada, nas cantigas de romaria, pela seguinte quadra:

Nossa Senhora da Orada,
Vossa água tem virtude;
Chegam-se lá os doentes
E de lá vêm com saúde.

* *Investigador de temas antropológicos*

Notas

(1) Inscrição no Pavilhão da Santa Sé, EXPO 98, 1998
(2) AUGÉ, Marc, Não Lugares - Introdução a uma antropologia da sobremodernidade, Bertand Editora, Lisboa, 1994, p. 86

(3) SANTA MARIA, Frei Agostinho de, Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, Lisboa, 1711

(4) ELIADE, Mircea, Tratado da História das Religiões, Editora ASA, Lisboa, 1992, p. 243.

(5) ESPÍRITO SANTO, Moisés, A Religião Popular Portuguesa, Editora A Regra do Jogo, Lisboa, s/d, p. 33

(6) ATIENZA, Juan G., A Meta Secreta dos Templários, Editora Litexa-Portugal, Porto, 192, pp. 200-204, Nove, número de perfeição, na simbólica templária

(7) Informadora: Etelvina Teodoro, 64 anos, natural de São Vicente da Beira, em 23 de Julho de 1987, que ouviu o pai contar o facto.

(8) Informador: José de Matos, 87 anos, natural de Casal da Serra.

(9) Informadora: Etelvina Teodoro

(10) Informadora: Etelvina Teodoro

(11) Informadora: Etelvina Teodoro

(12) Joaquina Mendes, Casal da Serra, 80 anos, em 20 de Agosto de 1987.

(13) Informadora: Joaquina Mendes

(14) Informador: José de Matos

(15) Informadora: Etelvina Teodoro

(16) Informadora: Etelvina Teodoro

(17) Informadora: Etelvina Teodoro

(18) Informadora: Etelvina Teodoro

(19) ELIADE, Mircea, Tratado da História das Religiões, Editora ASA, Lisboa, 1992, p. 245

(20) ELIADE, Mircea, Idem

A ÁGUA NA MEDICINA POPULAR NO CONCELHO DE PROENÇA-A-NOVA

por Maria da Assunção Vilhena*

Desde longínquos tempos que muitas populações deste concelho, incluindo a própria sede, sofreram de falta de água, não porque não a houvesse em vastas toaldas sob um solo difícil de penetrar, mas porque se ignoravam os métodos de a trazer à superfície. A água era, então, tratada com o respeito devido a tudo o que é desejado e difícil de obter. Era habitual ouvir dizer às pessoas mais velhas o ditado: “Quem não poupa água nem lenha, não poupa nada que tenha”. As fontes, quase todas de mergulho ou de *chafurda*, como então se dizia, no pino do Verão quase secavam, tendo de as raspar com uma pequena vasilha de lata para se conseguir de lá tirar as últimas gotas do precioso líquido, que já vinha sujo e pouco próprio para consumo. Faziam-se filas que duravam longas horas, de dia e de noite, para encher um cântaro para beber e para os modestos gastos domésticos. Os lugares nas filas eram respeitosamente guardados, mesmo que o dono da vasilha tivesse de se ausentar por algum motivo imperioso. Só quem tinha o direito de passar à frente, eram os aldeãos da serra que se dirigiam às feiras ou aos mercados na vila e os malhadores em exercício nas grandes eiras comunitárias ou particulares. Quando algum deles se aproximava da fonte, de cântaro ao ombro, logo se ouvia a voz de algum dos elementos da fila: “Deixem que é malhador!”

(*A Flor Feto Real*, p. 190 e *Gentes da Beira Baixa*, pp. 34 e 35).

1. A água nos tratamentos do corpo

Na grande quantidade de mezinhas que as mezinheiras desta zona fazem (antigamente muito

mais do que hoje) para tentar curar toda a espécie de maleitas que afligiam as pessoas, não se encontram muitas em que a água seja o elemento mais importante. Ela serve apenas de veículo a uma extensa



lista de ervas, folhas de oliveira, pinhas tenras, linhaça, cereais, corrilhão, barbas de milho, pés de cereja, rodela de marmelo seco, cascas de romã, etc., em chás, tisanas e infusões.

Em banhos aos pés, usava-se a água quente com cinza ou mostarda, para combater estados febris, principalmente nos catarrais. Em qualquer parte do corpo atingida por dores reumáticas, empregava-se a água quente resultante da decocção de erva gigante (acanto).

Em lavagens, para curar inflamações ou infecções de toda a espécie e extensão, empregavam a água de malvas ou de carqueja. Em caso de cólicas intestinais, estomacais ou de vesícula, também bebiam essa água.

Em gargarejos, empregavam a água resultante da decocção de amoras e olhos de silva.

Em cataplasmas de linhaça para aplicar no peito, em caso de bronquite, nos furúnculos ou em qualquer outro abcesso, empregavam água fervente, embora muitas mezinheiras preferissem o leite ou o vinagre.

Como bebida, para combater a diarreia, usavam caldo de farinha crua e, para alimento das crianças, velhos ou doentes, ferviam a água com farinha diluída e um pouco de açúcar.

Aconselhadas pelo famoso Barbeiro das Relvas, algumas pessoas que sofriam de males da pele, dos intestinos ou de reumatismo, iam tratar-se nas Termas da Ladeira - Envendos ou nas Termas da Fadagosa, perto de Niza.

Mas a água comum, ao natural, exceptuando para

matar a sede, não era usada em tratamentos; pelo contrário: era considerada perigosa para a saúde. Não se lavavam as pessoas doentes nem as parturientes antes de passar o mês. Nos Cunqueiros costumavam guardar, debaixo do colchão, sem ter sido lavada, a tesoura com que se tinha cortado o cordão umbilical. Essa lavagem também só ocorreria um mês depois do parto... (*Gentes da Beira Baixa*, p. 38).

2. A água na medicina religiosa e mágica

No outro aspecto da medicina popular, a que poderemos chamar “medicina religiosa e mágica”, nos rituais benéficos, a água tem uma grande importância. Quando alguém está mal disposto e com dor de cabeça diz ou pensa que tem quebranto e, regra geral, recorre à benzedeira. Esta prepara um prato com água, onde deita três gotas de azeite e receita o ensalmo respectivo:

Fulano/a, Deus te fez,
Deus te criou,
Esta lua por ti passou
Ela te torne a deixar,
Em louvor das três Pessoas
Da Santíssima Trindade.
Em nome do Pai, do Filho
E do Espírito Santo.

Se, durante a prática, o azeite se espalhou à superfície da água, conclui-se que o paciente tinha sido vítima de “mau olhado”. Então, repete-se a prática, tantas vezes quantas forem necessárias (em número ímpar) até à cura total. Algumas benzedadeiras, noutros tempos, usavam, em vez de prato, uma tigela com água, sobre a qual faziam cruces com um ramo de alecrim ou moita a arder; os ramos queimados caíam na água e, se tinha havido “mau olhado”, iam imediatamente para o fundo. Em geral, estas práticas realizavam-se na cozinha, onde a fogueira crepitava. No fim da reza, de costas viradas para a lareira, a benzedeira atirava o conteúdo da tigela para o fogo, por cima do ombro.

Por vezes, era o próprio paciente que fazia a cura. Perante o prato de água com as gotas de azeite recitava:

Deus me fez,
Deus me criou;
Deus me cure
De quem mal p'ra mim olhou.
Duas ma botaram,
Três ma handem tirar:

As três Pessoas da Santíssima Trindade.

Se és quebranto, eu t'espanto
Se és estrepasso, eu te passo;
Se é p'la testa, Deus m'acuda depressa;
Se é por trás, Deus m'acuda, S. Brás;
Se é por diante, Deus m'acuda sempre.
(Versão da Aldeia de Padrão)
(*Gentes da Beira Baixa*, pp. 265 a 267).

Por todo o concelho se acredita que, pelo S. João, a água está benta desde a meia-noite (do dia 23) até ao meio-dia (do dia 24). Contam as mulheres mais idosas que, quando eram raparigas, ao dar a meia-noite, corriam aos poços e fontes a encher todos os cântaros e caldeiros para apanhar a *olha* da água benta... Depois, iam tomar banho nos poços menos fundos e nas ribeiras, se moravam perto delas. No Pucariço, faziam a fogueira de S. João no leito, da

larga ribeira pois, como se estava no Estio, a corrente era fraca e havia várias “ilhas” que podiam ser aproveitadas, não só para corar a roupa e as meadas de linho, mas também para se divertirem nessa noite memorável. As raparigas descalças, de pés na água, desfaziam as tranças, deixando cair os longos cabelos pelas costas abaixo, como náiades, e molhavam-nos na água benta, penteando-os para que ficassem mais fortes. Depois, de mãos dadas, cantando cantigas ao S. João, dançavam à volta da “ilha” e, conseqüentemente, da fogueira, recebendo, ao mesmo tempo, a benção da água e do fogo pois, “também à fogueira se liga uma



intenção benéfica ou divinatória” (Rocha Peixoto, *Etnografia Portuguesa*, p. 75).

Por toda a parte, na madrugada de S. João vivia-se uma actividade extraordinária: homens e mulheres iam *ogar* as hortas porque, com a água benta, as plantas medravam mais, pois ela é “a fecundadora, a divinatória e a salvadora” (no dizer de Rocha Peixoto, ob. cit. p. 58). Nas Corgas, as raparigas iam em grupo *ogar* as hortas e lá molhavam e penteavam os cabelos com o fim de ver medrar as plantas e as suas cabeleiras. Na Mó, embora fizessem a fogueira no cabeço, iam à fonte mergulhar os cabelos que penteavam molhados.

Também os animais beneficiavam desse dom da água no dia de S. João, pois os seus donos, com baldes dessa *olha* divinatória, armados de bassouros, aspergiam-nos, pronunciando jaculatórias do tipo “Deus te proteja!”. Esta prática tinha (ou tem, pois as pessoas mais velhas ainda a fazem) o duplo fim de

defender os animais das doenças e do medo das trovoadas.

Graças às tecnologias que o progresso pôs à disposição do homem e ao zelo dos autarcas que têm administrado este concelho, todas as povoações têm água ao domicílio, as fontes de mergulho fazem

parte da “arqueologia”, as mezinhas em que o veículo era a água e as práticas da medicina religiosa e mágica estão em vias de extinção.

* Professora. Investigadora de temas regionais.

EL AGUA Y LOS POETAS

por José Miguel Santolaya Silva*

"É Primavera, dizem! Derradeira,
a chuva molha ainda o ar..."

Antonio Salvado

?Quê dicen los poetas del agua?, ?Qué cantan los poetas al agua?... sintieron alguna vez la sed del agua; del amor; de la justicia; de ser. .. de la SED...con mayúsculas?

En efecto, la gran mayoría de los poetas y literatos en general han cantado al líquido elemento, obligados por la sed interior, por la sed de comunicarse por la necesidad vital de amar, por amor al arte y por el arte de saber transmitir la palabra.

Gracias al agua han florecido muchos campos yermos y muchas mentes secas de ideas, cuántos fuegos de pasión los apagó el agua y aún sigue fluyendo de los manantiales y ríos que surcan la madre tierra:pongo la mano en ti/ y no eres fuego,/ mi escalofrío es este,/ quererte siempre así,/ tal como no eres a la altura del agua/ y por encima/ de las rodillas torpes de mi miedo,/ este potro abocado a los desmanes/ de tu sed y mis labios y esa fuente/ que iluminas de noche,/ todo el mundo me ve cuando me inclino/ a beberte despacio/ y hasta la última gota/ cada vez que te sueño.! (de Fernando Beltrán -"Me quemas y no importa")

Nuestro máximo Príncipe de las letras y del amor: Luis de Camões, nos dejó en "El vaso reluciente y cristalino" su canto al agua ... El vaso reluciente y cristalino,/de ángeles agua clara y olorosa,/ de blanca seda ornado y fresca rosa,/ ligado con cabellos de oro fino./bien claro parecía el don divino/ labrado por la mano artificiosa/ de aquella blanca ninfa,graciosa/ más que el rubio lucero matutino./ - En el vaso vuestro

cuerpo se figura/rajado de los blancos miembros bellos/ y en el agua vuestra ánima tan pura;/ la seda es la blancura,y los cabellos/son las prisiones y la ligadura/ con que mi libertad fue asida dellos".

Luis de Góngora dedica este explícito soneto: " !Oh claro honor del líquido elemento,/dulce arroyuelo de corriente plata,/cuya agua entre la yerba se dilata/

con regalado son, con paso lento!,pues la por quien helar y arder me siento/(mientras en tí se mira), Amor retrata/ de su rostro la nieve y la escarlata/ en tu tranquilo y blando movimiento,/ vete como te vas;no dejes floja/ la undosa rienda al cristalino freno/ con que gobiernas tu veloz corriente;/ que no es bien que confusamente acoja/tanta belleza en su profundo seno/ el gran Señor del húmido tridente".

El autor de *Platero y yo*, Juan Ramon Jiménez nos ofrece "Con lilas llenas de agua..." (Rit de la fraîcheur de l'eau-Victor Hugo).

"Con lilas llenas de agua, le golpeé las espaldas.Y toda su carne blanca se enjoyó de gotas claras.! Ay, fuga

mojada y cándida,sobre la arena perlada!- La carne moría pálida, entre los rosales granas; como manzana de plata,amanecida de escarcha-. Corría, huyendo del agua, entre los rosales granas. Y se reía, fantástica.La risa se le mojaba.Con lilas llenas de agua, corriendo, la golpeaba...

San Juan de la Cruz en su "Cantar del alma que se huelga de conocer a Dios por Fé" nos acerca a la Fuente Divina: " Quê bien sé yo la fonte que mana y corre aunque es de noche...que bien sé yo do tiene de esta agua se hartan,aunque a oscuras ...Aquesta viva fuente,que deseo,en este pan de vida yo la veo,aunque es de noche",

"Entraréis en el agua,barquero nuevo y sabréis a



que sabe batir los remos. Vos que los mares de amor no habéis navegado, ni habéis los golfos pasado que hay dei desdén al favor, conoceréis el rigor de su instalable variedad; probaréis la tempestad de los procelosos vientos y sabréis a quê sabe mover los remos” ...hermosa lección que plasmó Bernardino de Rebolledo.

Carles Riba en TANKA con casi cuatro letras nos resume toda una vida: “ ! Quê enfurecidas/oigo correr las aguas/de nuestro amor./ si a ti voy por el debil/ puente de una caricia!.

Y como broche final de este pequeno divertimento

recordaré un verso de nuestro querido poeta albicastrense, poeta de la Beira y poeta de Portugal, António Salvado:

Água que tombas na superfície
lisa dos meus olhos, és presença
de sempre, sabida na difícil
viagem tão longa do silêncio...

San Martín del Castañar-Sierra de Francia 1998

* *Jornalista*

DROGAS VERSUS MEDICAMENTOS UMA NÓTULA HISTÓRICA

por Romero Gandra*

Em 1871 foi publicada em Madrid, da autoria de D. Juan Texidor Y Cos então catedrático de Farmácia da Universidade Central uma obra intitulada “Flora Farmaceutica de España y Portugal” cujo conteúdo em termos de matéria médica era fundamental para a época; esta, profundamente, marcada pelos medicamentos então manipulados, constituiu a ligação entre um passado votado à terapêutica por meios fornecidos essencial e naturalmente pela flora e pela fauna, e um século XX em que os medicamentos de síntese, produzidos pelos grandes empórios laboratoriais, acabaram por ocupar o espaço terapêutico outrora cometido àqueles.

O recurso às plantas como fornecedoras de princípios terapêuticos foi primordial; Homero cita-as em alguns dos seus poemas, Hipócrates enumera mais de 230 plantas e um discípulo de Aristóteles, Teofrasto, descreve cerca de 350 relativas à Grécia para além de analisar a influência do ar e da geografia sobre as mesmas. Não pode ser relegado para segundo plano o nome de Pedanio Dioscórides, contemporâneo de Nero e médico das legiões romanas, que escreveu o tratado “De matéria médica” dividido em cinco livros e onde estão descritas cerca de 600 plantas, 35 produtos animais e 90 minerais com as respectivas aplicações terapêuticas (Guerra 1982).

A obra que começamos a citar, de Texidor Y Cos (1871), engloba a descrição exaustiva de inúmeras plantas com as respectivas aplicações terapêuticas; como exemplo extratamos o que aquele autor expõe

acerca da figueira do diabo ou rícino, o seguinte:

“Las HOJAS se han prescrito para cubrir y acelerar la euracion de algunas úlceras, segun Adanzon las empleon los negros del Senegal para curarse de la cefalalgia colocándolas sobre la cabeza, y en muchos pueblos, como en el Malavar, las machacan frescas aplicándolas en cata-plasma contra la gota; los renuevos y los FRU-TOS no maduros se usan en la

China como purgantes. La SEMILLA (*Catapucia major*), es obovada (...) Por mucho tiempo se ha creído que el sabor acre de estas semillas debido es á su embrion, cortado el cual, los cotiledones debieran resultar inertes, opinion errónea, pues el sabor y propiedades del em-brion son iguales á las de toda la almendra. Se usan estas semillas para extraer su aceite y más que él son purgantes; pues afirmó Tournefort que bastan dos almendras para

purgar y la gente del campo lo consigue de 4 á 6. Teofrasto y Discórides describieron “el *Kiki*, del qual dicen es un árbol que se encuentra en Egipto y España; su tallo se parece al de una férula; sus hojas á las de la vid ó del plátano, y sus frutos á racimo de uvas.” Tambien el Génesis trata del *Kiki*, bajo cuyas ramas se cobijó el profeta Jonás, y Plínio añade que los romanos le llamaban *ricinus*, por la semejanza de sus semillas com garrapatas, que tambien llevan dicho nombre, no dejando estas indicaciones la menor duda de qua el *Kiki* de los griegos es nuestra palmachristi, de cuyas semillas obtenian el ACEITE, que era empleado como purgante y para el alumbrado, citado ya en la Biblia y otros textos muy antiguos”.



Trata-se, em nossa opinião, duma obra de consulta fundamental para o investigador que pretenda estudar a flora farmacêutica Ibérica.

Se por um lado existem plantas que oriundas de regiões distantes, como por exemplo do Extremo Oriente no caso do chá, ao qual se pode associar o betel que se prepara basicamente com folhas da árvore do mesmo nome, mas cujo elemento psicoactivo é a noz de uma palmeira (*Areca* *Arechu*) que já tinha sido descrita por Teofrasto no século III a.C.

O código de Hammurabi alude ao vinho, impondo sanções rigorosas, para todo aquele que praticasse manipulações indevidas, as quais poderiam levar os prevaricadores a serem condenados ao afogamento, aliás um dos tipos de pena capital prevista no Código (Escohotado 1990).

A história da terapêutica médica decorre através das descrições do papiro de Ebers (c. 1550 a.C.) até aos lugares por vezes isolados de culto cristão, onde a partir do século V acabará por emergir a Medicina Monacal (Conventos, Abadias, etc.), criando hortos que permitiam a cultura de plantas medicinais; passará mais tarde pelo movimento

alquimista, assumindo-se a latroquímica de Paracelso como um marco fundamental, o mesmo vindo a acontecer posteriormente como a Homeopatia.

Porém é no século da luzes que se autonomiza a química, quando Lavoisier enunciou a Lei da Conservação da Matéria no seu Tratado Elementar da Química (1789): "Rien ne se crée, ni dans les opérations de l'art, ni dans celles de la nature, et l'on peut poser en principe que, dans toute operation, il ya une égale quantité de matière avant et après l'opération; que la quantité et la qualité des principes est la même, et qu'il n'y a que des changements, des modifications", associada a inúmeros outros trabalhos seus, lança as bases da química moderna bem como o estudo da "máquina animal" nos diferentes aspectos quimiofisiológicos (Chast 1995).

A plêiade de sábios contemporâneos a Lavoisier e da Revolução iria catapultar a França para um plano invejável a nível internacional.

As Escolas de Saúde criadas fizeram do Hospital um dos lugares fulcrais na formação dos estudantes nascendo o internato em Medicina em 1802 e o de Farmácia em 1814.

Seria porém com Magendie que foi criado o conceito de farmacologia experimental, sem o ter mencionado explicitamente, baseando uma parte dos seus trabalhos na identificação da acção dos venenos e dos medicamentos sobre o homem e os animais (Chast 1995).

A história natural dos agentes empregados em Medicina, alimenta-se permanentemente da etnofarmácia, uma vez que se trata da procura duma forma de felicidade ou seja a saúde.

As descobertas na primeira metade do século XIX foram notáveis e diversas, como por exemplo com Mein, químico alemão, que isolou em 1831 a atropina a partir da Beladona; a escopolamina isolada em 1881 por Ladenburg e a efedrina pelo farmacologista japonês Nagajosi Nagai (1844-1929).

Conforme refere Escohotado (1990), o uso indevido de certas drogas, transformou-as num quinto cavaleiro do Apocalipse, num mundo em que a privacidade das pessoas é cada vez mais teledirigida.

Hoje em dia, porém, o medicamento e toda a política a ele associada, converteram-se num elemento económico

de primeiro plano que pode assumir contornos de autêntica escravatura industrial, quando se sabe existir um número reduzido de países extremamente ricos e industrializados que controla o seu fabrico e distribuição por países deles dependentes, com especial evidência para os ditos terceiro-mundistas.



* Médico. Doutor em História da Medicina.

Bibliografia

Chast, F. (1995) Histoire Contemporaine des médicaments, Ed. La Découverte, Paris.

Cos, J. (1871) Flora Farmaceutica de Espana y Portugal, Imp. Ducazcal, Madrid.

Escohotado, A. (1990) Historia de las Drogas, vol.1, Alianza Editorial, Madrid.

Guerra, F. (1982) Historia de la Medicina, Tomo I, Ed. Norma, Madrid.

X JORNADAS DE ESTUDO

As X Jornadas de Estudo “Medicina na Beira Interior - da pré-história ao séc. XX” tiveram lugar nas instalações do Instituto Português da Juventude, em Castelo Branco, nos dias 13 e 14 de Novembro de 1998. Um conjunto de mais de 20 comunicações sobre os temas do encontro foram apresentadas, numa demonstração consistente do apelo à interdisciplinaridade, que tem caracterizado estes encontros de investigadores e estudiosos da realidade cultural da região enquadrável no âmbito das Ciências Humanas. São estes os títulos de todos os trabalhos comunicados:

CONFERÊNCIA INAUGURAL:

Las aplicaciones terapéuticas del agua en Europa en el siglo XVI

- Professor Doutor Antonio Carreras Panchón

I - A ÁGUA NA OBRA DE AMATO LUSITANO

1. *A água em “De Medica Materia”, Dioscórides, segundo Arnato Lusitano e Andres Laguna*

- Professor Doutor Alfredo Rasteiro

2. *A água, medicina universal, na obra de Amato Lusitano*

- Doutora Fanny Xavier da Cunha

3. *A água e a vida quotidiana à luz das IV e V Centúrias de Curas Medicinais de Amato Lusitano*

- Doutor António Lourenço Marques

4. *A ironia em Amato Lusitano*

- Doutor José Morgado Pereira

5. *A água fonte de vida e morte - das Curas de Amato Lusitano ao imaginário das gentes e às terapias dos inícios do séc. XX na Beira Interior*

- Doutora Maria Adelaide Salvado

II - A ÁGUA E A MEDICINA NA BEIRA INTERIOR

1. *O sagrado da água em cultos criptojudáicos na Beira*

- Mestre Maria Antonieta Garcia

2. *A água e a fonte: na pista da sexualidade*

esquecida

- Mestre António Maria Romeiro Carvalho

3. *Aguas e Curas Milagrosas na Serra da Gardunha*

- Mestre Albano Mendes de Matos.

4. *A água na medicina popular no concelho de Proença-a-Nova*

- Doutora M'Assunção Vilhena Fernandes

5. *Um facto já histórico: o bócio na região e a importância da água na saúde*

- Doutor Fernando Dias de Carvalho

6. *Dieta hídrica*

- Doutora Melba Costa

III - OUTROS TEMAS

1. *Los Poetas y el Agua: desde Camões a Jose Marti*

- Jornalista Jose Santolaya Silva

2. *La enfermería antes de Cristo*

- Doutor Andres Moreno Mendez

3. *Monsanto 1813 - um quotidiano de dor*

- Mestre Pedro Salvado

4. *De quando a água passou a ser constituída por oxigénio e hidrogénio e a adesão dos químicos portugueses à nova teoria no século XVIII*

- Mestre Maria de Fátima Paixão

5. *“... o Espírito de Deus paira sobre a superfície das águas”*

- Mestre Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata

6. *Os médicos e a escrita*

- Doutor João Manuel Nabais

7. *Drogas versus medicamentos*

- Professor Doutor Romero Bandeira Gandra.

As XI Jornadas foram marcadas para os dias 12 e 13 de Novembro de 1999, com os seguintes temas:

1. Os Quatro Elementos na Obra de Amato Lusitano;

2. Os Quatro Elementos e a Medicina na Beira Interior;

3. As relações culturais entre Salamanca e a Beira Interior;

4. Outras comunicações de interesse para a História da Medicina.